

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23168

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEGUNDA-FEIRA 29 JANEIRO 90 60\$00

EDITORIAL

Os poderes de Belém

Tão razoável como prever, em Dezembro de 1979, a emergência do Parlamento, remetendo para segundo plano o PR (preponderante durante os governos minoritários e de iniciativa presidencial), é admitir, agora, que o Palácio de Belém será chamado a intervir mais activamente na vida política portuguesa.

Sinal disso foi a mediação de Mário Soares no conflito entre o Governo e os militares, à semelhança do que sucedera (nesse caso, com a Igreja) na questão do ensino da religião e moral. Por outro lado, surgem notícias acerca da preocupação dos socialistas-democratas com tática «belenense» das «presidências abertas» (aliás, herdada das peregrinações municipais da época eanista), que teria por efeito «amalgamar» PS e PSD...

No regime semi-presidencial vigente - o PR dispõe de poderes mais vastos do que o Chefe de Estado de um regime parlamentar, mas não basta atender aos poderes jurídicos - é sobretudo através da prática constitucional que se define a natureza da sua intervenção.

Depois de 19 de Julho de 1987 iniciou-se uma experiência inédita: a «co-habitação» de uma maioria absoluta monopartidária na AR com um PR eleito com o apoio expresso dos principais partidos da oposição. Neste quadro, Mário Soares preferiu remeter-se a um papel político discreto, compensado pela espectacularidade das cerimónias públicas. Mas - conforme se recorda no debate que o «DL» hoje publica (nas centrais) - os actos simbólicos também constituem uma forma de exercício do poder.

Os resultados das autárquicas, renunciando o fim de uma maioria absoluta monocolor em S. Bento, obrigam a olhar com maior atenção para os lados de Belém - e os debates acerca da natureza do regime, colocados entre parêntesis pelo «terramoto eleitoral» de 19 de Julho, vão retomar o seu curso...

Mário Mesquita

Jornalistas italianos em greve

A tomada do poder na Mondadori por Berlusconi, que detinha já três cadeias de televisão, agita a comunicação social italiana

“O nosso director não sairá” - disseram-nos da redacção do La Repubblica, quando, esta manhã, tentámos obter informações sobre a possível demissão de Eugenio Scalfari, que se tem oposto, com o apoio da sua redacção, à tomada do poder pelo grupo Berlusconi.

Imprensa, Rádio, Televisão e agências de informação paralizaram hoje a cem por cento em Itália, a fim de pressionar a criação de uma lei contra as concentrações de órgãos de comunicação social e a regulamentação do sistema televisivo.

A questão da lei anti-trust deverá ser debatida amanhã pela Corte Constitucional - que já uma vez considerou a concentração anti-constitucional.

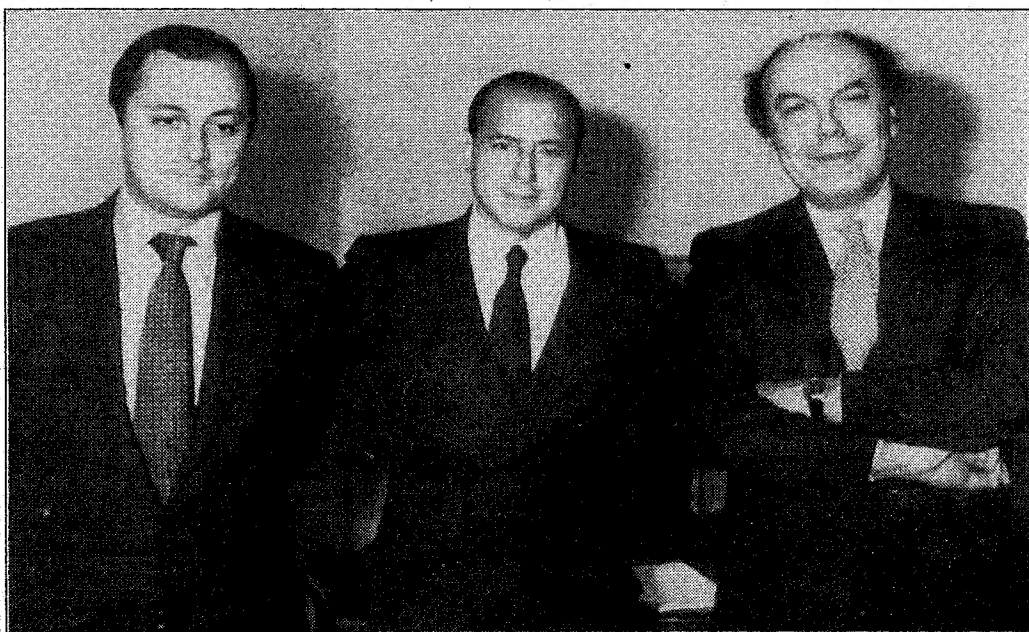
Págs. 2, 3 e 4

«De uma República a outra»,
por Eduardo Paz Ferreira

«La Repubblica italiana
nas mãos de Silvio Berlusconi»,
por Alessandra Balsamo

«O boss italiano»,
por António José Teixeira

la Repubblica



Silvio Berlusconi, o novo presidente da editora Mondadori, entre os vice-presidentes Luca Formenton e Leonardo Mondadori

Grupo de trabalho
de análise política

O PRESIDENTE NA PRÁTICA CONSTITUCIONAL PORTUGUESA

Diário de Lisboa

Págs. 20 e 21

Recebido por Soares e Cavaco Savimbi atingiu o seu objectivo

Há anos que Jonas Savimbi travava, em várias frentes, uma batalha diplomática para vir a Portugal. Conseguiu-o agora e, mais importante, obteve de Mário Soares e de Cavaco Silva o direito a audiências. O Presidente recebeu-o em Belém mas Cavaco Silva deixou propositadamente que sobre a audiência pairassem algumas dúvidas: proibiu as fotografias (a História ficou sem registo do encontro do primeiro-ministro português com o líder dos rebeldes angolanos), marcou a audiência para a sede do partido, mas, aqui, quem recebeu e depois acompanhou à porta Jonas Savimbi foi o assessor diplomático do primeiro-ministro, que, por sinal, não é dirigente do PSD. Quem não recebeu Savimbi foi o líder do PS, que confiou tal tarefa ao presidente do partido. Quanto ao CDS marcou presença logo no aeroporto, onde Freitas do Amaral se deslocou para receber o líder da UNITA. Sobre o que Savimbi tem dito, tudo se resume numa frase: Portugal tem um papel fundamental em África e deve desempenhá-lo de imediato.

Pág. 8

Anos 60: os factores de mudança

Começa hoje na Gulbenkian um ciclo de conferências sobre a década de todas as mudanças. Em questão a revista «O Tempo e o Modo», seminal de tanta coisa que se passou entretanto. O «DL» antecipa-se e publica alguns depoimentos a propósito

Págs. 22 e 23



Processados
28 pilotos
da FAP
Pág. 7

Rosa Mota
venceu
a maratona
de Osaka
Pág. 33

Os desastres
da política
audiovisual
- por Artur Castro
Neves
Pág. 27

Torres Couto
sem «generais»
Pág. 15

O duelo entre Carlo De Benedetti e Silvio Berlusconi, a pretexto do controlo da editora Mondadori, transformou-se numa novela que envolveu políticos, financeiros e jornalistas. O protelamento da lei antimonopolista e uma teia de interesses e cumplicidades deixaram tudo na mão do patrão da televisão privada italiana

GRANDE ANGULAR

La Repubblica italiana nas mãos de Silvio Berlusconi

Sua Emittenza o patrão da TV privada italiana, o patrão de cadeias de supermercados, de conjuntos habitacionais, da maior agência de publicidade, da equipa de futebol Milan, o patrão de um dos mais vastos e omnipresentes impérios financeiros italianos - Silvio Berlusconi - acabou de conquistar a última fortaleza desejada: o controlo e a presidência da mais importante e prestigiada editora italiana, a Mondadori.

De nada adiantou o protestar dos políticos contra as concentrações dos meios de Comunicação Social, o espectro da aprovação de uma lei antitrust, a indignação da opinião pública ou os contundentes editoriais de Eugénio Scalfari, director de La Repubblica. Silencioso, discreto, apoiado pelos sorrisos e as palavras do capitão-mor da indústria italiana, Gianni Agnelli e pelo Grão Mestre da loja maçónica P2, Licio Gelli, Silvio Berlusconi, o amigo de Craxi e Andreotti, empreendeu a lenta e calibrada acção que lhe permitiu passar de sócio minoritário para presidente da Mondadori. Jogou e ganhou.

Quinta-feira passada, na primeira reunião (das dez) da assembleia ordinária dos sócios Mondadori saíram 13 conselheiros da aliança Berlusconi-Formenton-Mondadori. Carlo de Benedetti, presidente da Olivetti e da sociedade financeira CIR, antigo aliado dos Formenton-Mondadori, nem compareceu à assembleia para ocupar os dois lugares que lhe tinham sido reservados e mandou dizer, anunciando próximas batalhas, que o procedimento com que se tinha chegado à votação é ilegítimo. Mais tarde, na primeira reunião do recém-eleito conselho administrativo, são designados os vice-presidentes Leonardo Mondadori e Luca Formenton e o novo presidente Silvio Berlusconi.

O Império Berlusconi

Completamente destituída da sala do conselho e da presidência a antiga gestão De Benedetti, o império Berlusconi tem agora que acrescentar nos seus mapas (três canais de televisão, circuitos de salas de cinema, catálogos de filmes, dois teatros, a

agência de publicidade Publitalia, um jornal diário, um semanário e três cadeias de supermercados) um império editorial com 16 filiais, 24 revistas (entre os quais estão os mais prestigiosos e mais vendidos semanários políticos - Panorama e L'Espresso), 16 jornais diários (entre os quais se conta La Repubblica) e outros tantos empreendimentos no âmbito da edição, publicidade e produção de vídeo.

Em termos percentuais, Berlusconi além de ter os 40 por cento da audiência televisiva italiana é, depois da conquista da Mondadori, o detentor de 17 por cento dos diários, 33 por cento dos semanários e controla 42,7 por cento do mercado publicitário. No âmbito geral, controla 30 por cento da informação italiana ao lado outro big brother da difusão de ideias e informações: Gianni Agnelli, indirectamente proprietário, através da sociedade Gemina (expediente para fugir à lei contra a concentração editorial), de 20 por cento das tiragens das publicações italianas, caso dos diários La Stampa, Stampa Sera,

Corsera, Gazzetta Dello Sport.

A opinião pública italiana fala, discute, interroga-se. Como foi possível? Berlusconi, nas suas manobras para o cerco da editora de Segrate, agiu dentro da legalidade, do respeito e do profundo conhecimento dos regulamentos societários. Agiu diplomaticamente, explorando um certo descontentamento dos aliados do seu adversário Carlo de Benedetti - as famílias Formenton e Mondadori. Uma vez alteradas as alianças e portanto o quadro das relações de força dentro da empresa, não restou outra coisa a Berlusconi senão aplicar o seu plano, minuciosamente preparado em função de todas as possíveis e naturais reacções do seu adversário.

Berlusconi ganhou por enquanto, mas, do ponto de vista legal, o êxito da luta entre ele e Carlo de Benedetti depende da sentença do tribunal sobre a validade da convenção assinada a 21 de Dezembro 1988 entre os Formenton e a sociedade financeira CIR, de Benedetti. Se a validade do documento for reconhecida, a família Formenton será obrigada a

vender a próprias quotas a De Benedetti e Silvio Berlusconi será irreparavelmente derrotado.

Por trás de toda a questão legal e financeira que empenhou batalhões de advogados e abundantes milhões de contos, há porém a questão política dos interesses e das ligações, das coberturas abertas e dos silêncios cúlplices, das personagens incómodas para o poder político e da instrumentalização dos meios de Comunicação Social, através das regalias concedidas ao empresário simpático à maioria.

As ligações políticas

Silvio Berlusconi não seria hoje presidente da Mondadori, por exemplo, se a lei contra a concentração dos meios de comunicação social tivesse sido aprovada em tempo útil pelo parlamento. Há dez anos (por altura do começo das televisões privadas) que a Corte Constitucional pressiona o Parlamento para que estude e apresente um projecto de lei que limite a concentração. É nessa altura que a Corte Constitucional de-

creta, por falta de iniciativa política, o encerramento dos três canais de Silvio Berlusconi. Bettino Craxi já amigo, na altura, de Silvio Berlusconi interveio in extremis com um decreto (chamado, por sinal, Berlusconi) e os três canais de Sua Emittenza voltam a brilhar, enquanto se espera a lei. Os anos passam e, em Maio de 1989, há finalmente um projecto de lei para discutir no Parlamento. É o projecto de lei do ministro dos Correios e Telecomunicações, Oscar Mammì, do Partido Repubblicano Italiano, que fixa um tecto máximo de concentrações igual a 20 por cento da receita total do sector (25 por cento para o editor-«puro») e estabelece os seguintes limites: quem controla mais que 16 por cento das tiragens dos jornais diários não pode possuir canais de televisão, quem controla mais de 8 por cento pode ter uma, quem esta entre 1 por cento e 8 por cento das tiragens pode controlar dois canais. Quem não tiver jornais diários pode ter três.

A lei fica a boiar por mais nove meses sem chegar a

ARNOLDO MONDADORI S.P.A. (Volume de negócios: 185 milhões de contos)

Edição	Revistas	Diários	Impressão e Papelaria	Régie Imprensa	Outros
(27,5 milhões de contos)	(62,2 milhões de contos)	(100 mil contos)	(80 milhões de contos)	(200 mil contos)	(116 mil contos)
16 filiais, das quais: Non Solo Libri, Sera e Riva, Elemond-Einaudi Mondadori, Espana, Grijalbo, etc.	24 títulos: Fortune, Panorama, Epoca, Espresso, Grazia, Confidenze, Guida TV, Auto Oggi, etc.	16 títulos: Reppublica, Il Tirreno, la Gazzetta di Mantova, etc.	Ascoli Marsoni	Manzoni e Co. (50%)	Vídeos, clubes de livros, produtos diversos

GRUPO BERLUSCONI (FININVEST) (Volume de negócios já consolidado: 950 milhões de contos)

Cinema e espectáculos	Televisões	Publicidade	Edição	Grande distribuição	Seguros e serviços financeiros
(137 milhões de contos)	(207 milhões de contos)	(255 milhões de contos)	(42,5 milhões de contos)	(37,5 milhões de contos)	(163 milhões de contos)
Circuitos de salas, catálogos de filmes, Teatro Manzoni e Milão AC.	Canal 5, Itália 1, Rete 4, Video-news, etc.	Publitalia (fornece os canais e a Imprensa do grupo)	Il Giornale, TV Sorrisi e Canzoni, etc.	Standa, Castorama, Euromercato	Vídeo, clubes de livros, produtos diversos

A cronologia de um imperador

Silvio Berlusconi tem 44 anos, nasceu no norte de Itália e é o proprietário da sociedade financeira Fininvest.

Aos 5 anos, constrói marionetas e monta espectáculos com entradas pagas para os parentes.

Aos 14 anos, renuncia à mesada do pai e cria um negócio na escola: vende cópias de pontos aos colegas, apontamentos e resumos das disciplinas.

Apresenta serões dançantes na costa romagnola.

Sussurra canções ao piano nos navios da companhia Costa.

Torna-se fotógrafo e guia turístico.

Aos 25 anos, funda com um construtor profissional uma sociedade (futura Fininvest, em 1978) e constrói o seu primeiro complexo residencial na periferia de Milão. O empreendimento



chama-se MILÃO 1. Tem casas, lojas, pracinhas, jardins e até um circuito de televisão interno, embrião do futuro Canale 5.

Seguem-se MILÃO 2 e MILÃO 3, em 1978.

Em 1980, nasce o Canale 5.

Em 1983, compra Italia 1 ao grupo editorial Rusconi.

Em 1984, compra Retequattro à editora Mondadori.

No campo editorial, em 1979, compra o jornal diário Il Giornale e, em 1983, compra o semanário de maior tiragem nacional: TV Sorrisi e Canzoni.

Também em 1984, adquire o controlo de duas companhias de seguros.

Em 1988/89, compra a equipa de futebol Milan e a cadeia de supermercados Standa.

Em 1990, torna-se presidente da editora Mondadori.

COMENTÁRIO

O boss italiano

«Uma página triste na história de Itália» é o desabafo com que alguns classificam a conquista da editora *Mondadori* pelo todo-poderoso Silvio Berlusconi. Nas suas mãos está agora quase metade do mercado publicitário e da audiência televisiva, além de 30 por cento da informação italiana. É, sem dúvida, o homem que mais influência ganhou naquele mercado mediático. O patrão da televisão privada italiana conseguiu assim estender os seus tentáculos a alguns dos títulos mais prestigiados da imprensa, caso da revista *L'Espresso* ou do diário *La Repubblica*. Este último, fundado por jornalistas, tem em Eugénio Scalfari, o director, um símbolo do jornalismo crítico e independente que, não raras vezes, perturbou o complexo jogo de interesses políticos e económicos que enredam o poder transalpino.

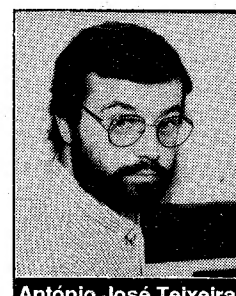
A abdicação de um designado «editor puro», como era o grupo *Mondadori*, foi mais um passo para o domínio quase absoluto dos grupos económicos sobre o campo dos media. São cada vez menos as «famílias» empresariais, geradas na própria comunicação social, a conseguirem autonomia de manobra num mercado tão concorrencial. A fria lógica do lucro fácil está a sobrepor-se ao investimento na qualidade do produto veiculado pelas grandes máquinas da informação. Por outro lado, a influência de jogos de pressão política e económica tem vindo a determinar, como neste caso, o aniquilamento de projectos jornalísticos que detinham uma certa autonomia crítica na análise da actualidade.

«Pôr o poder da informação ao serviço do poder político em vez de usar a informação para o controlar», nas palavras de Scalfari, parece ser o que está em causa. A operação que possibilitou o êxito de Berlusconi tem a ver com o seu posicionamento privilegiado face ao poder instituído. A sua colaboração foi preciosa para o êxito da operação *Mondadori*. Êxito que só foi possível graças ao congelamento de uma lei anti-monopolista que, a ser aprovada, não deixaria de comprometer o império de *Sua Emittenza*.

Nesta altura, Berlusconi - a quem apelidam de *boss* (termo utilizado em Itália para designar os chefes da Máfia) - é detentor de um império que poderá ser utilizado para manipular consensos e decidir os destinos políticos daquele país. A ser aprovada uma lei *antitrust*, e ela terá que vir a ser aprovada (dadas as pressões nesse sentido, de que é exemplo a greve de hoje dos jornalistas), a gravidade da situação poderá atenuar-se, mas Berlusconi não deixará de continuar a ter uma posição preponderante. O seu campo de manobra é directamente proporcional às alianças estabelecidas e de que é porta-voz. Daí que a concentração de tantos e poderosos meios nas suas mãos esteja a ser vista com preocupação.

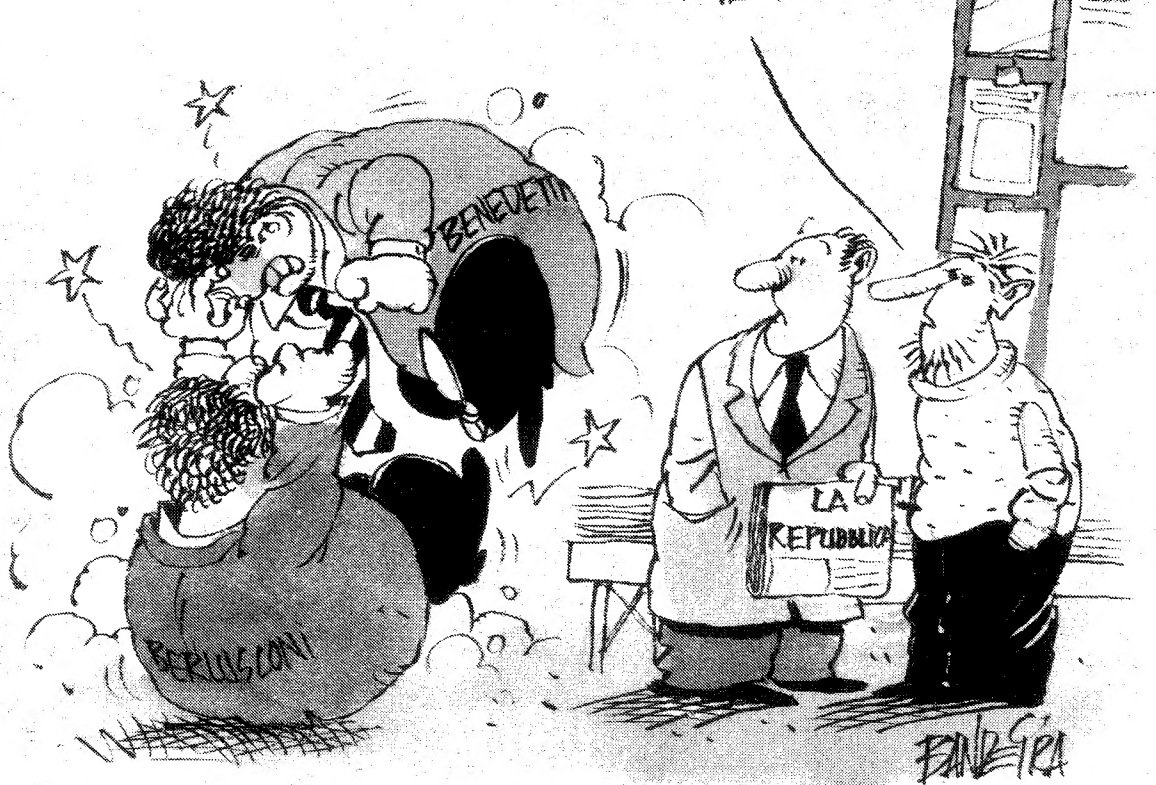
A situação portuguesa parece diversa, mas talvez não seja. A lei de Imprensa preconizou a liberdade de concorrência e uma legislação antimonopolista. Mas, desde 1975 (data da sua aprovação) até hoje, este preceito carece de aplicação, muito embora se estabelecesse um prazo de 90 dias para o Governo aprovar medidas no sentido de impedir a concentração de empresas. Desde então, têm sido os governos a tentar tirar partido da situação de gerentes da comunicação social do Estado. Com as privatizações em curso, possibilitadas pela revisão

constitucional, o problema volta a ganhar importância. A reconstituição de grupos económicos, a sua internacionalização e o seu apetite pelos media parecem indiciar a necessidade da tal «legislação especial», de que fala a lei de Imprensa, para que a comunicação social possa desempenhar «uma função pública independente do poder político e do poder económico».



António José Teixeira

ESTÃO A VER
QUAL DOS DOIS
ME VAI COMPRAR
O JORNAL.



acordo. Entretanto, Berlusconi começa a sua escalada na *Mondadori*. Se a lei for aprovada, Berlusconi terá de passar de editor «impuro» para editor «puro» da *Mondadori* e abdicar dos seus três canais. A Corte Constitucional volta a pressionar o Parlamento definindo um prazo até fim de 89. Os partidos da maioria empatam tempo. Bettino Craxi que está em Washington diz que vai estudar. Giulio Andreotti, com o seu estilo inconfundível, desdramatiza: vai haver lei. Democracia Cristã e Partido Socialista tentam alterar o tecto das concentrações para limites que, por «puro acaso», englobam e até dão mais espaço a Berlusconi/*Mondadori*. A oposição agita-se, o PCI propõe um tecto baseado nas receitas publicitárias com a clara intenção de cortar as pernas a Berlusconi. Dia 22 de Janeiro, apenas três dias antes da eleição de Berlusconi para presidente da *Mondadori*, o secretário-geral do Partido Republicano (um dos cinco do pentapartido que governa), La Malfa, declara à Imprensa que se falharem os acordos da maioria sobre a lei *anti-trust* «o Governo saltará».

O Governo agitou-se, porém não saltou. A Corte Constitucional prorrogou o prazo para 30 de Março e, ultimamente, para meados de Fevereiro. Berlusconi conseguiu mais uma vez e com o apoio mais que evidente dos seus aliados políticos, escapar ao fantasma da lei que o persegue há dez anos. Mais, conseguiu, em troca destes favores, ameaçar a força de

alguns personagens francamente incómodos aos poderes político e financeiro italiano. O «Engenheiro», como é chamado o brilhante empresário e presidente da *Olivetti*, Carlo de Benedetti, nunca foi «*persona grata*» aos grão-mestres da política italiana - Andreotti e Craxi, nem inspira grande confiança, dada a sua declarada simpatia pelo Partido Comunista e as boas relações que mantém com os sindicatos, ao «Advogado» presidente da *Fiat* Gianni Agnelli.

O futuro de La Repubblica

Incómodos, também os jornais e semanários nascidos e crescidos sob a gestão de Benedetti na *Mondadori*. Hoje, constituem o maior polo e púlpito de certo jornalismo independente, crítico e até

irreverente em relação aos poderes instituídos. O diário *La Repubblica* é um deles. Com a segunda tiragem no país, tornou-se famoso pelos seus cartoons com Bettino Craxi vestido à Benito Mussolini e as orelhas de mocho do presidente do conselho Andreotti, para não falar dos editoriais ao «vitriolo» do seu director Eugénio Scalfari contra a classe política.

La Repubblica, como também os semanários *L'Espresso* e *Panorama*, passaram agora para as mãos do amigo dos seus inimigos: Berlusconi. A guerra continua agora fora dos escritórios, das salas dos tribunais, do parlamento, dos conselhos de administração.

Scalfari anunciou que não vai mudar uma vírgula do seu jornal, mesmo com Berlusconi como presidente do grupo que controla o jornal. Se necessário for, dimitir-se-

á do cargo para «lhes dar trabalho» com um novo jornal cujo nome (pelo menos) será *L'Indipendente*.

Hoje, foi decretada a greve geral de todos os jornalistas de rádio e televisão pública e privada e da imprensa escrita. Amanhã é dia de mobilização, organizada pelas centrais sindicais CGIL-CISL e UIL. Paralelamente, continuam os esforços de mediação por parte da representante da *Mediobanca* para chegar a um acordo entre Berlusconi e De Benedetti, avançando a hipótese de repartição da *Mondadori* entre os dois, o que incluiria, por exemplo, a permanência de *La Repubblica* na área de controlo financeiro de De Benedetti.

Tudo ainda está por dizer para *Sua Emittenza* Berlusconi e para o futuro da liberdade de Imprensa em Itália.

Alessandra Balsamo

A conquista da fortaleza Mondadori

21.12.88 - Convenção entre a família *Formenton* e a *CIR* (sociedade financeira de Carlo De Benedetti).

02.12.89 - A família *Formenton* rompe o pacto com a *CIR* de De Benedetti e alia-se à *Finiinvest* de Berlusconi. Este último consegue assim ter a maioria na *AMEF* (financeira da *Mondadori*) que, por sua vez, controla 50,3 por cento das acções da própria *Mondadori*.

07.12.89 - O Conselho de Administração da *Mondadori*, onde De Benedetti e outros acionistas seus aliados decidem convocar uma assembleia extraordinária para aumentar o capital tentando fazer frente à escalada de Berlusconi. Este último, aliado com a *Formenton*/Berlusconi.

24.12.89 - O juiz Papi congela provisoriamente, a pedido da *CIR*, as acções *Amev*, na mão dos *Formenton*, e ao mesmo tempo congela também as 8 591 000 acções «privilegiadas», compradas entretanto pela *CIR*. Ambas as resoluções são tomadas de acordo com o que estabelece o pacto de 21.12.89.

15.01.90 - Aliado à *Formenton* e à *Mondadori*, Berlusconi obtém a maioria no Conselho de Administração. Carlo Caracciolo, homem de De Benedetti, é substituído pelo braço direito de Silvio Berlusconi: Felice Confalloni.

25.01.90 - Assembleia dos sócios para eleger o novo Conselho de Administração, o director e os vice-directores. Berlusconi toma finalmente a *Mondadori*.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**

Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Pedro de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Braderode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva (coordenador), Emília Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalhal, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Oscar Figueiredo**

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**
Secretaria de Redacção: **José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

PORTE PAGO



De uma República à outra

Há 14 anos, Eugénio Scalfari fundou *La Repubblica*, um jornal independente que hoje receia a tutela de Berlusconi

GRANDE ANGULAR

Os recentes acontecimentos em torno do *La Repubblica*, que são detalhadamente descritos nesta edição do *Diário de Lisboa*, refletem amplos motivos para reflexão acerca da liberdade de Informação e das condicionantes que se lhe colocam hoje em dia.

O facto de o *La Repubblica* ser um dos títulos mais prestigiados do jornalismo italiano e o modelo inspirador de que se reivindicam tantas novas experiências de jornalismo, torna, aliás, tal reflexão ainda mais importante.

Fundada em 1976, por Eugénio Scalfari e um grupo de jornalistas oriundos das mais prestigiosas publicações italianas, em circunstâncias que o próprio Scalfari descreve no livro *La Sera veneto in Via Veneto* (Mondadori, 1986), o *La Repubblica* pretendia, antes de tudo o mais, ser um jornal dos próprios jornalistas, independente do poder político e económico.

Tal projecto foi, no entanto, confrontado desde o início com a necessidade de obter financiamentos, o que obrigou a complexas negociações, venenosamente descritas por Piero Vigorelli num recente livro - *La Barba Padrona* (Nuova Edizione dell Gallo, Roma, 1989).

A solução encontrada - a aliança com a editora Mondadori - representou ainda assim, o mais aceitável dos compromissos, dado que se tratou de associar uma das mais prestigiosas casas editoriais italianas, então ainda totalitária nas mãos da própria família Mondadori e que se integrava, por assim dizer, no grupo dos editores-puros em contraste com os editores empresariais que começavam a manifestar a sua apetência pelos órgãos de Informação.

Com base numa espectacular campanha de marketing e de estudo de mercado, sem precedentes em Itália e que é detalhadamente descrita por Cristina Cusani numa tese universitária publicada em apêndice ao livro de Vigorelli, o jornal viria a garantir um espaço próprio, após as dificuldades dos três anos iniciais e a conhecer um contínuo crescimento que o levaria a superar as tiragens do rival e todo poderoso *Corriere della Sera*.

Integrando-se numa tradição laica e de esquerda moderada, Scalfari colocou o jornal num espaço de independência em relação ao Poder, fortemente sublinhada pela antipatia publicamente assumida em relação a Craxi e Andreotti, contrastando

fortemente com a tendência de outros jornais italianos para funcionarem como câmaras de ressonância dos partidos políticos e dos interesses económicos.

Se o posicionamento político do jornal lhe fez ganhar leitores em toda a esquerda tradicional, um dos méritos especiais parece ter sido o de compreender as modificações culturais que se verificam em Itália nos finais dos anos setenta, com a emergência de um grupo de jovens quadros que não se reconheciam em publicações tradicionais de esquerda como o *Paese Sera*, mas estavam disponíveis para a leitura de

Milão, 1989) sublinha como a corrida ao aumento de tiragens fez com que o *La Repubblica*, como outros jornais italianos, assentasse cada vez mais no recurso a iniciativas que pouco tinham a ver com o mérito intrínseco do jornal e da sua Redacção e como o aumento do volume do papel dos jornais os tornou cada vez mais dependentes do mercado publicitário e da possibilidade de obter novos financiamentos.

O fim de uma época

O vertiginoso desenvolvimento da componente empresarial dos jornais parece ter sido, aliás, uma das ra-

do *La Repubblica* e, de uma forma mais geral, do jornalismo italiano, representando um golpe fundo na ideia de que era possível manter um jornal à margem dos grupos económicos, com a própria propriedade controlada por jornalistas.

Mas é a possibilidade de controlo do jornal pelo grupo de Silvio Berlusconi que levanta as maiores incógnitas quanto à manutenção da linha editorial, não só por ser reconhecida a hostilidade com que o *La Repubblica* seguia a actividade de Berlusconi, como, sobretudo, por serem conhecidas as simpatias e o apoio público que este sempre

bloqueio da sociedade, impedindo a livre expressão de minorias políticas, culturais e sociais.

Trata-se, aliás, de um risco tanto mais evidente quanto o domínio do mercado publicitário pode assegurar a canalização da publicidade apenas para as empresas controladas, inviabilizando as alternativas.

A questão da existência de legislação que se oponha à concentração empresarial nos meios de Comunicação Social é assim uma questão essencial em qualquer sociedade democrática, pelo que não deixa de ser estranho o desinteresse que se tem veri-

ficado em Portugal nos últimos anos quanto a essa matéria e isto apesar da Lei de Imprensa, velha de quinze anos, vincular o Governo à publicação num prazo de noventa dias de legislação anti-monopolista.

Suponho que as razões deste estado de coisas são essencialmente duas:

Por um lado, a circunstância de ter existido nos últimos anos, em

Portugal, um vastíssimo sector público na Comunicação Social e, por outro, a reacção às tentativas de supressão da liberdade de informação em 1975, especialmente evidentes em torno da questão do jornal *República*.

Se o facto de existir um controlo do poder político sobre a generalidade dos meios de Comunicação Social levou a que as atenções se virassem, sobretudo, para a forma de garantir a independência em relação ao Governo, o combate pela liberdade de expressão travado em 1975 fez com que os que nele participaram (e, naturalmente, ainda mais os que não participaram ou até estiveram no outro lado) se desinteressassem de outros riscos menos imediatamente evidentes.

Não deixa, no entanto, de ser curioso notar que, apesar de todas as diferenças de situação, se aproximam tanto os editoriais de Raul Régo, em 1975, ao escrever no *Jornal do Caso República*: «é pela liberdade de Imprensa que a luta se trava. Homens livres nos consideramos e não estamos dispostos a regressar ao silêncio amarfanhador»; e de Eugénio Scalfari, em 1989, ao afirmar que, no caso do seu jornal passar para o grupo de Berlusconi, «caminharemos para um regime de tipo plebiscitário e para formas de manipulação do consenso como em Itália não eram conhecidas desde a queda do fascismo».

Eduardo Paz Ferreira

la Repubblica

Direttore Eugenio Scalfari

Redaz. Amministr.: 00185 ROMA, P.zza Indipendenza 11/b, tel. (06)49821 telex 620660-613005 (c. post. 2412 Roma AD). Sped. abb. post. gr. 1/70. Abbonam.: ITALIA (c.c.p. n. 11200003 - Roma): anno (cons. decen. posta) L. 235.000, sem. L. 120.000 - Estero (posta ord.): anno L. 440.000 sem. L. 227.000 - Arretrati: prezzo doppio - Redaz. Milano, 20121 P. Cavour 1, tel. (02)62831 telex 333283 - Redaz. Torino, 10123 via C. Battisti 1, tel. (011)5613033 - Redaz. Bologna, 40131 via Parmeggiani 8, tel. (051)552021 - Redaz. Firenze, 50125 via Maggio 35, tel. (055)280021 - Pubbl.: A. MANZONI & C. S.p.A., 20143 MILANO, via Villorosi 13, tel. (02)83872, telex 335142

As assinaturas do jornal diminuiram 10 por cento desde que foi anunciada a entrada de Berlusconi no controlo da empresa

um jornal empenhado nas questões sociais e na defesa dos direitos humanos que lhes desse simultaneamente uma informação adequada sobre os mercados financeiros e a evolução económica geral.

A afirmação do *La Repubblica* como jornal preferido nos estratos culturais mais elevados foi, por outro lado, acompanhada de uma política de expansão para outros sectores por recurso a iniciativas de carácter editorial, como a publicação de suplementos regulares ao jornal ou de suplementos temáticos, assinalando diversas efemérides ou do lançamento de um concurso com prémios diários: o *Portfolio*. Numa desencantada reflexão sobre os anos de sucesso do jornal, um dos seus fundadores, Giorgio Bocca (*Il Padrone in Redazione*, Spreling e Kiofeer,

zões que levou Scalfari e o seu sócio e amigo Carlo Caracciolo a, no passado mês de Março de 1989, venderem as suas acções a Carlo de Benedetti que, entretanto, através da posição que adquirira na Mondadori e de uma aliança com parte dos herdeiros, assegurou a presidência daquela editora.

Ainda hoje não são totalmente claras as razões que levaram Scalfari a tal opção, embora ela pareça ter uma íntima relação com a recuperação do *Corriere della Sera* que, ao lançar um novo concurso - o *Replay* - que todos os dias premeia os leitores fazendo uma nova extracção dos bilhetes antigos da lotaria - praticamente duplicou a tiragem.

O que é certo é que a venda das acções a De Benedetti marcou o fim de uma época

dispensa, através dos meios de informação que controla, a Craxi e a Andreotti.

Independente das concepções informativas de Berlusconi, é, no entanto, o facto de ele dispor, já, de um vasto império, em que avultam praticamente todos os canais de televisão privada de expressão nacional, que faz com que o seu domínio sobre o *La Repubblica* seja um factor de preocupação.

A liberdade de Imprensa

A concentração editorial assim conseguida não só é susceptível de reduzir drasticamente a margem da independência da Imprensa em relação ao poder político e económico, como pode, sobretudo, conduzir a uma uniformização dos padrões informativos e recreativos que represente um verdadeiro

O que se diz de Berlusconi

«Não sou accionista maioritário nem minoritário, foi Scalfari que fez *La Repubblica*, ninguém o pôs naquele lugar. Criou este jornal, fê-lo crescer e vendeu-o. Portanto, seja qual for a composição do capital social da sociedade, não acredito que alguém o vá tirar do lugar. Depois, de certeza, virá também para ele a idade da reforma.»
Bettino Craxi, *La Repubblica*, 07.12.89

«Se Berlusconi age, como agiu até agora, significa que está autorizado. Não acredito que esteja ou queira agir contra a lei. (...) Berlusconi conseguiu realizar o projecto que Scalfari queria levar a cabo. Mas Scalfari está um bocado velho e é melhor que seja posto de lado.»
Licio Gelli, o «venerável chefe da Loja Maçónica P2, *La Repubblica*, 14.01.90

«Berlusconi é um homem com possibilidades, mas que fez a sua fortuna à custa da ausência de uma lei para as televisões. E uma lei para as televisões deve, no entanto, ser criada. Berlusconi tem que se preocupar com o seu relacionamento com o mundo político. Ele vai na direcção desejada. E se vencesse, a Itália encontraria um único país com o qual se poderia comparar: o Brasil, o único país do mundo onde um grupo, o grupo Marinho, tem posição dominante quer nos jornais, quer nas televisões. E o Presidente do Brasil não pode ser eleito sem a aprovação dos Marinhos.»

Carlo De Benedetti, «*Corriere della Sera*», 05.12.89

FORUM

O NÚCLEO DURO DO FUTURO

Porque é que a nossa política externa é omissa quanto ao Leste europeu?

Porque é que a nossa política externa quanto ao Leste europeu se esconde atrás do sr. Presidente da República, dos jovens empresários portugueses e do *holding* da CEE?

Porque é que a nossa política externa quanto ao Leste europeu, o mais de que é capaz de servir de Z. Zagallo num périplo de uma secretaria-geral europeia?

É porque é incompetente?

É porque a sua vocação específica é ser uma sucursal do ministério do Comércio?

Ou será, sobretudo, porque se instalou no nosso estabelecimento político o medo ao Leste europeu, o medo a que o Leste europeu nos eclipse, nos roube investimento?

Ainda outro dia, o Leste europeu, os sentimentos que o Leste europeu suscitava, pareciam enformar entre nós uma das maiores maiorias afectivas de sempre. Obviamente, com motivações, interesses, aflusos ideológicos, muito dispersos. Nas origens. E nos destinos. Havendo, claro, muitos «lestes» nesta aparente unanimidade de aberta expectativa, de esperança, de apoio.

Mas já aí está o estabelecimento político português a descobrir que o Leste é um adversário potencial muito sério da «oportunidade portuguesa», da nossa oportunidade europeia e da oportunidade que constituímos para o investimento internacional. Esta descoberta lançou, no entusiasmo não ideologicamente inovante do estabelecimento político português pelo Leste europeu, um balde de água glacial. Desmascarando o discurso que se fazia passar por democrático em estado quimicamente puro desse estabelecimento político sobre o Leste europeu.

É, de facto, contraditório o sentimento de um estabelecimento político que, por um lado, afirma, e deixa que outros afirmem, constituir Portugal um exemplo a seguir pelos países de Leste, como por exemplo, o Presidente Bush, e, por outro lado, verifica que justamente os países de Leste representam, se não no curtíssimo prazo, mas já no médio e, sobretudo no longo prazo, como afirmava há dias Silva Lopes, uma forte ameaça aos interesses portugueses, à singularidade daquilo que definimos como «a oportunidade portuguesa».

A questão de fundo não será tanto a omissão do Leste europeu na política

externa portuguesa. A questão de fundo é a omissão da Europa do futuro na estratégia do estabelecimento político português.

O facto é que essa estratégia apontava e definia o *desafio europeu*. Ora esse desafio já não é o mesmo. Há outro desafio. Há a outra Europa. A Europa tem geometria variável, e essa geometria está a variar a uma velocidade que exige, da capacidade de adaptação a circunstâncias novas, muito de inteligência, de audácia, de criatividade.

Começava, aliás, a ser fácil, para o estabelecimento político português, essa Europa. E a encaixar, esse Portugal. O jogo era minimamente claro. Havia a tabela Bruxelas e havia a tabela Estrasburgo. Tudo se passava entre um calendário de sessões e um horário de carreiras aéreas.

O estabelecimento político português tinha, da Europa, uma cábula. E, dos interesses portugueses, uma mnemónica. Portugal ia vendendo o seu peixe, com excepção do peixe propriamente dito, que não vendia.

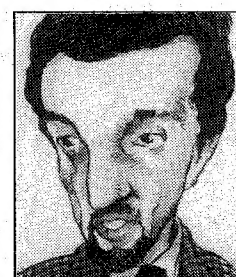
O Leste europeu refaz a Europa. Primeiro, distraiu-a.

Mas já está a mobilizá-la, a polarizá-la. O continente inteiro volta-se para o Leste. O Atlântico corre o risco de ser um mar das traseiras da Europa. A nossa periferia corre o risco de ser mais periférica.

Pelo que a questão está em saber qual é agora o desafio europeu. Que outro será. Sabê-lo em andamento. E fazer inflectir a política portuguesa, desde logo a política externa portuguesa, em função, não apenas de outro século, mas de outro continente em outro século.

A omissão da nossa política externa quanto ao Leste europeu é, assim, o desfazamento entre um profissionalismo numa certa Europa que já não há, que já não será, e a compreensão do que poderíamos definir como o *núcleo duro do futuro*.

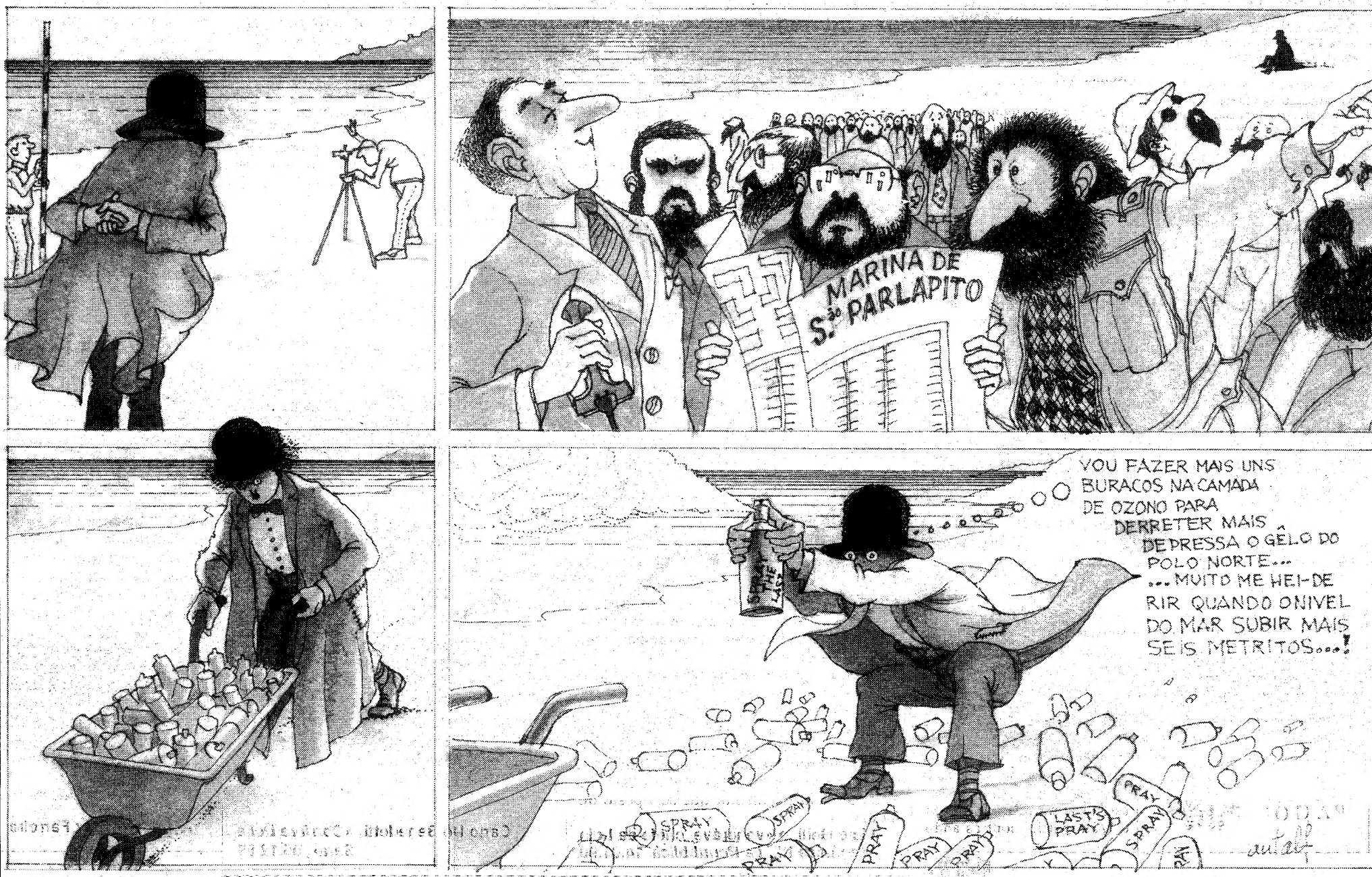
Não se trata de que não temos estratégia quanto ao Leste. Trata-se de que não temos estratégia *tout court*. A tática economicista não chega. Há que fazer entrar, urgentemente, no campo, pontas de lança que joguem em profundidade. O politécnico executivo não chega. A política, nesta perspectiva histórica, tem de ser uma acto de facto cultural.



Artur Portela

Cartoon de António Alfredo

«D. COISO DE SÃO PARLAPITO»



A PSICANÁLISE: O AVESSO DA TEOLOGIA

Quando somos levados a considerar os parâmetros da nossa modernidade, verificamos um certo número de lacunas, ou de insuficiências. O comparatismo cultural, ou civilizacional, sublinha não só os elementos que nos tornam autônomos, mas indica não poucas vezes a gravidade das nossas escolhas. Tal é o que acontece, hoje, quando procedemos a um inventário simples do número dos nossos psicanalistas. Ou quando reforçamos esta primeira tarefa com a segunda: não são ainda muito numerosos, nos meios dos intelectuais, aqueles que dependem de uma análise.

Nos demais países europeus, fracções cada vez mais amplas da burguesia, e mais precisamente a que pertence à *intelligentsia*, está, esteve ou vai estar instalada num divã, para verrumar a sua estrutura psíquica. Hoje há analistas de várias tendências, tal como os há de muitos e desvairados preços, já que, como é sabido, a psicanálise não pode ser dissociada do dinheiro. Não há hoje analista que não se faça pagar, mesmo se Sigmund Freud aceitou, é certo que muito raramente, não receber nenhum pagamento.

A psicanálise, diz-se com demasiada frequência para poder ser verdade, serviria para compensar o descrédito crescente da religião, e o psicanalista ocuparia o lugar que, ainda não há muito, fora o do confessor. Ou do conselheiro religioso, nos países onde a confissão não é muito apreciada. Nestas condições, o psicanalista teria de assumir a responsabilidade orientadora dos teólogos, de modo a assegurar a coesão da moral civil.

Estas explicações funcionais parecem-me profundamente impregnadas de sentimento religioso: este manter-se-ia intacto, tendo-se verificado apenas uma transferência tanto de funções como de responsabilidades: do confessor passara-se para o analista, sem todavia, se verificar uma amputação significativa do sentimento religioso. O acto fundamental residiria no movimento voluntário que leva o pecador, ou o descompensado, seja à Igreja, seja ao consultório. Atrás destes movimentos, residiria, inviolado e inviolável, o sentimento da culpa, quando não do pecado.

Convém naturalmente ser mais preciso, e, sobretudo, mais modesto: o psicanalista não pode ser comparado ao confessor, quanto mais não seja porque as regras do funcionamento são completamente diferentes: o acto voluntário que leva o descompensado, virtual ou real, ao divã, tem a ver com a consciência de uma lacuna existencial, mas esta não tem relação directa com o pecado. Por outro lado, os objectivos são diferentes, quando não opostos.

Com efeito, a psicanálise parte do princípio de que as descompensações estão ancoradas na nossa história

psíquica, e ainda mais particularmente na zona sempre perturbada da infância, mesmo quando, como acontece à maioria de entre nós, se não foi testemunha da famosa «cena primitiva», que tanto seduzia e preocupava Sigmund Freud.

A psicanálise não pode, por isso, ser definida como uma palavra destinada ao analista, que dispõe da autoridade e da competência para a descodificar, porque só pode ser considerada como uma prática terapêutica. Creio ser indispensável repeti-lo, na medida em que a banalização do vocabulário proveniente da psicanálise autoriza cada um de nós a estabelecer um diagnóstico: fulano é paranoico, diz-se. Com que autoridade? Nenhuma, a não ser a do recurso a um vocabulário reconhecido e reconhecível.

Os especialistas da literatura recorrem cada vez mais à ferramenta da psicanálise, não hesitando em tentar perscrutar o texto graças ao recurso à grelha interpretativa fornecida pela psicanálise. Esquecendo, todavia, o elemento fundamental que reside na função terapêutica. Mesmo se Freud lhes forneceu alguns argumentos, ao deixar-se arrastar para essa via tão imprecisa, uma vez que o texto não constitui uma palavra, sendo antes e constantemente uma construção.

Se bem que o elemento diferenciador reside alhures: a psicanálise não constitui uma instância que julgue e disponha da autoridade para perdoar: o analista não remete necessariamente para Deus, pois que deve implicar o analisado na sua própria história, única maneira de conseguir pôr a nu os veios profundos, ocultos ou inconscientes, que serviram para formar a personalidade de cada um de nós. O que quer, também, dizer que a palavra do psicanalista não pode nunca ser confundida com a palavra divina.

É nesta confusão entre a palavra humana e a palavra de Deus que reside a estrutura da teologia. Se bem repararmos, verificamos que Deus é constantemente mudo, sendo falado pelos teólogos. Daí que a intervenção do teólogo se estruture em função de outros valores, que levam em linha de conta a história e as escolhas dos indivíduos, mas sempre numa relação com a bitola teológica, que parte sempre da existência de uma

pulsão pecadora: o homem seria sempre o ente do pecado. É certo que encontramos hoje teólogos que pretendem que o homem se estruture em função do não pecado, da felicidade e da harmonia; não são eles que dominam no horizonte da teologia, que ainda não conseguiu libertar-se da visão negativa do Inferno.

Neste caso, verifica-se que a psicanálise não substitui a teologia, na medida em que se opõe directamente à afirmação peremptória daqueles que falam em nome de Deus. Tal é um dos elementos fundamentais da prática psicanalítica, que serve para pôr em evidência a lenta mutação

da qual o homem dependia. Ao inverter os termos desta operação, Charcot e Freud devolveram ao homem uma autonomia que, sendo difícil de digerir, o tornava, enfim, responsável de si próprio.

A psicanálise confirma esta reorientação do sistema, e rompe com o *diktat* da teologia, para confiar o homem à sua história e às suas escolhas. Pelo que me surpreende sempre a concomitância teologia/psicanálise, mesmo quando se encontram teólogos que são também praticantes da psicanálise. Lembro-me de ter largamente discutido este ponto com Michel de Certeau, porque este interlocutor, tão excepcional como malogrado, podia entender a minha própria inquietação face a este processo que caracteriza o nosso século, e que força uns e outros a redefinir as tarefas, as escolhas, as hesitações e também as certezas.

Sinal da modernidade, a psicanálise revela-se um fenómeno urbano por excelência e caberia quase definir uma fronteira que separa as regiões onde a religião continua a ser praticada dentro dos moldes já hoje arcaicos, e aquelas onde a pressão das formas modernas da interrogação da psique impôs regras novas, completamente inéditas na história. O psicanalista não interroga, ouve, contrariamente ao que faz o teólogo, não perdoa, orienta, nisso se opondo também ao teólogo, não pune, o que o separa do teólogo, mas o coloca noutra zona das relações entre o paciente e o médico. Compreende-se que, nestas condições, se possa facilmente verificar uma impossibilidade fundamental de acordo entre a teologia e a psicanálise.

A nossa tradição, reforçada pelo peso da ruralidade, ainda não permitiu a alteração profunda das práticas religiosas, que autorizam, quando não pedem, a autoridade do teólogo. Mas a Europa já procedeu a uma profunda reconversão: deve, todavia, sublinhar-se que, apoiando-se embora no conhecimento, não choca ela contra o sagrado ou o religioso.

O choque, a havê-lo, define-se de outra maneira, pois que corresponde a um contínuo reforço da responsabilidade do homem.

Talvez a modernidade resida precisamente neste movimento, mas convém pô-lo em evidência: continuando a ser o mesmo, modificou o homem, a maneira de se definir e de se interrogar.

Perenidade, naturalmente, mas mudança, também obrigatoriamente, como já em tempos tinha sublinhado Luís de Camões.

O homem é mais feito de mudança do que de permanência, e a constância só pode afirmar-se no interior da própria mudança. Mais do que em qualquer outro momento da história das sociedades, o homem descobre a extensão do seu próprio labirinto. Não já exterior, obra de arquitecto, mas operação interna, em que cada um esquece a estrutura do seu fio de Ariana. O psicanalista fornece o fio ténue que permite que o homem restabeleça a relação entre os diferentes painéis e momentos da sua história. Sem se apoiar no pecado, nem exagerar a pena.



Sabemos todos hoje, após dois séculos de anticlericalismo, que convém não confundir as instituições religiosas com importância do sagrado. Este erro dominou durante muito tempo a nossa leitura do mundo, e ainda hoje se diz que «as religiões são o ópio do povo».



Alfredo Margarido

POLÍTICA

Basílio admite acordo com Freitas

Prazo de entrega de moções termina no sábado

Basílio Horta e Freitas do Amaral poderão estabelecer uma plataforma de entendimento que leve o primeiro a abdicar da corrida à liderança do CDS, no congresso do partido que se realiza em Março.

A menos de uma semana do final do prazo para apresentação de moções globais de estratégia - sábado, 3 de Fevereiro - muito está ainda por definir entre os centristas. O poder instalado, naturalmente, leva vantagem. Freitas foi o primeiro a anunciar a sua disposição de continuar na presidência, gesto que obrigou eventuais alternativas a definirem-se.

Certa, certa, de momento, apenas a indisponibilidade dos tradicionais chefes das sensibilidades internas para disputarem a liderança. Lucas Pires observa o partido a distância, em Estrasburgo, e os «adrianistas» têm estado afastados da vida partidária. É neste quadro que diversos dirigentes do CDS se movimentaram no sentido de «empurrarem» Basílio Horta. Porém...

«O Basílio acorda todos os dias com humores diferentes», afirmou ao «DL» um membro da Distrital cuja atitude se tem caracterizado pela crítica discreta a Freitas do Amaral. Este dirigente, como outros, lamenta as «hesitações» do deputado, que em seu entender compensa o défice de apoios na «superestrutura» com uma razoável implantação nas «bases anónimas», mas parece não ter coragem para se opor ao líder.

Adequar a estratégia ao projecto

Basílio Horta, com efeito, revela não estar ainda muito seguro das suas intenções. Depois de ter feito saber que se candidataria, chegou a afirmar ao nosso jornal, pouco depois das eleições autárquicas, que, afinal, Freitas deveria continuar na presidência.

Segundo informações recolhidas pelo «DL», já confiou a alguns companheiros de partido que tem a moção pronta. Ele próprio, no entanto, diz que ainda não tomou qualquer decisão, sendo o primeiro a admitir a «hipótese de consenso».

«Não estou numa corrida pessoal, nem de conquista do poder interno. É a definição de uma linha de rumo, que não vejo no professor Freitas do Amaral, que me interessa», assegura, salvaguardando que «nada do que fizer no partido pode ser entendido como menos respeito pelo professor».

Para Basílio, o líder do CDS nem sequer uma estratégia delineou: «só conheço a



Congresso do CDS em contagem decrescente: Freitas e Basílio podem subscrever moção comum

política de alianças. E essa ocupa três linhas de uma moção». Não está em desacordo com ela, mas considera que «o grande problema é saber com que bases é que o CDS fala com os outros partidos. Vamos só negociar lugares ou também valores?». Aparentemente, é esta ausência de projecto que Basílio critica. Ele defende a necessidade de adequar a estratégia a «uma vocação e um programa». Só que, antes de consolidar a sua «vocação», o CDS fez opções que «hipotecam» a sua linha política futura.

A «aliança» CDS/PS na Câmara de Lisboa é uma delas. Não restam dúvidas de que constitui, para Freitas, um «banco de ensaio» para possíveis entendimentos pós-eleitorais em 1991. Mas foi aprovada na Directiva, de que Basílio Horta faz parte.

Que fará Krus Abecasis

O processo de preparação do IX Congresso está quase a terminar. Para lá do próximo sábado, só a Juventude Centrista poderá, até ao dia 17, apresentar moções globais. Isto porque realiza o seu congresso entre 9 e 11 de Fevereiro.

Aparentemente, as «guerras dos adultos» não estão a reproduzir-se na organização de juventude. Manuel Monteiro não se recandidata, sendo Borges de Freitas tomado como o homem da «continuidade» e Telmo Correia o da «dissidência», que dificilmente vingará.

Voltando ao congresso do partido, pouco se sabe quanto à decisão de Abecasis. O ex-presidente da Câmara de Lisboa já se mostrou disponível para

concorrer, numa fase em que as suas relações com o presidente do partido estiveram à beira da ruptura.

Mais recentemente, também ele moderou os ímpetos, mantendo os próprios correligionários na dúvida. Como reagirá, caso se confirme o compromisso entre o líder e o potencial opositor? Mesmo que esta pergunta tenha resposta dentro de dias, não é líquido que faça luz sobre os resultados da reunião magna do CDS.

Com efeito, como sublinhou ao «DL» uma fonte centrista, muita (mudança de) posição poderá ser decidida no próprio Congresso. «Já vi Lucas Pires ganhar na noite da feitura das listas», recordou a nossa fonte. Ou seja: não há ainda a certeza de que a cada moção corresponda, quando entre 16 e 18 de Março os delegados se reunirem, um elenco directivo. Além do que Freitas se propõe apresentar, evidentemente.

Uma coisa parece certa: na decisão dos potenciais candidatos pesarão muito mais as questões de ordem política - particularmente a actuação do CDS perante as eleições presidenciais e legislativas - do que os problemas financeiros recentemente tornados públicos.

Ao que apurámos, ninguém está na disposição de fazer da dívida ao Patriarcado «cavalo de batalha» contra a actual direcção, já que se trata de um problema antigo, criado - e não resolvido - pelo secretário-geral do tempo da Aliança Democrática, Rui Oliveira.

Paulo Martins

PSR lança estudo sobre os «skins»

Negros, asiáticos, judeus e qualquer etnia minoritária são as vítimas preferenciais das agressões dos «skin-heads», que normalmente atacam indivíduos isolados - afirma o Partido Socialista Revolucionário (PSR) num estudo em que enquadra o aparecimento dos «cabeças rapadas» no desenvolvimento das correntes conservadoras, racistas e xenófobas. Foi na década de 60 que os «skins» arrancaram, na Inglaterra, estendendo-se hoje à Espanha, RFA, Itália, Suíça, EUA e Portugal.

OIJ reúne no Estoril e ouve Soares

A Organização Internacional dos Jornalistas reuniu-se este fim-de-semana, no Estoril e promove hoje uma conferência de Imprensa em Lisboa para apresentar as conclusões dos trabalhos. Mário Soares questionou os presentes sobre o facto de haver duas organizações sindicais dos jornalistas - a outra é a Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ). Por seu turno, o presidente do Sindicato português pediu que seja denunciada a tentativa de aprovação da proposta de lei que regulamenta a Alta Autoridade para a Comunicação Social. A OIJ representa sindicatos de cem países. O SJ é o único sindicato filiado nas duas organizações.

Excedentes da NATO nas Forças Armadas

Portugal irá beneficiar com os resultados das conversações de Viena sobre reduções das forças convencionais. À primeira vista, permitirão reequipar parcialmente as nossas Forças Armadas com os excedentes militares ocidentais, que à partida deveriam ser destruídos. «Podemos dizer que é a nossa grande oportunidade ao nível da modernização do Exército», afirmou o secretário de Estado da Defesa. O Governo atribuiu, entretanto, um reforço global de 8,3 milhões de contos para as Forças Armadas, distribuídos pelos três ramos.

Álvaro Cunhal «não tem perfil»

O deputado comunista Jorge Lemos afirmou que Álvaro Cunhal não tem «o perfil adequado» para ser secretário-geral do PCP. Segundo disse, o líder comunista deve ser «um homem aberto ao diálogo que aceite maiorias e minorias no partido». Falando no programa «O Fio da Meada», Jorge Lemos recusou-se a admitir que o próximo congresso do PCP seja extraordinário porque não vai haver alterações no programa, estatutos e direcção.

OLP pede ajuda a Portugal

A Organização de Libertação da Palestina solicitou ajuda a Portugal para o processo de paz no Médio Oriente, reafirmando a sua disponibilidade para negociar directamente com Israel sobre o futuro dos territórios ocupados. Bassam Abu Sharif, o principal conselheiro político do presidente Arafat, encontrou-se em Lisboa com o ministro Deus Pinheiro, ao qual expôs as posições da OLP acerca dos recentes desenvolvimentos sobre a situação naquela região.

Força Aérea averigua «greve» dos pilotos

O Estado-Maior da Força Aérea abriu um processo de averiguações aos 28 pilotos que na semana finda alegaram «cansaço psicológico» para não voarem, nas bases de Monte Real de Sintra, apurou o DL esta manhã junto de fonte próxima do general Conceição e Silva. A iniciativa, segundo o mesmo informador, visa «a adopção de medidas correctivas julgadas necessárias». Dezoito pilotos de Monte Real e dez

de Sintra, representando metade de uma das três esquadras que operam na última base, invocaram «stress» ou «incapacidade psicológica» para não voarem na quarta e quinta-feira.

O facto de não haver qualquer missão especial e de situações dessas se verificarem, quer na vida civil quer na própria Força Aérea, facilitou a «reivindicação» dos pilotos de Monte Real a que se juntaram, na quinta-feira,

em atitude de «solidariedade», dez «Asas de Portugal» sediados em Sintra.

Embora em meios ligados à Força Aérea se perceba a «forma de luta» encetada para chamar a atenção para a situação em que a classe se encontra, o certo é que a satisfação das reivindicações dos pilotos depende do poder civil.

«Os seus objectivos, que essencialmente visavam chamar a atenção para os proble-

mas dos pilotos», foram atingidos», disse uma outra fonte da Força Aérea.

Os pilotos das bases de Monte Real e de Sintra voltaram entretanto aos «A 7» e «T 37» respectivamente. Mantêm-se, no entanto, os pressupostos que estiveram na origem desta atitude: falta de condições, indefinição do futuro, não-garantia de continuidade, ambiente de mau estar, instabilidade emocional, quali-

dade e regularidade de formação de pilotos nas diferentes áreas de acção, estabilidade e programação de futuro das esquadras, para melhor cumprimento da missão, e maior segurança de voo. Estas últimas quatro reivindicações eram consideradas «mínimas».

Nenhuma delas foi atendida, nem sequer houve negociações nesse sentido. «A hierarquia desconhecia as razões da atitude dos pilotos

e soube da acção pela Comunicação Social», disse a mesma fonte.

Aumenta, por outro lado, o número dos que querem deixar este ramo das Forças Armadas, seduzidos pelas ofertas civis da TAP e de operadores privados. Aos 36 que em situação normal passaram à reserva ou ao Qaandro do Complemento, em 1989, juntaram-se, nos primeiros 25 dias de 1990, mais doze.

JR

POLÍTICA

Savimbi ganha em Lisboa a sua batalha diplomática

Há anos que travava em várias frentes uma batalha diplomática para vir a Portugal. A visita é polémica mas está a desenrolar-se num quadro de normalidade



«É necessário encontrar a paz»

As audiências com o Presidente da República, Mário Soares, e com o primeiro ministro, Cavaco Silva, constituíram os dois grandes objectivos da deslocação de Jonas Savimbi a Portugal. Foi nisso que o líder da UNITA concentrou todos os seus esforços. Savimbi tenta a todo o custo que Mário Soares e Cavaco Silva utilizem toda a sua influência, a nível nacional e internacional, para conseguir a aproximação e o diálogo entre a UNITA e o governo angolano. Afirma que Portugal tem um papel fundamental em África, e pretende que ele seja desempenhado «já» e não amanhã.

Sugere mesmo que sejam os militares portugueses a encarregar-se das missões de fiscalização do cessar-fogo. «Pelo conhecimento geográfico que têm de Angola, ninguém está tecnicamente mais capacitado para o fazer do que eles», afirma.

Mediar e conciliar

A certeza da audiência com o Presidente da República era, no âmbito da batalha diplomática que há muito tempo vinha travando, o único trunfo seguro que Jonas Savimbi trazia consigo ao desembarcar em Lisboa. Só a divulgou à chegada, mas sabe-se que já tinha uma resposta afirmativa de Belém há quatro dias.

Na conjuntura actual não constituía aliás qualquer embaraço para o Presidente da República receber o líder da UNITA. Ele é uma das partes de um contencioso que fez sentar à mesa das negociações os Estados Unidos, Angola, Cuba e África do Sul.

Poucos dias antes, Lopo do Nascimento tinha-se deslocado a Portugal e almoçou em Belém com o Presidente da República. Não só através deste contacto como de outros anteriores, Soares conseguiu que Luanda entendesse que o objectivo fundamental do seu empenhamento é no sentido de pôr fim à guerra. Soares tem sensibilizado os responsáveis angolanos para o facto de haver duas partes envolvidas, tornando-se necessário aproximá-las, para que comecem a emergir propostas e soluções concretas e, por isso, são positivos todos os passos dados nesse sentido.

Uma hora e vinte durou a audiência de Jonas Savimbi com Mário Soares. Deu tempo para abordar as múltiplas questões que têm prolongado a guerra em Angola mas, em síntese, o que o líder da UNITA pediu a Mário Soares, foi que o presidente português

usasse a sua influência para conseguir a aproximação deste movimento com o governo angolano. No fundo, foi isso que trouxe Savimbi a Portugal.

Não se trata, como por vezes tem sido questionado, de fazer de Portugal medianoeiro na resolução do conflito em substituição do presidente Mobutu, mas sim um elemento que, através das relações que mantém com ambas as partes, possa contribuir activamente para a sua aproximação e conciliação.

Os artifícios de Cavaco

Nos círculos da UNITA, e entre a comissão organizadora da visita, havia quase a certeza de que Cavaco Silva não deixaria de receber Jonas Savimbi. A dúvida estava em saber se o faria na qualidade de primeiro ministro ou de presidente do PSD. Cavaco Silva preferiu o contacto com o líder da UNITA através dos canais do partido do Governo mas, curiosamente, quem o recebeu na rua dos Caetanos e o veio acompanhar à saída foi o embaixador Martins da Cruz, assessor diplomático do primeiro ministro, o que esboça os contornos de uma espécie de solução híbrida.

Cavaco Silva também não quiz fotografias do encontro. Tudo isto deixou o staff da UNITA um tanto contrariado. Houve mesmo, entre os seus responsáveis, quem considerasse tudo isto a utilização de «caminhos tortuosos».

Savimbi foi todavia muito pragmático. Se o sentia, ocultou bem qualquer manifestação de desagrado.

«O que interessa é falar com homem e passar a

mensagem», afirmou na véspera, quando lhe perguntaram se iria ser recebido pelo primeiro ministro ou pelo líder do PSD.

De qualquer modo, no final de uma audiência que durou cerca de uma hora e meia, Savimbi declarou aos jornalistas que tivera a honra de «de ser recebido pelo primeiro ministro» e que discutiu com ele questões da paz e «do interesse comum de Portugal e Angola em se chegar rapidamente à paz».

O líder da UNITA sublinhou que não pedira nada, a não ser a boa vontade do Governo português em «ajudar a encontrar caminhos para que possamos discutir directamente com o MPLA». Ressaltou que o Governo português tem relações diplomáticas oficiais de Estado a Estado com Angola, não se tratando de pedir que interfira.

«Foi uma conversa em que quisemos expor as nossas ideias em relação à paz e pedimos discretamente ao Governo português que lá fizesse passar discretamente uma mensagem».

Durão Barroso, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, há tempos alvo de comentários muito contundentes do líder da UNITA, esteve também presente na audiência. Dessa guerra já foi feita a paz. Interrogado sobre como tinha ficado o seu relacionamento com Durão Barroso, Savimbi respondeu que «muito bem» e ele até se referiu um pouco ao assunto.

«Consideramos que é um caso hoje enterrado, um mal entendido enterrado. Sinto-me feliz que que assim seja».

O líder da UNITA acrescentou tratar-se de um

equivoco que queria desfazer, por desejar que as suas relações pessoais com o secretário de Estado «não fossem desta tensão e de mal entendido».

Quanto à questão central do encontro com Cavaco Silva, e à «mensagem» que desejava ver transmitida pelo Governo português, Savimbi referiu a «disponibilidade» da UNITA para conversar com o Governo angolano e «fazer as concessões necessárias».

Disse considerar também que Portugal tem uma posição privilegiada, não só em relação a Angola, mas também aos outros países africanos de expressão portuguesa, para exercer a sua influência no sentido de se acabar a guerra em Angola.

Inquirido de novo se isto representava um pedido para a mediação de Portugal na solução do conflito, o líder da UNITA reafirmou que nunca ventilara essa possibilidade e que o mediador é o presidente Mobutu.

«O que eu disse foi que Portugal tem a capacidade de passar mensagens discretamente para que nos entendamos. Não há da nossa parte nem insinuação nem intenção de dizer que Portugal seja o mediador».

Hoje de manhã, Jonas Savimbi tem um encontro com a Imprensa internacional. Do seu programa constam ainda audiências e contactos oficiais não especificados.

Um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros, que Savimbi inscrevera na lista dos seus objectivos, está de momento prejudicado, visto João de Deus Pinheiro se encontrar em Estrasburgo.

Augusto Vilela



Freitas do Amaral (à esquerda), o general Altino de Magalhães e António Maria Pereira receberam Savimbi no Aeroporto

Euclides Vasconcelos

À MARGEM

Passaportes

da Costa do Marfim

A questão do visto de entrada de Savimbi, que durante longos meses pareceu ser o grande impedimento da deslocação do líder da UNITA a Portugal, já estava completamente resolvida antes da sua chegada.

Savimbi e a sua comitiva mais restrita utilizaram passaportes da Costa do Marfim e desembarcaram pela sala VIP pequena do aeroporto. A polícia de fronteiras fez deslocar dois elementos munidos do respectivo carimbo. Foram eles próprios e duas funcionárias da ANA a preencher as fichas de entrada.

Mais segurança só o Papa

A deslocação de Savimbi mobilizou um esquema de segurança apenas comparável ao que foi montado para a visita do Papa.

São dezenas de viaturas e um número elevadíssimo de efectivos de todas as forças de segurança, desde polícia de intervenção a atiradores especiais.

A preocupação dos responsáveis da segurança tem sido grande. Mas, para a lém das questões técnicas, existe uma problema adicional e um tanto contraditório: utilizar os níveis máximos de segurança e, ao mesmo tempo, dar-lhe o cenário o mais discreto possível, para que tudo isso não sugira uma visita oficial. Neste aspecto a missão tem sido impossível de cumprir.

Um problema de estacionamento

Até poucos minutos antes da chegada, não se sabia onde ficaria estacionado o jacto particular em que Savimbi viajou.

Foram feitas diligências para o deixar na Base Aérea mas, ao que parece, não tiveram acolhimento por parte das autoridades militares. O avião acabou por estacionar na placa do aeroporto.

Secretas advertiram MPLA

Os serviços secretos portugueses fizeram três advertências aos seus congéneres do MPLA a propósito da deslocação de Savimbi.

Tratou-se, segundo uma fonte da UNITA, de advertências no sentido de eles «controlarem os seus homens» e prevenir contra a eventualidade de qualquer interferência espontaneísta.

Idêntica atitude foi tomada em relação à UNITA a quando da visita de José Eduardo dos Santos a Portugal.

POLÍTICA

João Jardim defende criação de «império participado»

Portugal precisa de um novo mito para a sua sobrevivência - afirma presidente do Governo Regional da Madeira

O mar ligou todas as comunicações apresentadas no ciclo de conferências promovido pelo Estado Maior da Armada, a propósito da comemoração dos 500 anos dos Descobrimentos portugueses. O mar foi, durante três dias, o fio condutor do sentir de um povo na voz dos homens. Falou-se de mitos e de factos, do império e da Nação. Alberto João Jardim, o último dos seis oradores que subiram à tribuna, disse bem alto: «A história volta a precisar de um mito».

O espaço político e geoestratégico de Portugal no mundo e a sua vocação Euro-Atlântica deram razão de ser ao tema «Portugal e o Mar», no âmbito do ciclo de conferências realizado na Escola Naval do Alfeite, nos últimos três fins de semana.

Dito de forma mais linear, o que esteve em causa, foi isto: Portugal, o mar, a África, a CEE, ou Portugal como nação Euro-Atlântica.

Fernando Pessoa e o Padre António Vieira deram vida ao «fim do mito do V Império: construção de Portugal como nação Euro-Atlântica», a comunicação que Alberto João Jardim apresentou e que foi muito aplaudida no final. «Mal dos povos que não têm nem cultivam os seus mitos», sublinhou o presidente do Governo Regional da Madeira, segundo o qual o nosso espaço político se limita ao Continente, Madeira e Açores.

Em busca do Império participado

Será a nossa integração europeia razão para que se fale do fim do

V Império? João Jardim pensa que não, defendendo um império participado de todas as

repúblicas soberanas que falam português. Império esse em que não poderá haver a tentação de um dos sete países soberanos exercer supremacia sobre os restantes e em que a afirmação, tantas vezes repetida, de que a política da CEE relativamente à África portuguesa passa por Lisboa, não tem razão de ser, na opinião de Jardim. «Num império participado não pode haver liderança», disse, acrescentando que «aqui não cabe o império do padre António Vieira».

O presidente do Governo madeirense considera que Portugal «é um parceiro que não mete medo», cuja diplomacia «gosta de dar mas negocia mal», mas sustenta que «os sete países de língua portuguesa poderão construir uma comunidade de influências poderosas no mundo», na busca do império de que falou Pessoa. Por isso Jardim não enjeita os mitos, pois «foram os mitos que nos valeram a sobrevivência», concluiu.

Antes nacional que estrangeiro

Antes de Ribeiro de Almeida e Alberto João Jardim, que fecharam este ciclo de conferências da Armada portuguesa, passaram por aquele estabelecimento da Marinha quatro oradores. Os dois primeiros, Valente de Almeida e Borges de Macedo, falaram sobre a geopolítica dos descobrimentos à actualidade, no primeiro caso, e da história naval portuguesa, no segundo. Adriano Moreira, que abordou a importância do mar interterritorial português na estratégia mundial, e Gonçalves Viana, que tratou da importância económica do mar interterri-



Jardim: «Portugal é um parceiro que não mete medo»

torial português, foram os outros participantes.

Ribeiro de Almeida apelou, na penúltima comunicação deste ciclo de conferências, a que «não se exalte tudo o que é estrangeiro em detrimento do que é nacional», numa perspectiva de preservação dos nossos valores. O antigo presidente da Assembleia da República preveniu os portugueses contra a influência espanhola, pondo o dedo em muitas feridas da nossa situação económico-financeira. As últimas privatizações e outras operações diversificadas são exemplo - disse - da tentativa de penetração do capital espanhol, em força.

«Perigo espanhol» ainda existe

O chamado «perigo espanhol», no concerto das nações e do próprio espaço comunitário, não preocupa o antigo ministro da Defesa. Mas interessa ter em conta, como acentuou, que «a economia espanhola é vinte vezes mais forte que a nossa». Referiu os

professores Francisco Morgado e Franco Nogueira, que não se têm cansado de «chamar a atenção para a fragilidade da nossa economia» face ao Mercado Único que 1992 nos traz.

Em parte por isso, recorde-se que «Câmbio 16» defendia sem reboço, em Junho de 1983, a «integração de Portugal na Espanha, em nome da chamada União Ibérica», afirmou Ribeiro de Almeida. Este sossegou os presentes com informação de que um recente inquérito promovido pelo Instituto de Defesa Nacional sobre patriotismo e nacionalismo demonstrava «o orgulho do nosso povo em ser português».

Em conversa informal após a sua intervenção, o ex-ministro da Defesa Nacional afirmou ser «indispensável uma educação que desenvolva nos portugueses uma forte consciência nacional e uma posição personalizante e sã que fortaleçam o amor pela nossa liberdade e pela nossa independência».

Júlio Rodrigues

Dirigente do MPLA em visita a Portugal

António Paulo Kassoma, vice-ministro angolano da Defesa, chegou ontem a Lisboa numa visita oficial destinada a «estreitar relações de cooperação bilateral nas áreas de defesa, ciência, saúde e justiça militar», acompanhado por uma comitiva de 12 oficiais das forças armadas angolanas. Segundo noticiou a Lusa, o ministro Carlos Brito recebeu-o esta manhã e oferece-lhe logo à noite um jantar nas instalações da Força Aérea em Monsanto, estando previsto que Kassoma visite também instalações industriais de material de militar. A visita, refira-se, coincide com a deslocação de Jonas Savimbi a Portugal e suscita preocupações, em alguns meios, sobre medidas de segurança.

Novas leis de extradição

A convenção europeia relativa à extradição de indivíduos perseguidos por infracções, ou procurados para execução de penas, passou a vigorar em Portugal, tal como em mais 18 dos 23 estados membros do Conselho da Europa. Só exclui a extradição de indivíduos acusados de crimes políticos ou infracções militares e cidadãos que aleguem a «possibilidade de lhes ser aplicada a pena máxima para os crime praticado» no estado requerente.

Roseta na Comissão de Negócios Estrangeiros

O Grupo Parlamentar do PSD escolheu Pedro Roseta para presidir à Comissão de Negócios Estrangeiros, anunciou a Lusa uma fonte da direcção social-democrata na Assembleia. A indignação surge na sequência do «vazio» deixado pela nomeação de Carlos Encarnação para secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares e terá de ser ainda oficializada.

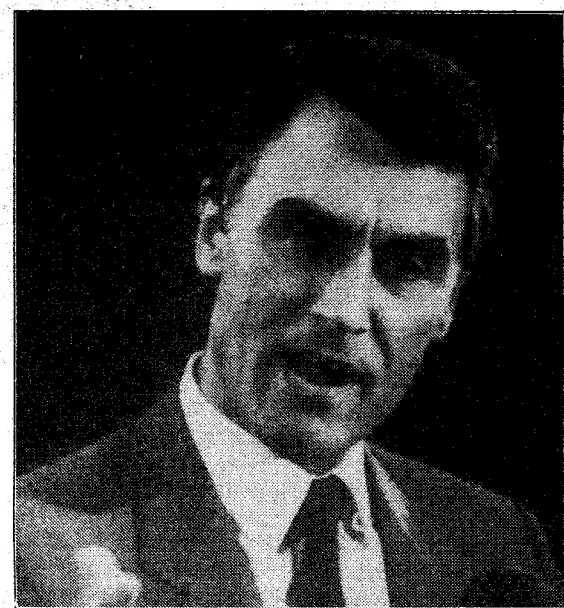
Estatuto de Macau

O anteprojecto de revisão do Estatuto de Macau extingue os cargos de vogais natos no conselho consultivo do governador e não de vogais da Nato, como por lapso noticiámos, na edição de 24 de Janeiro. Esta alteração está ainda em debate e insere-se numa modificação do quadro executivo daquele território sob administração portuguesa.

Apoio australiano ao Conselho de Imprensa

David Flint, presidente do Conselho de Imprensa australiano, protestou junto da Embaixada de Portugal em Canberra pela anunciada extinção de idêntico organismo, em Portugal. Na mensagem que entregou à representação diplomática portuguesa, Flint lembra que a «elevada consideração» de que goza o CI em círculos internacionais, «pela qualidade do seu trabalho e pela sua posição na defesa da liberdade e da independência da Imprensa».

Cavaco quer «dimensão ética» da economia



Há um documento de trabalho «aberto a todas as sugestões», disse Cavaco Silva

Salários reais podem crescer dois por cento

O crescimento económico «tem de ter uma dimensão ética», valorizada ao nível da concertação social, disse Cavaco Silva no encontro de Trabalhadores Sociais-Democratas (TSD) que se realizou no fim de semana. Segundo noticiou a Lusa o primeiro-ministro afirmou ainda que o desenvolvimento português «não pode ser feito à custa de baixos salários», estes têm de se aproximar dos índices europeus, mas «de forma gradual».

Cavaco admitiu que, para isso, será necessário esperar ainda uns anos, de forma a que o crescimento não seja interrompido «por uma crise económica» e se faça de forma «sustentada». Com um discurso que indicia a tentativa de criar nova imagem pública, o primeiro-ministro não deixou, no entanto, de lembrar a sua habitual política económica e considerou necessário «assegurar a competitividade exterior, aumen-

tar a produtividade e o investimento produtivo».

Na sessão de encerramento da conferência promovida pelos TSD, o primeiro-ministro recordou os anos posteriores ao 25 de Abril, lembrou que na altura as pensões sociais mantiveram os mesmos valores «não por falta de vontade dos políticos de então - pois todos gostam de aumentar», disse -, mas por não ter havido «um crescimento económico forte», em simultâneo com a manutenção dos equilíbrios da estrutura financeira.

Papel de «árbitro» para o Estado

A concertação social continua a ser fundamental para Cavaco Silva que a definiu como entendimento em primeiro lugar entre empresários e trabalhadores, com o Estado a desempenhar «papel de árbitro» de modo a fixar «o justo equilíbrio entre os

interesses de grupos e o interesse nacional».

«É aquilo que se designa por política de rendimentos», explicou ainda Cavaco. Segundo disse, o seu Governo foi o primeiro a ter sucesso em tal matéria. E, apesar das dificuldades, «prepara-se novo acordo tripartido para este ano», as entidades patronais e sindicais continuam a negociar, havendo garantias «quase seguras de crescimento dos salários reais de dois por cento».

O Governo apresentou ao Conselho de Concertação Social «um documento de trabalho que está aberto a todas as sugestões e que depois será submetido à Assembleia da República», concluiu o primeiro-ministro.

Na reunião participaram cerca de 700 trabalhadores sociais-democratas e, além de Cavaco Silva, estiveram Miguel Beza e Arménio Santos.

O estilo «business» do presidente mexicano

Partiu, para Londres, ao fim da tarde de anteontem, o presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, após dois dias de uma visita de trabalho a Lisboa. Avistou-se com o presidente da República Mário Soares, teve um encontro com o primeiro-ministro Cavaco Silva, conver-sou com ministros e com dirigentes do Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP) e da Associação Industrial Portuguesa. O objectivo da sua estada entre nós pouco ou nada teve do exotismo ou da fala fácil que se poderiam atribuir a latino-

americanos. Foi «business», amavelmente, com grande cortesia... mas estritamente «business».

O presidente Carlos Salinas de Gortari, logo no imediato da presença contraria a imagem clássica do mexicano, a qual é, como todas as «imagens clássicas», um errado abuso de generalização.

Nada de traços índios na face; um bigode marcante, bem desenhado e compacto, que alarga a boca mas evita o excesso; estatura média, tipo falso magro, pisando bem; sorriso pronto no olhar muito negro, falar fluente mas

pautado; mãos expressivas no apoio às afirmações; vestir mais britânico do que francês, hábil na abertura de contactos e reuniões e mais hábil ainda em descobrir o momento certo de lhes pôr termo.

Hoje, à beira dos 42 anos, formou-se, na juventude, em economia pela Universidade de Harvard e usou como uma das grandes linhas da sua tese de licenciatura a necessidade de equilibrar o desenvolvimento rural e urbano. Entre estes dois campos, o seu pensar e o seu sentir parecem estar do lado de-

finido pelo título do seu primeiro livro «Producción y participación política en el campo»: é o campesinato.

CEE «oblige»

Por gosto de justiça social? Certamente. Mas também por uma concepção globalista do desenvolvimento, a que a formação em Harvard não terá sido estranha. Um possível exemplo de pragmatismo: a balança comercial entre Portugal e o México é francamente favorável aos portugueses. Salinas de Gortari mostra algum desejo de que ela passe a ser mais



Carlos Salinas, Presidente do México

proveitosa para o México? Não, apenas o preocupa ser o volume de trocas muito pequeno; o que interessa é aumentá-lo e alargá-lo a interpenetração económica: CEE «oblige».

Apesar de o México estar, em termos geográficos, mais virado para o Oceano Pacífico do que para o Atlântico, Salinas de Gortari fala do Leste europeu com um saber calmo e organizado, dividindo problemas e respostas em duas, três ou quatro bem arrumadas alíneas. Cada país do Leste encontrará a sua solução diferenciada; o Ocidente está muito fascinado, em termos políticos e de auxílio financeiro, pelo que se passa nessa zona da Europa; os mexicanos aguardam que se conclua as ne-

gociações para a renegociação da dívida externa da Polónia e só depois, se for caso disso, repensarão o problema da sua própria dívida e, entretanto, o Governo de Salinas de Gortari está em campanha, desde a tomada de posse de Salinas, há cerca de um ano, para assinar o maior número possível de acordos bilaterais de assistência e comércio com vários países. Assim, o México já assinou com os Estados Unidos acordos bilaterais que poderão ser interessantes para os empresários europeus que desejem entrar no mercado norte-americano via México, já que os mexicanos não rejeitam a ideia de entrar no Mercado Único pela mão desses mesmos empresários europeus...

Paulo David

ACREDITE, SE LER NO EXPRESSO.

Mesmo quando a realidade ultrapassa a ficção, o leitor do EXPRESSO acredita no que lê: sabe que uma investigação profunda dos factos apurou exaustivamente a sua veracidade. E esta paixão pela realidade em permanente evolução que obriga o EXPRESSO — o mais antigo semanário português — a uma inovação permanente. Com efeito, não lhe basta ser o número 1. Depois de ter sido o primeiro semanário no país a editar uma Revista, o EXPRESSO é agora o único a oferecer aos seus leitores quatro cadernos autónomos que permitem organizar e classificar os grandes temas da informação — Política/Nacional, Internacional, Economia e Desporto — além do Cartaz (agora renovado), que oferece uma panorâmica sobre os espectáculos e acontecimentos culturais. Quanto mais complexo se torna o mundo em que vivemos, tanto mais o EXPRESSO se transforma num mundo de informação, onde a verdade do que acontece é dada a ler e a ver, semana a semana, a centenas de milhares de leitores.



Expresso
UM JORNAL DE CONFIANÇA

Distribuição de pelouros na Câmara

Sampaio desvaloriza recusa do PSD

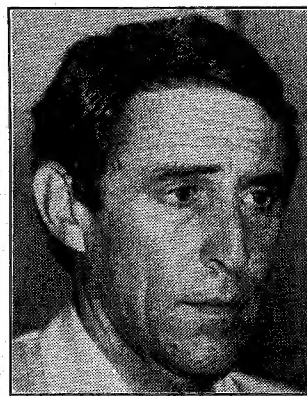
Jorge Sampaio considerou que a recusa de pelouros da Câmara Municipal de Lisboa por parte dos vereadores do PSD «não tem grande importância». O presidente da edilidade lisboeta, que esteve no Fundão por ter sido distinguido pelos leitores do jornal dirigido por António Palouro como uma das personalidades de 1989, considerou que «seria positivo que na gestão da Câmara participassem todas as forças políticas» mas no seu entender, a atitude dos vereadores do PSD não impedirá «que as grandes questões sejam atacadas e os problemas resolvidos».

Marcelo Rebelo de Sousa afirmou, entretanto, que se Luís Coimbra aceitar os pelouros de iluminação e gestão de parques de campismo, que lhe foram propostos por Jorge Sampaio «fica em causa o acordo feito com a distrital do PSD».

Recorde-se que quando, no Verão, o PSD, o CDS e os monárquicos se coligaram para concorrer à Câmara de Lisboa, o PPM garantiu cinco lugares nas listas social-democratas concorrentes às legislativas de 1991. Este acordo foi assinado pela distrital de Lisboa do PSD, mas não chegou a ser ratificado por Cavaco Silva.

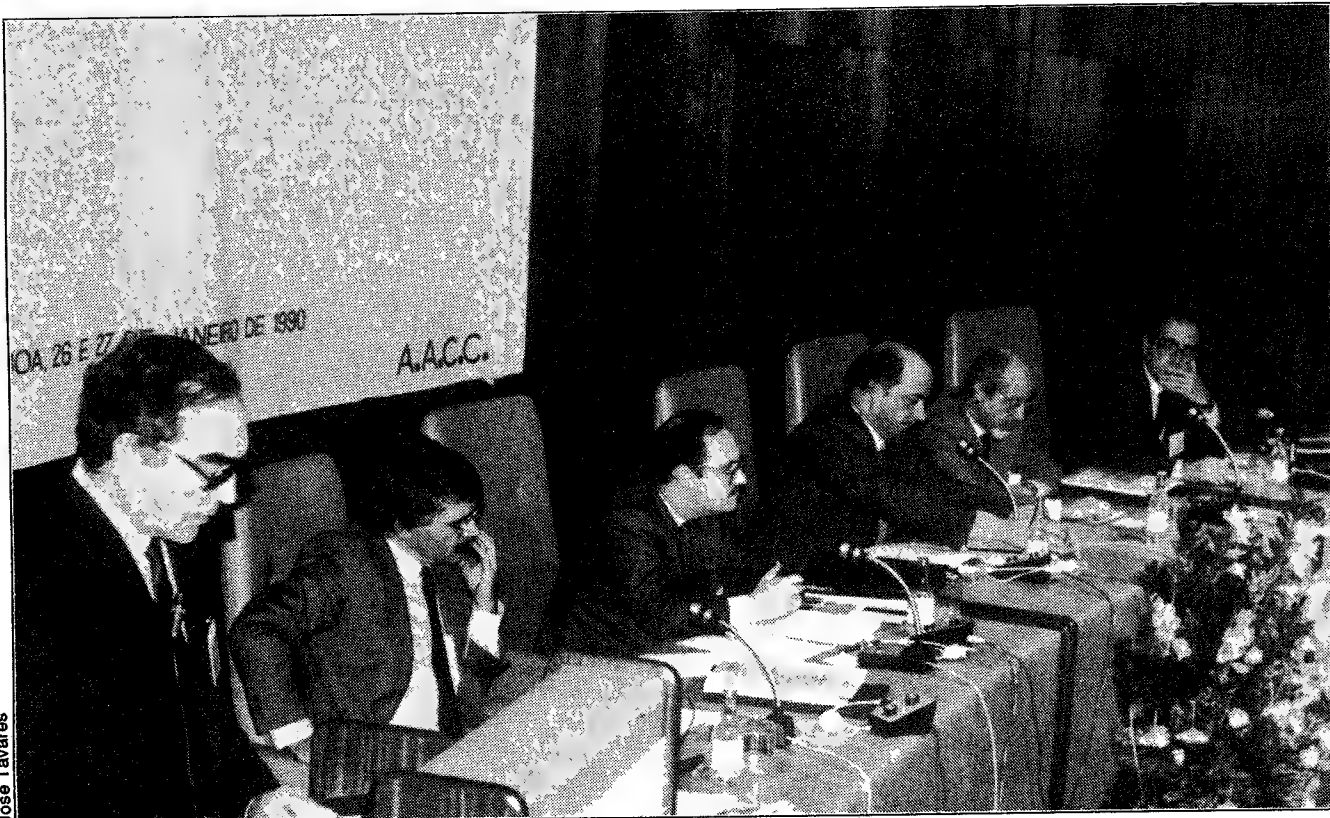
Para o ex-candidato à presidência da CML o que se passa com o PPM, não pode ser comparado com a situação gerada pelos centristas. Na sua opinião, o facto de dois vereadores do CDS terem aceite dois pelouros na gestão do executivo municipal, ainda que a meio tempo, denota «um desvario estratégico e tático, moralmente condenável».

Por seu turno, o presidente do Partido Popular Monárquico, recusou-se, para já, a comentar as afirmações de Marcelo Rebelo de Sousa. «Não nos vamos pronunciar ainda sobre esta questão. Só depois do Conselho Nacional do nosso partido, que se realizará no sábado, é que o faremos. Pensamos que estas atitudes não devem ser tomadas precipitadamente», afirmou Augusto Ferreira do Amaral.



O futuro do PPM nas próximas legislativas está nas mãos de Luís Coimbra

POLÍTICA



A corrupção e o Estado de Direito: teoricamente, as soluções são muitas, mas a prática é bem diferente

Combate à corrupção: venham daí os culpados

A moral vigente de que as pessoas «têm que se safar», contribui para que apenas se conheça a ponta do icebergue do que são estes crimes

É muito difícil pôr uma centena de pessoas em total acordo. No entanto, no caso das Jornadas sobre o Fenómeno da Corrupção, mais difícil ainda seria encontrar alguém que discordasse. Quem contesta a existência generalizada de corrupção na administração pública? Quem não é totalmente a favor de um combate eficaz e feroz deste crime? Quem não aplaude de pé o estabelecimento de programas de prevenção e educação neste campo? Obviamente, ninguém. Assim, as boas intenções e os altos propósitos foram muitos. A prática... é frequentemente diferente.

Se nenhum outro mérito se conseguir encontrar nas jornadas organizadas pela Alta Autoridade contra a Corrupção, (AACC) resta-lhe pelo menos o de, durante dois dias, ter chamado a atenção da opinião pública para este fenómeno que, de tão corriqueiro e impune, já pouco prende os olhares.

O programa era exaustivo, pretendendo fazer o balanço de como se posicionam face à corrupção a sociedade, a economia, o Estado, a opinião pública, a Lei, a justiça e o Estado de Direito. Para isso, a AACC convidou especialistas em todas estas áreas que, em discursos de maior ou menor circunstância, expressaram as suas opiniões ou aquelas que se esperavam deles.

Pontos altos do encontro foram as comunicações do economista Silva Lopes, de José Souto de Moura - que substituiu o director do Centro de Estudos Judiciários - e

dos intervenientes no painel sobre a corrupção e o Estado de Direito, com especial destaque para António Vitorino e Rui Machete.

Considerando que a economia pouco tem a dizer sobre a corrupção, Silva Lopes utilizou o tom jocoso para afirmar - talvez mais a sério do que parecia - que a corrupção pode ter alguns benefícios na economia. «Há algum tempo, um ministro indonésio resolveu acabar com a corrupção que grassava nas alfândegas, lançando um apertado programa de controlo. O resultado foi um 'entupimento' terrível daqueles serviços».

Tal exemplo serviu a Silva Lopes para explicar a sua ideia de que a corrupção pode ter os seus efeitos positivos se servir para promover a rapidez de decisão numa máquina burocrática pesada, evitando assim elevados custos provocados pela demora.

No entanto, o economista referiu-se aos elevados custos tanto da corrupção como do seu combate, preconizando a diminuição do sector empresarial do Estado, a alteração das suas políticas económicas, a competitividade e o apoio dos mecanismos de mercado como formas de minorar este flagelo.

A sociedade é permissiva

José Souto de Moura começou por expressar a sua perplexidade face ao reduzidíssimo número de casos de corrupção que aparecem nos tribunais - apenas 39 entre 1984 e 1987 - considerando que tal não reflecte a

situação que se vive de facto em Portugal.

Para este docente do Centro de Estudos Judiciários, a impunidade existente neste campo é grande pois, «se os textos legais são rigorosos, a sociedade é permissiva e apenas uma pequena parcela dos crimes é denunciada».

A moral vigente de que «as pessoas têm que se safar» contribui muito, em sua opinião, para que apenas se conheça a ponta do icebergue que são estes crimes. «Na maior parte das vezes, as pessoas não actuam porque acham que não vale a pena o risco que correm ao tomar tal atitude», afirmou.

Considerando que a corrupção está assimilada pela sociedade, José Souto de Moura defende que o seu combate passa pela maior personalização dos culpados, papel que cabe ao poder judicial.

No painel sobre a corrupção e o Estado de Direito, António Vitorino tocou num ponto essencial deste problema: os rendimentos dos titulares de cargos públicos e o financiamento dos partidos políticos. No que se refere à primeira questão, este juiz do Tribunal Constitucional afirmou que a sua transparência passa pelo acesso dos cidadãos às declarações de rendimentos dos políticos. No entanto, considerou que este problema é muito delicado e difícil de resolver.

Quanto ao financiamento dos partidos - classificada como «uma zona nebulosa cuja transparência só beneficiará o Estado de Direito democrático» - António Vitorino criticou o actual re-

gime, salientando o ridículo de, por exemplo, nas campanhas para as eleições autárquicas, cada partido só poder, nos termos da lei, gastar 500 escudos por candidato, o que, em Lisboa, daria 17 contos.

Para obviar as situações de ilegalidade que todos os partidos, sem excepção, vivem nesta matéria, o antigo deputado socialista propõe a elaboração de uma lei, mais liberal no que se refere às fontes de financiamento, mas que exija a submissão anual dos relatórios de contas de cada formação política ao Tribunal de Contas.

Rui Machete preconizou uma adequação constante e rigorosa das leis à realidade, bem como uma maior participação dos interessados e fiscalizadores na sua feitura. Criticou ainda a actual filosofia administrativa e a forma como se cultiva o segredo, considerando que elas são fontes de corrupção.

Nas Jornadas sobre o Fenómeno da Corrupção participaram ainda o presidente da Assembleia da República, Victor Crespo, António Barbosa de Melo, Vasco Nunes da Silva, Mário Mesquita, José Pedro Castanheira, Miguel Sousa Tavares e Victor Cunha Rego, num painel sobre a opinião pública e a corrupção, Vital Moreira, Braz Teixeira e Sousa Franco, no painel sobre a corrupção e o Estado de Direito, Jorge Figueiredo Dias e John Gardiner, além do Alto Comissário contra a Corrupção, coronel Costa Braz, que presidiu aos trabalhos.

Dina Soares

Mais vale prevenir do que remediar

Prevenir para não ter que remediar, é o caminho apontado por John Gardiner para resolver o problema da corrupção. Confrontado diariamente com este flagelo na sua cidade natal, Chicago, Gardiner tem dedicado toda a sua vida ao estudo e combate daquilo que é o triste «ex libris» da terra onde vive.

Director de pesquisas do Chicago Ethics Project e do departamento de Investigação de Ciências Sociais da Universidade de Illinois, Estados Unidos, Gardiner considerou, em entrevista ao DL, que «só através da educação se poderá fazer as pessoas entenderem que uma sociedade honesta é uma sociedade melhor, pois a corrupção acaba sempre por prejudicar todos».

John Gardiner compara este problema ao da ecologia. «Há alguns anos ninguém se preocupava em saber se uma determinada fábrica ia poluir o ambiente. Hoje, em muitas sociedades, só o acto de deitar um papel para o chão já é crime». Assim, ele considera que se na escola primária se começarem a alertar as crianças para este problema, se formarão adultos mais conscientes.

Disparidade de critérios

O problema das mentalidades aparece, desta forma, como a chave para a resolução dos crimes de corrupção. No entender de John Gardiner, «as pessoas estão habituadas e resignadas com a existência da corrupção e, quando resolvem tomar medidas contra ela, limitam-se a tirar o funcionário corrupto do seu posto, pensando que assim vão acabar com o crime».

Outro dos factores importantes é o que se prende com aquilo que os cidadãos consideram que é corrupção. «A definição deste crime, para a opinião pública, depende muito dos costumes. Tomemos um exemplo: um político é infiel à sua mulher



John Gardiner: «Educar é a melhor forma de prevenir a corrupção»

e desvia dinheiros públicos para fins privados. Para a opinião pública americana, de uma maneira geral, o primeiro provoca grande indignação enquanto o segundo não suscita mais do que um encolher de ombros».

O exagero pode também manifestar-se em sentido contrário. «No Minnesota, onde a população é muito conservadora, gerou-se há algum tempo um movimento de grande indignação só porque os funcionários públicos usavam os telefones das repartições para fazerem telefonemas particulares».

Esta disparidade de critérios pode ainda ter a ver, segundo John Gardiner, com a própria personalidade do político em causa.

A este propósito, recorda o caso da expulsão, no ano passado, do congressista texano Jim Wright: «No Texas grassa uma grande corrupção e outros políticos cometeram crimes tão ou mais graves que os do próprio Wright, ficando impunes. Só que este era muito antipático e as pessoas não gostavam dele».

A par da educação, este docente universitário defende igualmente que se acabe tanto quanto possível, com as causas que levam as pessoas à corrupção. «As repartições públicas são lentas, complicadas, ineficazes, fazendo com que os cidadãos fiquem frustrados com todas as dificuldades com que se deparam e tentem livrar-se delas como podem», afirma.

Um exemplo disso são, segundo Gardiner, as leis em vigor em Chicago para a construção civil: «Na minha cidade não é possível construir uma casa dentro da legalidade, pois a legislação tem mais de 50 anos, não tendo portanto acompanhado a evolução tecnológica e, ainda por cima, é muitas vezes contraditória entre si. A solução é dar uma gratificação ao inspector para que ele 'não veja' as irregularidades».

Falta de prevenção

Em sua opinião, a própria administração pública está na base de muita da corrupção existente. «Numa repartição ninguém se preocupa em definir com exactidão as funções e responsabilidades de cada um», afirma. «Por outro lado, quando se contrata um funcionário não se investiga o seu passado, o que dá origem a situações tristemente caricatas como uma passada recentemente em Chicago, onde o próprio director do Conselho de Ética tinha um mandato de captura por roubo, emitido noutro estado».

Este investigador aponta ainda como causa próxima da corrupção, a incompetência: «Em Chicago, por exemplo, a única habilitação válida para um funcionário público é conhecer um político». Os políticos são, aliás, os grandes protagonistas das histórias de corrupção nos Estados Unidos.

Para ilustrar a situação, John Gardiner termina contando uma anedota actualmente em voga no seu país: «À porta do céu estão uma série de pessoas em fila esperando a sua vez. Vários grupos tentam passar à frente mas São Pedro impede-os sempre. Chega então um grupo de políticos que passa impunemente. Finalmente, um velhote tenta, sem sucesso, passar também à frente. Interrogado sobre quem é aquela personagem, São Pedro responde: 'É Deus. Ele está tão velho e esquecido que às vezes pensa que tem tantos direitos como os políticos'».

D.S.

INTERNACIONAL

Gorbachev ultrapassado pela evolução dos acontecimentos na URSS

A questão das nacionalidades envolve revisões políticas não previstas e que o PCUS dificilmente aceitará

Do nosso correspondente em Paris

As crises no Báltico e no Azerbaijão obrigaram o secretariado do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, na segunda-feira passada, a solicitar a Gorbachev uma revisão das grandes linhas do documento a apresentar quando da próxima reunião do Comité Central, prevista inicialmente para a próxima segunda-feira, e agora adiada para dia 5 ou 6 de Fevereiro.

Como o secretariado é composto na maioria por apoiantes da perestroika o que não acontece com o Comité Central, a decisão de pedir a Gorbachev para rever as suas ideias pode significar que, mesmo entre os apoiantes da perestroika, há já divisões suficientemente profundas para que a posição política de Gorbachev se torne ainda mais delicada.

O que é certo é que os acontecimentos na URSS se precipitaram nitidamente, e que, face a essa evolução, a capacidade de antecipação que Gorbachev demonstrou no

domínio da política externa, parece seriamente comprometida. Diante da aparente paralisia e silêncio do poder, a Imprensa soviética exige acção.

O problema é que a questão das nacionalidades envolve revisões políticas profundas, para as quais Gorbachev talvez não estivesse preparado, e que serão dificilmente aceites pelo partido. Até onde «não ir longe de mais», como ultrapassar a resistência do partido num país onde só há pouco se assiste ao nascimento de um esboço de opinião pública (opinião essa que, aliás, talvez já não esteja comprometida com a perestroika), como solicitar e ao mesmo tempo controlar o exército, agora chamado a operações de manutenção da ordem interna, e ele mesmo composto de numerosas etnias?

Eleito para dar novo alento ao socialismo e reformar a economia, Gorbachev defronta-se hoje com problemas que só podem encontrar soluções indo além de uma democratização do sistema. Trata-se de encarar o destino

do Império Russo, durante 70 anos escondido sob a URSS.

Herdeiros de um império tipo colonial, os comunistas russos pretenderam fundar um Estado socialista multinacional, mas evitaram uma verdadeira reflexão sobre a questão nacional, e chegaram, no período de «estagnação» brejneviana a emitir opiniões como esta: «A questão nacional com todos os problemas que apresentava no momento em que a herdamos, foi resolvida inteira e definitivamente» (Brejnev, 1982).

As dificuldades existentes

Gorbachev, que viveu longos anos no norte do Cáucaso, no seu livro «Perestroika» reconhece as dificuldades existentes, mas continua a analisá-las no quadro das teorias de Lenine, sua referência constante, mas, no caso, inadequada, visto que Lenine pouco se debruçou sobre a questão.

O verdadeiro artifice da política da URSS, no que respeita às nacionalidades foi Estaline, com os méritos e os

meios que se conhecem. Ora a teoria estalinista sobre as nacionalidades repousa sobre o ocultamento da componente política do conceito de Nação. Isto é, substitui a História, impedindo a constituição de burguesias nacionais representativas, por uma teleologia: a dos supostos interesses de um proletariado que na realidade nem existia em muitas das regiões do Império.

Essa amputação da História não resultou nos países bálticos, onde o sentimento nacional se abrigou na burguesia remanescente, e mesmo hoje nos dirigentes dos Partidos Comunistas locais reencontrando uma expressão moderna, que permitirá que se encontrem soluções no quadro de uma democratização das instituições de uma nova União, ou do devir da «Grande Casa Europeia». Mas, nas regiões há mais tempo ocupadas, a questão nacional ressurgiu dramaticamente expressa em movimentos étnicos e religiosos que, dado o seu radicalismo, não apresentam expressão política eficaz, compatível

com uma «toilette democrática», e remetem Gorbachev, a Rússia e esses povos, a uma situação do tipo «colonizador-colonizado», semelhante à enfrentada pelos países europeus em África nos anos 60, com a agravante de se tratar de uma região onde outros países, como o Irão e a Turquia, se defrontam também com os problemas decorrentes da existência de fortes minorias. Se os conflitos actuais não forem sanados, estes países podem ser envolvidos numa desestabilização global da zona, com consequências imprevisíveis. Por outro lado tudo o que aconteceu no Cáucaso não deixará de ter influência no Báltico. Até ao momento, a política de Gorbachev tem sido de conciliação, mesmo se armada. No caso do Azerbaijão, essa política traduz-se, apenas, num adiamento de soluções e não pode resultar, antes tende a favorecer o alastramento da crise às Repúblicas vizinhas, como a Geórgia. O recente ataque de um comboio de mercadorias perpetrado por membros da minoria azeri residentes na

Geórgia parece confirmar esse perigo. Gorbachev tem de agir também porque a população russa já emitiu sinais claros de que não quer outro Afeganistão. Alguns dos reservistas russos chamados a intervir no Azerbaijão tiveram de ser desmobilizados, devido a notória insubordinação.

Esta situação, que aponta para uma crise onde é o próprio Estado que é posto em questão, pode convir a conservadores em oposição a Gorbachev, que não deixarão de explorar também os legítimos receios das minorias russas residentes nessas Repúblicas fronteiriças. Mas mesmo os conservadores devem compreender que o que está em perigo hoje não é tanto Gorbachev, mas o próprio Estado russo.

O apoio inequívoco que o Presidente Bush acaba de manifestar pela primeira vez à política de Gorbachev, e o nervosismo das grandes bolsas são sintomas claros da preocupação gerada pelo impasse em que se encontra a União Soviética.

Pedro de Souza

B R E V E S

Pedida a demissão da Frente de Salvação romena

Vinte mil pessoas pediram ontem em Bucareste a dissolução do Conselho da Frente de Salvação Nacional, no poder desde o derrube e execução do ditador Nicolae Ceausescu.

Os três principais partidos da oposição, o Nacional Camponês, o Nacional Liberal e o Social Democrata, reuniram-se no sábado com o presidente Ion Iliescu e com o primeiro-ministro, Petre Roman.

Os integrantes da maior manifestação na Roménia, desde a queda de Ceausescu, reivindicaram a formação de um novo Governo de transição que exerça as suas funções até às eleições convocadas para o próximo dia 20 de Maio e protestaram contra a decisão da FSN em apresentar candidatos nessas eleições.

O Conselho da FSN, que tinha proibido a manifestação na praça da Vitória, convocou uma em seu apoio, que apenas reuniu três mil pessoas.

As manifestações terminaram na praça da Vitória sob escolta de carros de combate, parquedistas e agentes de segurança. Alguns cidadãos que protestavam contra o actual Governo ultrapassaram as barreiras colocadas em frente da sede da FSN mas não penetraram no edifício.

Azerbaijão: conversações de paz na quarta-feira

Nacionalistas arménios e azerbaijanis concordaram em iniciar na quarta-feira conversações sobre o fim da sua sangrenta disputa no Cáucaso, mas a reivindicação sobre Nagorno-Karabakh não constará da agenda. Combatentes das duas partes começaram ontem a retirar-se de uma importante frente de combates e concordaram em discutir o prolongamento da trégua a outras partes da região, referiram activistas. Na semana passada, os activistas concordaram com uma trégua na fronteira entre a Arménia e o Azerbaijão, uma das áreas mais duramente distadas na região.

Redacção "DL"/Lusa

Apelo à revolta militar em Cuba

Segundo notícia dada, ao princípio desta manhã, pela Rádio Nacional de Espanha, um grupo de oficiais norte-americanos, de origem cubana, deu a conhecer, através de uma cadeia de rádio mexicana, um manifesto dirigido aos soldados e oficiais das Forças Armadas cubanas.

O espírito desse manifesto é o seguinte, nas suas próprias palavras: «Ao passar mais um aniversário do nascimento de José Martí, os soldados cubanos devem transformar-se em heróis, não obedecendo a ordens superiores que vão contra o povo. É necessário revoltarem-se, agora».

Este manifesto aparece num contexto muito concreto. Por um lado, a invasão e a ocupação do Panamá, pelos Estados Unidos; por outro, a situação da URSS, que tem consequências imprevisíveis para Cuba, pela dependência económica deste último país em relação ao primeiro.

Há mais dois dados: o fracasso da viagem de Dan Quayle à América Latina e o discurso do chefe de Estado Maior das Forças Armadas

cubanas, há poucos dias atrás, num seminário sobre Forças Armadas, e no qual este chefe militar fez, praticamente, um apelo à guerra contra os Estados Unidos. Qual é o significado disto?

Esperemos a resposta

Vejamos dois pontos:

1) Mais uma ingerência nos assuntos internos de um país latino-americano, por parte dos Estados Unidos, desta vez contra o inimigo principal que é Cuba.

2) É praticamente um apelo à revolta contra o regime cubano.

3) Não se trata de um facto isolado do contexto concreto cubano. Portanto, deve haver conhecimento da parte dos Estados Unidos de um mau estar no seio do Exército cubano, como consequência, por um lado, da situação nos países do Leste e, por outro, dos fuzilamentos feitos há tempos atrás, particularmente o do general Ochoa, que era um homem muito querido por Fidel.

As consequências podem ser graves e é de esperar uma rápida resposta de Cuba.

Andre Martin



INTERNACIONAL

E tudo o Papa levou

Não foram necessárias 24 horas para que o charme mediático do Papa envolvesse a maioria dos guineenses

Do enviado especial DL/TSF

As previsões não eram, francamente, optimistas. Muitos analistas punham em causa, inclusive, a oportunidade da visita e mais ainda a legitimidade da mesma, perante os atropelos públicos aos direitos humanos, praticados por Nino Vieira, no poder da República da Guiné-Bissau, há dez anos.

Não tendo sido ainda varrida da memória colectiva a

recusa de Nino ao pedido papal de clemência para com Paulo Correia e mais cinco companheiros, fuzilados em 1986, o desaparecimento de alguns presos políticos terá feito supor destino igual. A Amnistia Internacional denunciava, recentemente, a existência de 13 desaparecidos, depois do indulto que o presidente concedeu por motivos da vinda do Papa.

Uma outra razão poderia fazer adivinhar um relativo fracasso para a visita papal a

esta antiga colónia portuguesa: a situação minoritária da Igreja Católica, com sete por cento apenas de fiéis, contra 60 por cento de praticantes das religiões tradicionais africanas e 30 por cento de muçulmanos. A verdade é que, desde o primeiro momento do contacto pessoal de João Paulo II com os guineenses, uma indescritível onda electrizante percorreu todos os passos da visita papal. Na cerimónia de boas-vindas, no aeroporto, Nino Vieira,

ainda que contraditoriamente, «adoçou» o Papa com um elogio rasgado à controversa visita pastoral a Timor-Leste sem deixar de recordar o gesto histórico do Papa Paulo VI de, em 1970, ter recebido os chefes dos movimentos de libertação de Angola, Moçambique e Guiné.

João Paulo II respondeu por seu lado com um vigoroso discurso, meticolosamente trabalhado, em que nenhuma área terá sido esquecida.

O Estádio Nacional 24 de

Setembro, em Bissau, jamais foi palco de tão interrogante espectáculo como o que constituiu a celebração da missa campal, reunindo mais de vinte mil pessoas. Fabulosa a interpretação de cantos tradicionais por um coro de 800 vozes. A homília o Papa retomou as questões anunciadas no discurso de boas-vindas sublinhando aqui o «clima de paz, tolerância e respeito» entre as diferentes comunidades religiosas guineenses. Prova disso, a

representação na missa papal da comunidade muçulmana da Guiné-Bissau.

Manuel Villas-Boas

Papa em Uagadugu

Ontem, João Paulo II esteve no Mali, congregando milhares de cristãos e muçulmanos à sua volta e, hoje, chegou a Uagadugu, capital do Burkina Faso, onde presidirá à comemoração do décimo aniversário do apelo por ele lançado a favor dos países do Sahel.

Mandela pode ser libertado hoje

Após 27 anos de detenção, o líder negro sul-africano Nelson Mandela poderá ser hoje libertado, anunciou na sua edição de ontem o jornal «Sunday Times» de Joanesburgo. A libertação de Mandela, segundo o jornal, seria uma aspiração de elementos do Governo, entre os quais o próprio Presidente, Frederik de Klerk.

O Presidente sul-africano estaria mesmo «impaciente» para soltar Mandela, respondendo aos anseios de um forte grupo de pressão formado por comandos da polícia e membros do aparelho do Estado, que vêm na libertação a melhor maneira de acelerar o processo que possa conduzir a negociações sobre uma nova Constituição para o país.

Vários observadores consideram que o Governo sul-africano quer evitar a todo o custo que o líder negro, de 71 anos, morra na cadeia, o que provocaria grandes convulsões no país. Recorde-se que Mandela está actualmente sob prisão domiciliária por motivos de saúde.

Por outro lado, existem rumores que no processo de negociações sobre o futuro da África do Sul, De Klerk preferia ter como interlocutor o líder histórico do ANC (Congresso Nacional Africano) cujas posições são consideradas mais conciliatórias do que as do seu partido, sobretudo da actual direcção chefiada por Oliver Tambo.

Na semana passada o ministro da Justiça sul-africano adiantou que a libertação de Mandela estaria para «muito breve» e há duas semanas a rádio oficial informava que o dirigente negro poderia ser solto «em finais de Janeiro ou no princípio de Fevereiro, na abertura do Parlamento».

A rádio, que geralmente reflecte as posições do Governo, afirmava que a decisão teria sido tomada em virtude do abrandamento das posições de Mandela, que estaria disposto a apoiar uma mudança pacífica para o país.

Na sequência de uma série de reuniões privadas entre o ANC e grupos políticos e empresariais sul-africanos, dirigentes da Juventude do Partido Nacional (NP), que detém o Poder, encontraram-se ontem no Botswana com os seus homólogos do ANC. A reunião teve como principal conclusão a concordância quanto à necessidade de abolir o apartheid.

As duas Juventudes discordaram, no entanto, quanto ao sistema que deve suceder ao actual Governo de minoria branca. Marthinus Van Schalkwyk, chefe da delegação do NP, disse em conferência de Imprensa que a sua organização advoga uma economia de mercado, enquanto o ANC pretende uma economia mista para corrigir «erros históricos».

A Juventude do NP também se opôs às sanções e à violência defendidas pelo ANC como a melhor maneira de alcançar o regime de maioria negra.

Redacção «DL»/Lusa

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GREVE DE 30 DE JANEIRO A 9 DE FEVEREIRO DE 1990

Período das 12.00 horas do dia 30/01/90 às 24.00 horas do dia 09/02/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e barcos, naquele período:

1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

1.1. Linha de Sintra

Prevê-se a realização dos comboios com origem e destino em Sintra e Cacém, com o horário dos dias úteis.

Todos os comboios terão paragem em Campolide.

A CP desenvolve também, a partir das 7.00 horas, um esquema rodoviário alternativo com origens e destinos em Queluz e Amadora, ambos sobre Sete Rios (Lisboa).

1.2. Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos, com algumas supressões pontuais.

Todos os comboios terão paragem em Santos.

A CP desenvolve também, a partir das 6.00 horas, um esquema rodoviário complementar, com origens e destinos em S. Pedro, Parede, Carcavelos, Oeiras, Paço d'Arcos e Cais do Sodré.

1.3. Lisboa — Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

1.4. Barreiro — Praias do Sado

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

1.5. Via Fluvial — Lisboa/Barreiro

Será praticado o serviço normal

1.6. Cacém — Torres Vedras

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga.

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA

Coimbra — Figueira da Foz e Coimbra — Serpins

Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»

4.1 «ALFA»

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.

Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

4.2 «INTERCIDADES»

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto — Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto — Vigo que será suprimida neste período.

6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA — Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informações da CP.

29.Jan.1990

Informação divulgada pela

Divisão de Relações Públicas da CP



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

Democracia é conflitualidade, todos concordam. Com a mudança que vai pelo mundo, talvez as guerras não passem de diferenças de pontos de vista, resolúveis pela palavra. É a aposta na paz perpétua, na qual convém jogar tudo, mas sem excesso de ilusões

Os difíceis caminhos da paz perpétua

A generalização do processo democrático está tornar o sistema internacional menos heterogêneo e a substituir o antagonismo amigo-inimigo pela busca de afinidades, o que permitirá passar do reino da violência para o da não violência e resolver os conflitos através da persuasão, da pressão e do compromisso.

Esta tese, apoiada na concepção kantiana da paz perpétua, foi defendida por Celso Lafer, professor de Ciências Políticas da Universidade de S. Paulo, numa conferência que proferiu sexta-feira em Lisboa, a convite do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, sobre o tema da questão democrática no actual contexto internacional.

Celso Lafer salientou que o sistema internacional decorrente da guerra e caracterizado pela anarquia, constitui obstáculo ao ideal democrático, pois dificulta a visibilidade do poder. A democracia pode ser definida como o regime em que o poder público é exercido publicamente, isto é em que os governados controlam a gestão dos governantes; é a aplicação dos princípios da Revolução Francesa que consagrou o Estado para o indivíduo e, assim, inaugurou a legitimação da cidadania. Ora, o imperativo de auto-defesa e de sobrevivência dos Estados faz que, no plano internacional, impere o segredo em detrimento da transparência democrática.

A evolução do mundo leva Celso Lafer a detectar uma tendência para a concordância entre a ordem democrática interna e a ordem externa, sob o signo do reformismo. O reformismo deixou de ser considerado oportunista, por oposição à revolução («Trotsky menchevique está



«Democracia é contar cabeças, não é cortar cabeças». Da esquerda para a direita, Vicente Pinto de Andrade, Álvaro Vasconcelos, Celso Lafer e Guilherme d'Oliveira Martins, no Grémio Literário

mais em moda do que Trotsky bolchevique»), a batalha ideológica perdeu relevância e a importância dos Direitos do Homem é primacial. É maior a convergência no plano dos valores - os grandes problemas globalizam-se, como a ecologia é a droga - e o espaço para os estrategas militares fica reduzido. Tal não quer dizer que os conflitos deixem de existir, tão-só que tenderão a ser resolvidos por meios não violentos.

Nesta perspectiva, assumem especial relevo as possibilidades que se abrem aos países de uma nova inserção internacional. As mudanças a Leste são paradigmáticas a este respeito, porque questionam a ordem europeia, a partir da mudança interna, no que parece uma consequência natural da alteração. Nem sempre,

mas em moda do que Trotsky bolchevique»), a batalha ideológica perdeu relevância e a importância dos Direitos do Homem é primacial. É maior a convergência no plano dos valores - os grandes problemas globalizam-se, como a ecologia é a droga - e o espaço para os estrategas militares fica reduzido. Tal não quer dizer que os conflitos deixem de existir, tão-só que tenderão a ser resolvidos por meios não violentos.

Democracia é conflito

Guilherme d'Oliveira Martins, comentando a conferência de Celso Lafer, pôs o acento tónico na necessidade de criar mecanismos de regulação da conflitualidade. Menos optimista do que Lafer (o optimismo deste, como ele próprio preveniu, é temperado pela observação da realidade que perturba a lógica da reflexão teórica), Oliveira Martins prevê a substituição das antigas fronteiras de conflito por outras,

mas em moda do que Trotsky bolchevique»), a batalha ideológica perdeu relevância e a importância dos Direitos do Homem é primacial. É maior a convergência no plano dos valores - os grandes problemas globalizam-se, como a ecologia é a droga - e o espaço para os estrategas militares fica reduzido. Tal não quer dizer que os conflitos deixem de existir, tão-só que tenderão a ser resolvidos por meios não violentos.

Princípio perigoso

Vicente Pinto de Andrade discorreu sobre o tema numa perspectiva africana. Para este economista angolano, o desanuviamiento internacional e a desideologização dos problemas favorecem a democratização da África, que não está de modo algum excluída do processo de mutação internacional no sentido da prevalência dos Direitos do Homem e do primado da não violência. Pinto de Andrade contestava

assim a tese dominante na Europa (Álvaro Vasconcelos, director do IIEI, lembrou que ela tinha imperado nas negociações dos acordos de Laomé IV), segundo a qual a questão da democratização da África vem em segundo lugar relativamente ao desenvolvimento e à construção nacional - por outras palavras, que o pluripartidarismo é bom para a Europa, mas não é bom para os Estados africanos. Independentemente das excepções - Pinto de Andrade citou os casos do Botswana e das Ilhas Maurícias, Estados democráticos - o princípio é perigoso, uma vez que, ao favorecer soluções monolíticas, conduz à resolução violenta dos conflitos.

Estimulante mas difícil

A imprevisibilidade do que

vai acontecer a médio prazo no Leste Europeu, reconhecida por todos, condiciona a reflexão nestas matérias e permite conceber vários futuros.

A tese de Fukuyama sobre o primado universal da democracia liberal não virá a ser posta em causa pela emergência de uma alternativa fundada em valores religiosos como os do fundamentalismo islâmico, contra os valores da sociedade de consumo (Álvaro Vasconcelos)? O monopólio dos benefícios industriais não poderá revoltar os países à margem do desenvolvimento, gerar uma nova «invasão dos bárbaros» para destruir aquilo de que não podem partilhar (Borges de Macedo e Costa e Silva)? A democracia é um ideal ou apenas o que resta depois de tudo ter falhado (Vilaverde Cabral e Diogo Pires Aurélio)?

Como se vê o debate foi denso, concentrado em três horas que mal chegaram para expor critérios de análise, e deixaram necessariamente para outra oportunidade uma reflexão mais vasta sobre as consequências globais da democratização. Por exemplo, o fim da guerra fria, o pragmatismo nas relações internacionais em prejuízo do combate ideológico, a perestroika e o efeito de domínio que desencadeou favoreceram o descomprometimento das grandes potências nas áreas do mundo que comandavam. Isto é, uma das consequências do êxito de uma nova ordem internacional democrática significará também a «marginalização» da África e da América Latina, que ficarão entregues a si próprias. Perspectiva certamente estimulante, mas difícil de enfrentar.

João Paulo de Oliveira

De Oswaldo e da Amazônia

Da nossa correspondente no Rio de Janeiro

Estive na Amazônia uma única vez, há, exactos, dez anos. Não me lembro de muita coisa, excepto de um pássaro preto e crespinho, mais ou menos do tamanho de um peru, que ficou meu amigo e me seguia por toda a parte; do silêncio cheio de ruídos da floresta; da multidão ensandecida que, na Zona Franca de Manaus, enfrentava um calor de 45 graus e filas intermináveis para comprar meia dúzia de quinquilharias importadas. Lembro, também, que, na época, a Amazônia ficava na Região Norte e era muito, muito longe.

Hoje, a Amazônia é perto, e está em toda a parte. O buraco de ozono é logo ali, na atmosfera, estão vindo? bem em cima da fumaça da última queimada. Serra Pelada é aquele barro lá adiante, aquela imagem bíblica que identificamos com o reconhecimento tácito de um velho retrato de família. Aqui, neste lugar, bem na porta de casa, foi morto Chico

Mendes, mas não ouvimos os tiros porque o barulho das bandas de rock, defendendo o meio ambiente, estava muito alto.

Não faz mal, é claro, porque já há uma equipa de cinema internacional formidável cuidando da história, e logo estaremos vendo o Chico novamente, numa edição revista e melhorada, vivido nas telas de cinema por um galã estrangeiro.

Vai ser uma beleza de filme. E, sobretudo, vai dar um dinheirão: os novos filões da Amazônia, tão fáceis de explorar, e tão (ou mais) ricos quanto os das minas de ouro, estão abertos a garimpeiros de todos os tipos e nacionalidades, como tão bem demonstra o Sting, aquele roqueiro inglês que adoptou o cacique Raoni como índio de estimação (leia-se promoção).

O ouro é cobiçado como sempre, nem todo mundo tem acesso aos média para obtê-lo através da «arte» e o negócio é garimpá-lo ao vivo, à moda antiga. É um garimpo árduo,

mais cruel, de que se fala muito e se sabe pouco: as testemunhas não são fidedignas. No ano passado, porém, estive lá Oswaldo França Júnior, um brasileiro. Voltou com uma história densa e comovente, das melhores que já se escreveram por aqui, das poucas em que a Amazônia é tratada como um universo real, e não como a região de lenda que se vende mundo afora. Não há mistérios no livro de Oswaldo (que se chama «De Ouro e de Amazônia») nem animais fabulosos. Há homens em busca de fortuna e há uma tremenda floresta, e é quanto basta para a descoberta de modos e vidas de que nem sequer suspeitamos, de um Brasil tão mais simples (e tão mais complexo) do que mostram jornais e televisão. Um livro extraordinário.

Confesso envergonhada que a minha Amazônia, aquela de tantos anos, era muito parecida com a dos neo-ecologistas pós-modernos da escola de Sting: uma espécie de Disneylândia tropical, graciosamente pro-

duzida pelo Todo-Poderoso para nosso exclusivo espanto. Eu não tinha a visão desencantada de Oswaldo e, nos poucos dias que passei entre Manaus e Belém, olhei o que devia ser olhado, sem perceber o que havia para ser visto. Estava zona de calor, dos batidos de frutas esquisitas, e dos relatos que me faziam, tão absurdos quanto o do motorista do táxi, a caminho do aeroporto de Val-de-Cans: «Deu na rádio que uma tropa da polícia pegou uma cobra de quinze metros que fez ninho pra lá do Igarapé das Almas, porque ela comeu dois cavalos. E que mataram um tal dos Beatles, um John.»

Como, mataram John? Custei a acreditar. Também custei a acreditar quando, há menos de seis meses, ouvi, no rádio de outro táxi, que Oswaldo França Júnior tinha morrido. Num desastre de automóvel, numa estrada de Minas Gerais.

Cora Ronai

QUOTIDIANO

Torres Couto sem «generais»

O secretário-geral da UGT tem que assumir pessoalmente o pelouro da contratação colectiva

O Conselho Geral da UGT, que ontem terminou em Lisboa, foi ainda mais surpreendente do que se esperava: depois de todas as «guerras» entre o SITRA e Vítor Hugo Sequeira e do nome de Elisa Damião surgir como o mais indicado para assumir o pelouro da contratação colectiva, foi o próprio Torres Couto quem acabou por ficar com essa responsabilidade. Pelo meio ficou a aprovação de uma moção de apoio à recandidatura do Presidente da República, que não deixou de contar com vozes discordantes e várias abstenções.

Quem ainda tem presente os conturbados anos do PS após a saída de Mário Soares, não pode deixar de fazer a analogia com o que este fim-de-semana se passou no Conselho Geral da UGT: Constâncio abandonou o cargo de secretário-geral do partido por, como afirmou, não ter «generais» para travar as guerras.

Jorge Sampaio acabou por se candidatar, ele próprio, a presidente da Câmara Municipal de Lisboa... e Torres Couto, por sua vez, viu-se, também ele, obrigado a assumir o cargo de coordenador do pelouro da contratação colectiva da central, depois de pedida a «cabeça» de Vítor Hugo, e de Elisa Damião achar que não estavam reunidas as condições necessárias para que ela se encarregasse dessa área tão

sensível.

O Secretariado Nacional apresentou aos conselheiros um documento intitulado «Por mais solidariedade, unidade e coordenação dos sindicatos da UGT na negociação colectiva», no qual reconhece a pouca eficácia que aquele pelouro tem tido e os conflitos internos que por essa razão têm surgido entre estruturas da central. O documento ia ao encontro das reivindicações do SITRA, que o votou favoravelmente. O SITESE, sindicato em litígio com o dos rodoviários devido às negociações na Carris, votou contra.

Adeus Elisa

Elisa Damião, apontada como a sucessora de Vítor Hugo Sequeira à frente da contratação colectiva, desde o início afirmou que só aceitaria com condições. E apresentou um documento para reflexão.

No texto, aquela secretária executiva apresentava as suas exigências para poder aceitar tal pelouro, no qual ia mesmo contra o do Secretariado: «O documento agora apresentado está globalmente correcto, introduz alguns caminhos no sentido de disciplinar a nossa intervenção na negociação colectiva, mas é muito vago relativamente a questões essenciais, e totalmente omissivo quanto à sua concretização».

Para Elisa Damião, o documento do órgão de que faz

parte, e que acabou por ser aprovado no Conselho Geral, «não passa de mais uma declaração de intenções, sem repercussões práticas na vida da central e dos seus sindicatos, e em prejuízo das expectativas e da confiança que em nós depositam os nossos associados, se não se verificar um esforço conjunto organizado, reconhecido e assumido pela maioria significativa dos sindicatos da central».

Entre as condições mínimas que Elisa Damião punha encontravam-se questões como o esclarecimento da reestruturação, mobilidade e flexibilidade dos horários de trabalho (negociado pelo SINDETEX e que esteve na origem do corte de relações entre as duas centrais), a definição do papel do Conselho Permanente de Concertação Social, bem como do das Federações «existentes e a criar» na central.

A posição desta sindicalista, que foi ao encontro das exigências dos membros do SITRA, demonstra que o assunto da contratação colectiva é muito mais complexo e melindroso do que um mero conflito entre José Brandão (SITRA) e Vítor Hugo Sequeira (SITESE), como se quis fazer crer, levando assim Torres Couto a assumir tal pelouro.

Final feliz com Soares pelo meio

A reunião máxima entre

congressos da central não foi nada pacífica, com elementos do Secretariado Nacional, como Barbosa de Oliveira, a questionar como é que se chegava àquela situação: José Brandão pediu a cabeça de Vítor Hugo e ela rolou; agora aparece o SITESE e José Simões a pedirem a de Elisa Damião e ela é cedida.

E se por fim (quase) todos parecem satisfeitos com os resultados - aprovados o plano do Secretariado para que a contratação colectiva se faça noutros moldes, a moção sobre privatizações, e os documentos sobre a estratégia da central para este ano e para o biénio 1990/92 - muitos problemas houve pelo meio.

Um deles foi a moção do Secretariado Executivo de apoio à recandidatura de Mário Soares. Ela foi aprovada, mas contaram-se sete votos contra e várias abstenções.



Torres Couto

E se por um lado alguns conselheiros criticaram a extemporaneidade de tal posição, outros houve, como o caso de José Brandão, que afirmou mesmo que «no plano sindical e social ela não se justifica», pois Mário Soares

«empenhou-se nos aumentos dos militares, mas deixou que nós há três anos andemos com actos de gestão e processos disciplinares por alegadas ilegalidades no exercício da lei da greve».

Elsa Andrade

UGT definiu estratégias internas e externas

Em documento que o Conselho Nacional aprovou, o Secretariado Nacional da UGT definiu as estratégias interna e externa da central para o próximo ano, fazendo um balanço dos principais problemas que, com ela, pretende solucionar.

Internamente, a central reconhece que «ainda não há coordenação, que não existe um sistema expedito e operacional de superação de conflitos entre sindicatos, que está tudo por fazer quanto à formação de negociadores, que não é realizada de forma sistemática uma reflexão cuidada sobre a evolução do nosso sistema de negociação colectiva num quadro de mutações políticas, económicas e institucionais».

Perante tal evidência, propõe-se concretizar uma «melhoria da capacidade de intervenção dos sindicatos da UGT na negociação colectiva», o que «implica melhorias na composição de interesses, na unificação de objectivos e na conjugação de esforços».

Nesse sentido, pretende que «as plataformas reivindicativas a defender pelos diferentes sindicatos da UGT em cada unidade negociada sejam unificadas (ou integradas) numa só», de forma a «evitar conflitos entre sindicatos que enfraquecem a defesa das posições sindicais».

Perante esta posição, os membros do SITRA, segundo declararam ao «DL», dão à central «o benefício da dúvida». Querem ver se as orientações constantes no documento «são aplicadas na prática. A UGT tem três, quatro meses para mostrar que não se fica só por declarações no papel».

Por sua vez, João Preença, membro do Secretariado Executivo, declarou ao «DL» que «os princípios expressos no documento são para ser cumpridos», adiantando, no entanto, que a contratação colectiva «não é matéria fácil».

«O documento vai ser remetido para uma comissão composta por elementos da central mais um representante de cada sindicato, mas para criar uma estrutura mais forte da central na negociação colectiva (o que não tem hav-

ido), não é matéria fácil, pois há sindicatos muito ciosos da sua autonomia. Uma coordenação levanta sempre problemas».

Resultados insatisfatórios

No seu documento final, a central constata ainda, externamente, a existência de representação sindical plural (duas centrais e sindicatos independentes), mudanças na Inter, o crescimento da representação patronal e um forte intervencionismo estatal, com a agravante da «convergência tácita Governo-patronato na minimização do papel dos sindicatos na regulação social».

Também a aceleração do processo de privatizações - assunto que foi alvo de uma moção específica, a favor da salvaguarda do papel dos trabalhadores nas empresas a privatizar -, o crescimento do investimento estrangeiro, os impactos previsíveis do Mercado Único, e as aberturas a Leste, e o aumento da precarização do emprego levam a uma série de «resultados insatisfatórios» para os trabalhadores.

Assim, para este ano, reivindica um «crescimento dos salários reais não inferior à produtividade e correcção de perdas nos salários de 1989», a redução do horário de trabalho, igualmente entre mulheres e homens e a «garantia efectiva de exercício dos direitos sindicais».

A «participação dos trabalhadores nos processos de modernização/reestruturação, nos programas de formação profissional e de higiene, segurança e medicina ocupacional, nos resultados, no capital e na gestão» das empresas é outra das exigências da negociação colectiva da UGT.

A UGT reafirma ainda, tal como foi decidido na reunião de Sesimbra, que «não está disponível para negociar qualquer acordo tripartido que se confine à definição de objectivos de inflação prevista e de política salarial sem que o Governo e as confederações patronais se disponibilizem para negociar um amplo acordo social».



Elisa Damião

Quercus apresenta queixa contra barragem de Montesinho

Valiosa área ecológica em perigo de destruição

A associação ecologista Quercus entrega hoje na Comissão das Comunidades Europeias uma queixa contra o Estado português. Em causa está a construção de uma barragem no parque natural de Montesinho, Vinhais, e a actuação do Ministério do Planeamento e Administração do Território em todo este processo.

A Quercus sustenta que o projecto da barragem foi elaborado sem o respectivo estudo prévio de impacto ambiental, embora se situe numa zona de interesse ornitológico que requer protecção máxima. Recorde-se que o Parque Nacional de Montesinho se insere, igualmente, no programa europeu de biotopos «Corine», que engloba as áreas ecológicas mais ricas da Europa.

Segundo os ecologistas a construção de uma barragem para fins turísticos no rio Sabor é, também, ilegal, por ser da responsabilidade da Câmara Municipal de Bragança, que não possuía licenciamento da Direcção-Geral dos Recursos Naturais. A queixa, que hoje é entregue, em Bruxelas, reporta-se à infracção das normas comunitárias relativas à preservação do meio ambiente e de uma resolução do Conselho de Ministros da Comunidade, aplicáveis à reserva natural de Montesinho.

Não haver projecto aprovado, nem alvará de

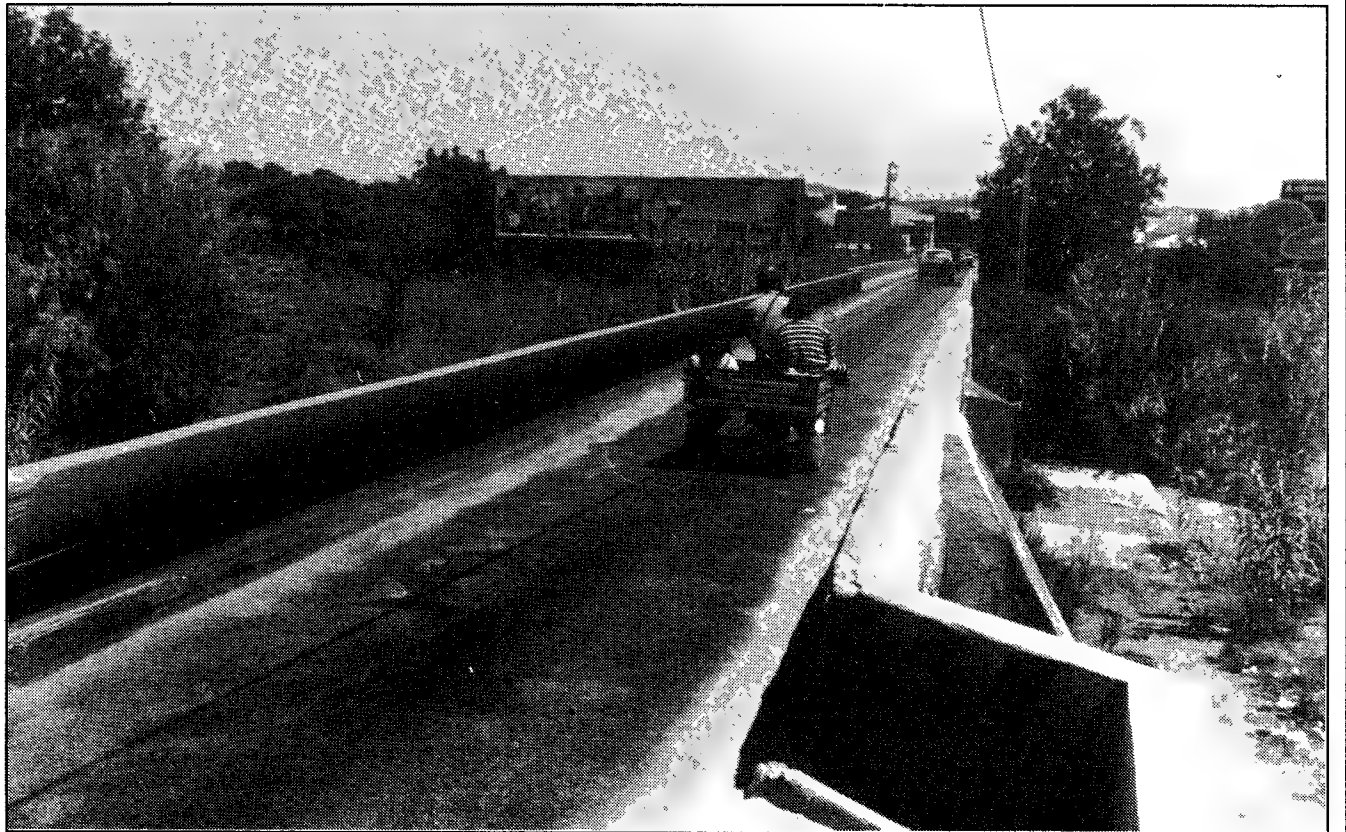
utilização da água, o desaparecimento de água em troços significativos do rio Sabor que foram entubados e a destruição de vegetação natural provocada por aterros, são outros dos fundamentos da queixa apresentada pela Quercus.

Obras continuam na «Via do Infante»

Independentemente da CEE financiar ou não a «Via do Infante», o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, garantiu que as obras vão prosseguir conforme o calendário previsto, apesar das alterações de traçado terem atrasado a adjudicação de algumas empreitadas.

O ministro, que discursava na sessão de apresentação do traçado definitivo desta via, manifestou-se, no entanto, convencido de que «a Comunidade vai alterar a sua posição, pois o que fez até agora foi só chamar a atenção para o facto de haver reclamações que dizem que o Governo não está a cuidar do ambiente». Referiu ainda achar «muito bem que a CEE, nestes aspectos ambientais, seja exigente, quer em Portugal, quer nos outros países da comunidade. Contudo, não se pode dizer que Portugal não esteja a cuidar das condições ambientais».

Este processo levou já à apresentação, na



Para alargar a circulação rodoviária no Algarve, as autoridades defendem uma solução que é contestada pelos agricultores

Comunidade Europeia, de várias queixas por parte dos agricultores e de ecologistas. A este propósito o presidente da Junta Autónoma de Estradas, Mário Fernandes, sublinhou também que «a questão do impacto ambiental foi

uma preocupação que nunca esteve afastada dos responsáveis pelo projecto».

Com uma extensão de cerca de 97 quilómetros, na primeira fase, que compreende a ligação do «nó da Guia» à fronteira, o traçado agora

apresentado desloca-se ligeiramente para Norte do previsto no estudo prévio, evitando assim a ocupação de bons terrenos agrícolas do sotavento Algarvio.

Apesar de ter sido diversas vezes salientado «o esforço

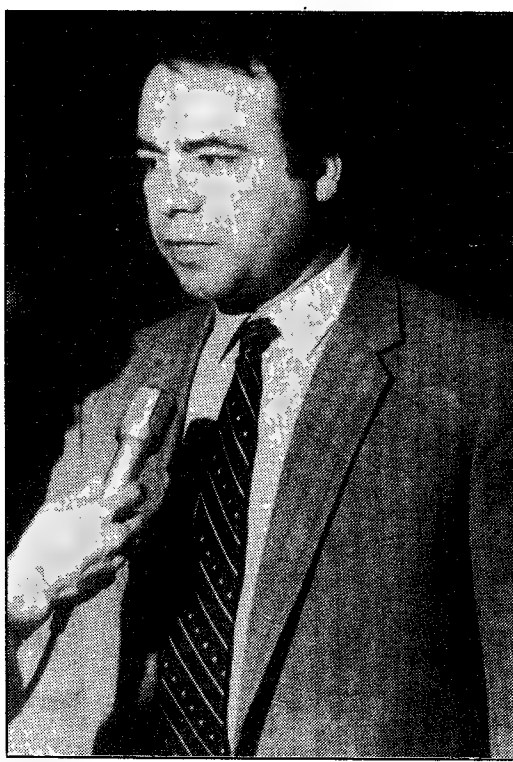
enormíssimo» dos departamentos do Ministério das Obras Públicas, as argumentações não chegaram para convencer muitos dos presentes na reunião, nomeadamente autarcas e agricultores.

Propostas salariais para concertação social CGTP reivindica aumentos superiores aos de 1989

Aumentos salariais para 1990 superiores aos do ano passado, melhoria da protecção social e redução dos horários de trabalho para 40 horas são algumas das próximas propostas da CGTP na Concertação Social.

O coordenador da CGTP-IN, Carvalho da Silva, que falava ontem no Segundo Congresso da Federação dos Sindicatos das Indústrias Eléctricas de Portugal, frisou ainda existir um fosso salarial entre os trabalhadores portugueses e os assalariados de outros países comunitários.

As propostas da CGTP, que incluem um aumento intercalar dos salários mínimos e a revisão extraordinária das pensões de reforma, vão ser hoje apresentadas à UGT, num encontro preparatório da reunião



O coordenador da CGTP-IN, Carvalho da Silva

com o patronato, a ter lugar amanhã.

Carvalho da Silva salientou que «há empresas estrangeiras em Portugal que pagam um quarto ou um

quinto do que pagam aos trabalhadores dos seus países».

Acrescentou que «em 1989 o índice de aumento salarial nos doze países da CEE foi de 1,3 por cento enquanto em Portugal se registou uma descida de 0,8 por cento».

Referindo-se ao Conselho Económico e Social, Carvalho da Silva sublinhou a disposição da CGTP em «não aceitar nem a sua governamentalização nem a desresponsabilização do Governo».

Quanto à criação de novas associações patronais afirmou que «o patronato quer facturas maiores e

quer ter uma voz forte junto do Governo para aproveitar no seu interesse, ainda mais, as condições favoráveis que se lhe deparam, como é o caso dos fundos da CEE».

Mar destrói barreiras de protecção ao crude

Manchas de crude estão à deriva na zona marítima compreendida entre a Madeira e o Porto Santo. O aumento da intensidade do vento e da influência das marés provocaram, ontem, o rebentamento de três barreiras oceânicas, colocadas na Ponta do Incão (Porto Santo), as quais permitiram a saída de algumas manchas de crude, das enseadas das serras de Dentro e de Fora. Estas barreiras destinavam-se a impedir a progressão do crude para sudoeste, caso aquele viesse a ser retirado das enseadas das serras de Dentro e de Fora, onde ainda se encontra em grande quantidade. Recorde-se, no entanto, que desde o início das operações de limpeza, a 16 de Janeiro, foram já removidas cerca de 2300 toneladas de crude. O arrastamento destas barreiras de protecção pode estar relacionado com o facto das mesmas não terem sido devidamente colocadas. Situação que especialistas da Marinha e vários técnicos da CEE, presentes em Porto Santo, procuravam resolver, esta manhã, ao tentarem recolocar as barreiras.

NINGUÉM TROCA 5 POR 4★ A MENOS QUE...

Seja um Hotel de 4* que disponha em todos os quartos: ar condicionado, mini bar, telefone directo ao exterior, janelas duplas, rádio AM/FM, secador, TV a cores via satélite (para sua maior comodidade c/ controlo à distância).

E ainda... oferta de pequeno almoço buffet Americano, 24 horas room service, centro de negócios com apoio de secretariado, serviço de telex, telefax, fotocopiadora e micro computador.

A grande diferença para o Hotel de 5* está no preço...

Quarto individual ou duplo 7.950\$

(A 2.ª pessoa é nossa convidada).

Preço de Promoção válido para Nacionais e Empresas até 28 de Fevereiro de 1990. Consulte a sua Agência de Viagens ou o nosso serviço de Reservas.

**HOTEL
LISBOA PLAZA**

JUNTO À AV. DA LIBERDADE UM NOVO CONCEITO DE HOTEL

Av. Liberdade / Tv. Salitre - 1200 LISBOA - PORTUGAL
Tel. 346 39 22 / 347 41 51 - Telex 16402 P - Fax: 371630

Jorge Sampaio dá um mês para plano de actividades

Os vereadores de Lisboa vão estar ocupados prioritariamente com a tarefa que o presidente da Câmara considera fundamental. O orçamento também consta do objectivo primeiro

A elaboração do plano de actividades e do orçamento municipal constituem, segundo Jorge Sampaio, «a prioridade das prioridades» do novo executivo lisboeta. Nos próximos 30 dias os vereadores estarão ocupados com esta tarefa que o presidente considera fundamental.

Na sua primeira conferência de Imprensa após a tomada de posse e reunião de câmara, Jorge Sampaio assegurou igualmente, sexta-feira, que irá estudar, com os comerciantes, a questão dos aumentos das taxas dos anúncios luminosos que já provocou acesos protestos.

Lembrando que a actualização das taxas é uma medida necessária, visto que estas constituem 58 por cento das

receitas camarárias, o presidente mostrou-se, no entanto, compreensivo relativamente às razões dos interessados aumentos, que em alguns casos atingiram 6.000 por cento.

A deliberação aprovada por unanimidade que permitirá às juntas de freguesia ter mais meios financeiros foi o ponto destacado por Sampaio entre as resoluções aprovadas. Cerca de um milhão de contos deverá ser a verba destinada às juntas que apontam o calcetamento de ruas, a reparação de escolas e a realização de melhoramentos nos bairros degradados como as necessidades mais prementes a satisfazer.

Na opinião de Sampaio, a reunião decorreu de forma

«cordial e construtiva».

Rebello de Sousa esclarece

Entretanto, no mesmo dia em que Sampaio se dirigiu à Comunicação Social, Marcelo Rebello de Sousa convocou os jornalistas para dizer «três palavras apenas» sobre a posição do PSD na Câmara Municipal de Lisboa.

O vereador explicou a postura dos eleitos sociais democratas: «Iremos desempenhar as funções de vereadores durante quatro anos, assim participando na gestão camarária ao serviço de Lisboa e dos lisboetas». Acrescentou que os autarcas do PSD assumirão uma «oposição construtiva, dialogante e não sistemática, que apoiará ou criticará conforme

o mérito das decisões da maioria da Câmara Municipal».

Para justificar a rejeição dos pelouros propostos pela coligação vencedora, Rebello de Sousa alegou que não foi «por causa da sua maior ou menor importância, mas porque pensamos que só faz sentido aceitar cargos de governo local na base de um acordo ou pacto de regime. Tal pacto nunca nos foi proposto».

A aceitação de pelouros por parte do CDS foi algo que não passou incólume à crítica dos social-democratas. «Ao integrar-se na maioria que governa Lisboa, o CDS responsabiliza-se pela gestão de socialistas e comunistas, criando pela primeira vez um governo local em Lisboa, PS/PCP/CDS», afirmou Marcelo.

MALHAS DA JUSTIÇA

Mentira compreensível

«Levante-se o réu». E o réu levantou-se, perante o imperativo do juiz. «As perguntas que lhe vão ser feitas, é obrigado a responder, com a verdade», adverte o magistrado. É indispensável, num tribunal! Segue-se o questionário da ordem, diariamente repetido até à exaustão.

— Nome?
— Martinho.
— Profissão?
— Pedreiro.
— Data de nascimento?
— Dia tantos do tal de 1964.
— Local de nascimento? — Silêncio! Martinho não responde. Hesita e diz, por fim, num fio de voz: «Arcos de Valdevez».

O juiz levanta os olhos, mira-o, remira-o demoradamente mas não se descose. Baixa, de novo, os olhos, fixa-os no processo e a audiência prossegue.

Martinho é um homem de aspecto vulgar. Tão vulgar que

poderia até chamar-se Martinho, ser um pedreiro de 26 anos nascido em Arcos de Valdevez e responder, com verdade, por condução ilegal, no Tribunal de Polícia.

Sem antecedentes criminais, Martinho ouve a sentença sem pestanejar. O Tribunal condena-o a dez dias de multa à razão de 500 escudos diários ou em alternativa, seis dias de prisão.

A multa não é pesada mas Martinho parece carregar todo o peso do mundo às costas. Calado e acbrunhado, abandona a sala de audiências.

Martinho faltara à verdade, bem rigorosa, que no Tribunal se exige. Mas o juiz compreende-o e deve ter-se tentado a conceder-lhe a absolvição. Afinal, qual o homem de coragem que revelaria, em praça pública, ser natural de Rio Cabrão?

Emília Trindade

Flora portuguesa acusa desgaste

Especialista defende pesquisa sobre teor de gases nocivos

Um especialista português considera, em artigo publicado numa revista de carácter regional, que é urgente a a determinação do teor de gases poluentes na atmosfera do nosso país, perante as evidências dos estragos detectados na flora.

A poluição atmosférica é um dos fenómenos que tem contribuído para a dizimização da floresta na Europa e em Portugal.

Segundo refere Jorge Paiva, do Instituto Botânico de Coimbra, no seu artigo «A Devastação da Flora das Montanhas Portuguesas», publicado em «Beira Madre», foi já comprovado que a incontrolada e desmedida industrialização tem contribuído para a poluição da biosfera «enriquecendo-a» de produtos químicos nocivos que seguidamente, transformados ou não, são depositados na superfície terrestre sob a forma de poeiras ou chuvas.

Em Portugal, este fenómeno começou a ter dimensão quando o ano passado se detectou a ocorrência de chuvas poluentes e ácidas. Estas um dos factores que contribuem largamente para a agonia florestal do século.

Jorge Paiva sublinha que o fenómeno não tem aspectos catastróficos, mas a situação não pode ser esquecida e é necessário tomar certas precauções para que a actividade industrial portuguesa não deixe de cumprir as normas estipuladas e sem subterfúgios.

Há que ter cuidado, porque

se se continua a praticar estes actos de violência contra a atmosfera a própria espécie humana pode caminhar para um verdadeiro suicídio. Com efeito, a biosfera está já saturada com veneno, designadamente produtos tóxicos como o chumbo, mercúrio e DDT.

Mas há outro tipo de malefícios para a vegetação, ainda resultantes das chuvas poluentes, notando-se já algum deles no nosso país. É o caso dos factores que levam os olivais a deixar de produzir nalgumas zonas do litoral.

Por outro lado, é preciso que as pessoas tenham consciência que a poluição atmosférica para além de afectar a vegetação e os animais é, também, um perigo para a saúde pública.

Estudos efectuados revelam que no Japão, na Inglaterra e nos Estados Unidos existe uma estreita correlação entre a poluição atmosférica e a bronquite, cancro do pulmão e doenças cardiovasculares.

O mesmo autor refere que é urgente, não só para a flora portuguesa, mas, também, para a população, que se efectuem pesquisas e determinações do teor dos gases nocivos e poluentes na atmosfera de Portugal.

É, igualmente, necessário que se tomem medidas mais eficazes de prevenção dos incêndios florestais, contra a eucaliptização, a desertificação de solos agrícolas e contra o «abate» de carvalhais, sobreiros e azinhais.

UNICEF desenvolve campanha para salvar milhões de crianças

O montante gasto anualmente na URSS, em vodka, ou nos EUA, com a publicidade ao tabaco, chegaria para evitar cinco doenças mortais

Mais de cem milhões de crianças correm o risco de morrer na próxima década em todo o Mundo «ressecadas pela desidratação, asfixiadas pela pneumonia, infectadas pelo tétano, pelo sarampo, pela tosse convulsa», refere um relatório da UNICEF editado em Portugal.

Estas cinco doenças que podem ser tratadas ou evitadas a custos inexpressivos pela vacinação, pela terapia de reidratação oral ou por antibióticos são as causas da morte e da desnutrição de metade das crianças no mundo moderno, assinala o organismo das Nações Unidas para a infância.

Os dois maiores «assassinos» entre as doenças imunopreveníveis — o sarampo e o tétano — são exactamente aqueles em relação aos quais a imunização se encontra em maior desvantagem.

Argumentando que só um compromisso político de alto nível poderá viabilizar a colocação em prática de medidas preventivas de baixo custo na escala necessária, os responsáveis da UNICEF propuseram a realização de uma reunião mundial de cúpula pela infância. O encontro será concretizado em Setembro próximo, na sede da ONU, em Nova Iorque.

O relatório 1990 da UNICEF «Situação Mundial da Infância» revela que cerca de oito mil crianças morrem diariamente por não serem imunizadas. Cerca de sete mil morrem, também por dia, vítimas da desidratação diarreica, enquanto seis mil morrem devido a pneumonia. «Colocar à disposição de todos as

medidas de baixo custo hoje existentes, capazes de resolver esses problemas da saúde infantil, custaria, aproximadamente, 2,5 biliões de dólares», considera o mesmo estudo. Esse montante «é gasto pela URSS com vodka, tanto quanto os EUA gastam com publicidade a cigarros», acrescenta.

A UNICEF sustenta que os governos dos países em desenvolvimento dedicam actualmente «metade dos seus recursos ao pagamento do serviço da dívida externa e aos gastos militares».

Estas duas despesas essencialmente não produtivas «custam quase um bilião de dólares por dia o que significa 400 dólares/ano por família do Terceiro Mundo» acrescenta o relatório.

O relatório divulgado pelo Comité Português para a UNICEF chama ainda a atenção para a Convenção dos Direitos da Criança, recentemente aprovada e refere que esta «se transformará num conjunto de normas de protecção da criança, cujo não cumprimento envergonhará qualquer país civilizado, rico ou pobre».

O mesmo documento denuncia ainda as torturas, espancamentos, exploração nos locais de trabalho e abusos sexuais de que são vítimas crianças em todo o Mundo.



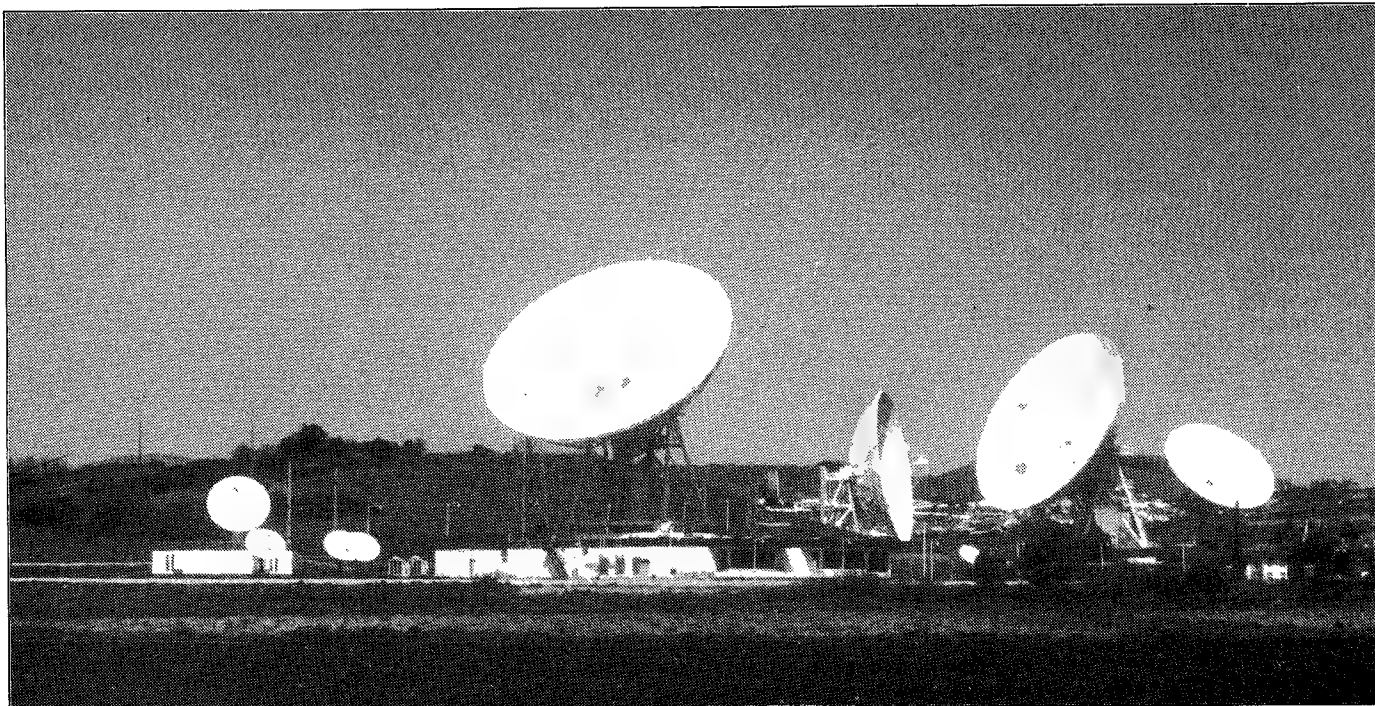
Os problemas essenciais da saúde infantil, respeitantes à sobrevivência das crianças, podem ser resolvidos através de medidas de baixo custo

Os telecentros vão captar informação europeia, distribuindo-a pelos agricultores e os municípios. Seia candidata-se à estreia, este ano, do projecto português

Novas tecnologias de comunicação dinamizam áreas rurais

Promover as áreas rurais através da instalação de uma rede de telecomunicações é o principal objectivo da Associação de Telecentros Rurais de Portugal (TC-Portugal) hoje constituída. Futuramente, os agentes regionais vão utilizar o telefone, telex, telefax, antena parabólica, televisão e rádio para recolher informações sobre os problemas agrícolas.

Na opinião de Correia da Cunha, presidente do Grupo Coordenador para o Mundo Rural, é urgente dinamizar os organismos locais no sentido de diminuir os desequilíbrios existentes. As modernas tecnologias de comunicação são meios privilegiados de divulgação para que até 1992 sejam reduzidos os atrasos do nosso país em relação aos países membros da CEE. Este serviço pretende divulgar os progressos agrícolas, prestar esclarecimentos, responder a queixas e solicitações que podem ser feitos nos centros regionais, juntas de freguesia, correios, clubes locais, entre outros. Segundo o engenheiro Correia da



A antena parabólica constitui um dos múltiplos meios que servirão a rede de telecentros rurais

Cunha, a rede de telecentros constituirá «uma via rápida, directa e dialogante entre as entidades locais e a central que estará em contacto com uma série de organismos, levando às áreas rurais, em especial as mais carenciadas, informações sobre o que se está a

passar na Europa». O lançamento das redes, obedecendo a uma implantação rápida e progressiva, deverá ser feito ainda este ano. A Associação irá recorrer a fundos comunitários na concretização das suas acções. O primeiro teste será feito na Serra da Estrela

com a instalação de uma rede eventualmente em Seia.

A constituição desta associação resulta da campanha da Europa em favor do Mundo Rural, onde Portugal tem um papel preponderante. Neste âmbito está a ser preparado o Programa ORA (Oportunidade de Aplicação das Tecnologias da Informação e Comunicação às Áreas Rurais).

Participaram na formação da TC-Portugal as direcções gerais do Planeamento e Agricultura do Ministério da Agricultura, das Telecomunicações (CTT) e da Qualidade do Ambiente, e os institutos nacionais do Ambiente e da Defesa do Consumidor. Estão igualmente interessados neste projecto o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Ministério do

Ambiente e dos Recursos Naturais, a Universidade Aberta, o Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas (IFADAP), o Instituto de Emprego e da Formação Profissional (IEFP) e a Federação das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo.

TALUDA

LOTARIA NACIONAL

105 MIL CONTOS
(No bilhete)

LOTARIA DO CARNAVAL

15 MIL CONTOS
NUMA FRACÇÃO PRIVILEGIADA
E MILHARES DE OUTROS PRÉMIOS

DIA 2 ANDA A BODA

O polícia da Nazaré

O homem chamou tudo à polícia. O nome do agente, o da mãe dele, ao que andava, tirou-lhe o chapéu, falou-lhe ao ouvido, numa berraria que se ouvia por Nazaré inteira. Chovia torrencialmente e faltavam poucos minutos para a meia noite. André, um pescador como outros, só tinha a solidariedade do filho, um jovem que ora lhe batia, ora o beijava, igual era a bebedeira. O mar estava tão animado como o ambiente do fim de semana. Ele queria bater num estrangeiro, fosse ele qual fosse, nem precisava de ser cigano. Tinha é «que lhes bater».

A farda do agente do 115 ficou tão amarrutada que não conseguimos ler o seu nome apropriado. Foi pena porque merecia, merecia até uma legenda. Num País onde se conhece a prepotência da polícia, se não andarmos todos calçados pela mesma calçada, é distinto ver, no ano novo, o trabalho de um outro homem que sabe falar, concertar, fazer-se surdo, não se deixar agredir, conseguir afinal o que, por raro, parece impossível em qualquer parte do mundo. Um ano novo com um quadro destes - deixem ao menos sonhar - só pode ser tão bonito como a Nazaré a caminhar sózinha para o ano 2000. Oxalá ainda haja muitos Andrés e polícias destes nessa altura.

P.A.

B R E V E S

Sete mil italianos acorrem a Fátima

Fátima vai receber este ano cerca de sete mil peregrinos italianos, em 45 voos *charter*, da Ente Pellegrinaggi Paolini, representando uma receita de 700 mil contos, o que coloca Portugal em posição de destaque no turismo religioso.

Esta empresa italiana, através da sua filial técnica Ivet, organiza viagens de peregrinações, em especial para França (Lourdes), Polónia e Portugal. A cidade francesa é quem recebe mais visitantes, 30 mil por ano. A sua representante portuguesa é a Escalatur.

O presidente da Ente Pellegrinaggi Paolini, padre Pier Luigi Boracco, estará em Portugal a partir do dia 31 de Janeiro. A sua comitiva, cerca de 130 pessoas, terá uma audiência em Fátima com o Bispo de Leiria, monsenhor Alberto Cosme do Amaral.

Fenprof questiona Ministério

A Universidade Aberta, responsável pela profissionalização de professores, exige que estes paguem as propinas e todo o material escolar necessário, o que é «declaradamente ilegal». Quem o diz é a Federação Nacional de Professores (Fenprof) que exige ao Ministério da Educação uma tomada de posição sobre esta atitude.

A Fenprof contesta também os horários das disciplinas estabelecidos por esta universidade e o prolongamento do curso até finais de Julho.

Emília Tavares, dirigente desta organização, afirma que os professores nestas condições se sentem, não só lesados em direitos que a lei de bases lhes confere, mas também «discriminados nos conteúdos e métodos de formação em relação aos colegas que estão a fazer a profissionalização em outras instituições».

Esta estrutura sindical refere que «de acordo com o decreto-lei 287/88, todos os formandos têm direito a profissionalização em termos igualitários».

A Fenprof decidiu ainda pedir uma audiência ao secretário de Estado da Reforma Educativa e ao reitor da Universidade Aberta para que a situação dos formandos seja resolvida o mais rapidamente possível.

ECONOMIA

Comerciantes contestam taxas de publicidade

Em Lisboa e no Porto os protestos são veementes contra aumentos na ordem dos sete mil por cento

As agências de publicidade estão preocupadas com o que se passa e as associações de comerciantes contestam taxas aplicadas, em Lisboa, aos anúncios na via pública que, na sua opinião, foram alvo de «brutais aumentos». Na capital e no Porto a reacção já se fez sentir, merecendo mesmo direito a cartas enviadas ao presidente do Município alfacinha.

No entender das agências, conforme foi dito ao «DL», o agravamento das taxas não trará benefício para qualquer das partes, pelo que estão esperanças que o novo Executivo camarário se debruce sobre o assunto.

Sobre esta questão, que diz essencialmente respeito aos anúncios identificativos ou de promoção que as firmas colocam nos estabelecimentos, a União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa (UACDL) exigiu a suspensão desse aumento de taxas, que em certos casos atinge os 7 mil por cento.

A UACDL defende a suspensão da aplicação dessa taxa, enquanto a «filosofia que está subjacente» ao aumento não for totalmente revista e repudia o referido aumento, questão herdada pelo actual executivo municipal. É com o objectivo de encontrar rápidas e urgentes soluções que foi pedida uma audiência ao presidente da Câmara de Lisboa, mas a União, que



...e se fosse em Lisboa?

agrega 14 associações, não deixa de aconselhar os seus associados a não tomarem decisões precipitadas até que o problema esteja resolvido.

Protesto no Porto

Também a Associação Portuguesa dos Comerciantes de Materiais de Construção, com sede no Porto, contestou os aumentos da taxa. José Matos, secretário-geral da associação, disse que foi enviada uma carta a Jorge

Sampaio, onde é dito que «não está apenas em causa a percentagem de aumento, verdadeiramente astronómica, mas também os valores atingidos».

Esta associação considera errado fazer recair sobre a actividade comercial novos encargos e pretender viabilizar as finanças da Câmara à sua custa, degradando a vivacidade de que as ruas beneficiam e até o ambiente que proporcionam aos cidadãos. «Se estas medidas não

forem urgentemente revistas teremos, certamente, os comerciantes mais pobres e a cidade mais triste», afirma a associação. Refira-se que a actualização das taxas de publicidade e ocupação da via pública, em Lisboa, entrou em vigor a 1 de Outubro do ano passado. As primeiras reacções surgiram já em Janeiro, quando diversos comerciantes apresentaram reclamações junto das associações regionais e sectoriais.

Turismo no Norte escapa à crise

Desenvolvimento da Exponor e das vias de comunicação ajuda. Polémica com a abertura da fronteira da Portela do Homem

O número de dormidas no Litoral Norte cresceu 12 por cento no ano passado. Diversos operadores afirmaram à agência Lusa que o ano turístico de 1989 foi positivo para aquela zona.

Manuel Proença, presidente da Associação de Hotéis do Norte de Portugal, disse que se verificou uma taxa de ocupação significativa, em especial na cidade do Porto e arredores, apesar do aumento da oferta.

O aumento do número de dormidas (quatro milhões) deve-se ao desenvolvimento do parque de exposições do Norte (Exponor) e à melhoria de algumas vias de comuni-

cação. Estes factores permitiram, assim, a resolução do problema constituído pela redução significativa do turismo de origem britânica.

De acordo com Francisco Sampaio, presidente da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, as alterações verificadas nas infra-estruturas rodoviárias contribuíram, decisivamente, para o aumento do fluxo de turistas ao Litoral Norte, com especial destaque para a melhoria das estradas Valença-Monção e Porto-Viana e o desvio dos camiões TIR da ponte de Viana do Castelo para a de Lanheses.

O Litoral Norte começou a

ser promovido há um ano sob a designação "Porto-Costa Verde", graças a um acordo celebrado pelas comissões regionais de turismo do Alto Minho e Verde Minho e a Câmara Municipal do Porto.

Segundo o responsável autárquico da altura, Rui César Pereira, o destino Porto-Costa Verde foi proposto de «um modo digno e baseado num notável centro de negócios em que o Porto hoje se enquadra, na segurança de quem o visita, no clima ameno, na afabilidade das suas gentes e na beleza natural da região e em termos não consentâneos com o turismo de massa que a ninguém interessa».

A capacidade hoteleira

desta região turística é de 25 mil camas, das quais 60 por cento estão no concelho do Porto e o restante divide-se, em parte iguais, pelos distritos de Braga e Viana do Castelo.

«O princípio do fim»

Depois do balanço positivo do ano passado, é com polémica que este começa.

Designado "Ano Europeu do Turismo", 1990 começa no Litoral Norte com casos polémicos, como a abertura da fronteira da Portela do Homem e o encerramento das ligações de caminhos-de-ferro entre Valença e Monção.

B R E V E S

Investimento francês na zona da Covilhã

A população da Covilhã poderá ter ao seu dispor, a partir de Setembro deste ano, mais 170 postos de trabalho, caso entre em funcionamento a projectada fábrica de componentes de automóveis, um empreendimento da empresa francesa Isodelta.

O presidente da Câmara Municipal local, Carlos Pinto, afirmou recentemente ter sido assinado um protocolo entre o Município e a empresa francesa, com vista à instalação da unidade no parque industrial da Covilhã.

O investimento, de acordo com um despacho da Lusa, será de 20 milhões de francos (cerca de meio milhão de contos), estando previsto, no protocolo, a cedência de uma parcela de 30 mil metros quadrados de terreno para implantação do complexo.

Carlos Pinto afirmou que «o concelho da Covilhã muito virá a beneficiar deste importante investimento» o que poderá contribuir para a concretização da aposta, feita pela zona Interior, no desenvolvimento industrial.

Parlamento Europeu tenta alterar livre circulação

Foi aprovado por maioria o relatório sobre a livre circulação de trabalhadores apresentado na Comissão Jurídica do Parlamento Europeu pelo deputado português Luís Marinho e que vem alterar um regulamento-quadro que vigorava há mais de 20 anos.

Grande parte das emendas propostas por Luís Marinho foram aprovadas por unanimidade, o que quer dizer que foram criadas condições para que no Plenário se possa impor ao Conselho a vontade do Parlamento.

Trata-se de um passo importante na concretização do «dossier» social, na medida em que o documento prevê uma efectiva igualdade de tratamento para todos os cidadãos comunitários, o que terá reflexos importantes para os trabalhadores migrantes portugueses.

Das emendas agora propostas salientam-se a que elimina a impossibilidade de acesso à função pública de trabalhadores de outros Estados e a que permite a protecção à família, alargando o direito de instalação a casais, independentemente de serem ou não oficialmente casados.

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$10	55\$10
ALEMANHA FED. (marco)	86\$95	88\$15
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	3\$968	4\$218
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	12\$330	12\$580
(notas de 5 a 1000)	12\$380	12\$630
DINAMARCA (coroa)	22\$50	22\$90
ESPAÑA (peseta)	1\$306	1\$426
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$30	150\$80
(notas de 5 a 1000)	147\$80	151\$30
FINLÂNDIA (marka)	36\$95	37\$55
FRANÇA (franco)	25\$60	26\$30
HOLANDA (florim)	77\$15	78\$25
IRLÂNDIA (libra)	231\$35	235\$35
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (iene)	\$986	\$1041
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	245\$90	250\$40
SUÉCIA (coroa)	23\$90	24\$40
SUÍÇA (franco)	93\$50	100\$00
VENEZUELA (bolívar)	3\$240	4\$040

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

O que distingue a prática constitucional dos dois Presidentes da República eleitos após o 25 de Abril? Ramalho Eanes e exerceram os seus mandatos de forma totalmente diferente. Por que razões? Manuel de Lucena, investigador do Instituto Sociais, Teresa Ambrósio, professora da Universidade Nova de Lisboa (Ciências da Educação), Maria José Stock, professora da Universidade de Évora (polítologa), Juan Mozzicafredo, professor do ISCTE e especialista em sociologia e José António Pinto Ribeiro, advogado e professor da Universidade Autónoma, membros do Grupo de Trabalho de Política do «Diário de Lisboa», tentaram levantar pistas sobre as possíveis causas de tal diferença de comportamentos. O debate pelo director do «DL», Mário Mesquita, e nele participaram ainda os jornalistas Dina Soares e António José Te

O Presidente da República na prática constitucional portuguesa

Comparar a prática constitucional de Mário Soares e de Ramalho Eanes, bem como os dois mandatos cumpridos pelo general, foi a primeira sugestão lançada para a mesa. Para Juan Mozzicafredo as diferenças encontram-se, em boa parte, no tipo de consenso suscitado por cada um deles.

«Mário Soares provoca aquilo a que se pode chamar um consenso suave, derivado de uma autoridade sem poder efectivo, de uma suspensão dos conflitos por anulação, que coincide com um poder legislativo estável e com a diminuição de poderes decorrente da revisão constitucional de 1982», considerou o sociólogo.

António Ramalho Eanes, por outro lado, suscitou um consenso que Mozzicafredo apelidou de rígido. «Os seus mandatos caracterizaram-se por uma intervenção moral, orientadora, reguladora, que se deveu muito às circunstâncias da altura».

Para Teresa Ambrósio, os diferentes mandatos têm de ser analisados à luz da situação política do país nos períodos a que se reportam, pois que de 1974 a 1989 medeiam 15 anos em que a instabilidade política foi predominante e o jogo democrático nem sempre reflectiu os interesses genuínos da Nação. «Os mandatos de Eanes situam-se precisamente no período da construção do Estado democrático (os actuais acontecimentos a Leste recordam-nos bem o que foi esse período) com governos instáveis, crises políticas e económicas graves e conflitos sociais inevitáveis», afirmou.

«Foi durante os mandatos de Eanes que se alteraram as competências do Presidente da República. Foram mandatos de intervencionismo patente que tiveram, aliás, o mérito de garantir a evolução democrática, reunindo à sua volta nas eleições presidenciais um consenso popular enorme», acrescentou Teresa Ambrósio.

Quanto a Mário Soares, foi de opinião que o seu mandato se situa numa fase diferente da democracia portuguesa. «Após a primeira revisão constitucional que afastou os militares do centro da vida política e alcançada uma enorme maioria gover-

namental, o seu actual mandato caracteriza-se pela representação interna e externa e pelo carácter popular, bem patente nas presidências abertas».

No entanto, esta docente da UNL considerou que, apesar das limitações derivadas da primeira revisão constitucional, tanto o actual chefe de Estado como o antecessor têm funções de intervenção, embora diferentes. «Mário Soares foi impedido de ter uma maior intervenção devido à existência de uma maioria política», afirmou.

Para Maria José Stock, é mais importante ter em conta a acção do Presidente da

não era tanto a sua personalidade, mas a estrutura em que estava inserido e que representava, ou seja, a estrutura militar, que veio perdendo importância, mas que não pretende desaparecer totalmente da cena política. Tal explica, na sua óptica, o aparecimento do PRD, prolongando o papel de Eanes, como tentativa de os militares continuarem a intervir politicamente, desta vez no plano civil.

Apesar do efeito redutor da revisão constitucional quanto aos poderes de intervenção do Presidente da República e que, na altura, teve consequências directas

«Eanes tinha um projecto político para o País: a construção da prática democrática. Para Soares o projecto situa-se na garantia de uma prática democrática resultante do jogo das forças políticas em presença e na projecção internacional do País»
Teresa Ambrósio



República do que os aspectos institucionais. Daí, a sua ideia de que a grande diferença de actuação entre Ramalho Eanes e Mário Soares não tem a ver apenas com as modificações introduzidas na Lei Fundamental. O novo texto constitucional, eventualmente redutor quanto aos poderes do Presidente, não implica necessariamente uma presidência passiva. Citando Montesquieu, Maria José Stock afirmou que «não é o princípio que determina a natureza das coisas mas esta que determina aquele».

«A grande alteração decorre fundamentalmente da prática soarista e não das mudanças constitucionais. E tanto assim é, que não se assistiu a uma discrepância significativa entre o primeiro e o segundo mandato de Eanes, apesar da revisão constitucional, enquanto com Soares o panorama é totalmente diferente», considerou esta politóloga. Isto, muito embora reconheça que foi a tutela militar nas instituições e nas instâncias de controlo do processo político que projectou Eanes para a presidência.

Em sua opinião, o que contava em Ramalho Eanes

na subordinação do poder militar ao civil bem como a lei de Defesa Nacional de Setembro de 1982, Maria José Stock considerou que, com a eleição do primeiro Presidente da República civil e com a sua prática, se assistiu de facto à consolidação do civilismo e, portanto, do sistema.

Também Manuel de Lucena é de opinião que a revisão de 82 pouco pesa na comparação entre os dois presidentes, até porque Eanes ainda «viveu» três anos com a Constituição já revista. Além de factores estritamente pessoais em cuja análise não quis entrar, contam, a seu ver, duas coisas: «por um lado, a diferente situação do País, muito mais clara, quer no plano de uma definição «civil» da democracia política, quer quanto ao destino do sistema económico, muito pautado - capitalisticamente - pela adesão à CEE. Mário Soares tem sido presidente num clima bastante temperado. Eanes foi chefe de Estado numa altura muito mais perplexa e tempestuosa, mais propícia também às tentações intervencionistas.

«Por outro lado» - acrescentou - «a chegada a Belém

representou, para Soares, um princípio de distanciação da vida partidária, ao passo que Eanes representando o que restava do poder político castrense, era um neófito e acabou por querer criar um partido a partir do seu alto cargo».

José António Pinto Ribeiro chamou a atenção para a relevância da personalidade de cada um dos Presidentes em causa, dado a Presidência da República ser um órgão singular e não colegial. Para ele, a pessoa do Presidente da República e os interesses que o movem são também determinantes. «Enquanto Mário Soares procura o sucesso político pessoal, agindo em função dos dividendos que de cada acto pode tirar, qual empresário que procura ganhar lucro máximo, Ramalho Eanes agia qual gestor de uma empresa pública em dificuldade que quisesse recuperar, mas saindo tão pobre do termo da recuperação como havia começado».

Pinto Ribeiro analisou também o problema da fiscalização das leis. Segundo ele, «o actual Presidente não a faz, mas o anterior também não a fazia», embora, em relação ao perfil do primeiro-ministro Cavaco Silva.

Manuel de Lucena comentou que Mário Soares é um político hábil e experiente, e nunca iria cultivar o conflito com um Cavaco, lenhador de larga maior par-lamentar da qual tanta gente esperava mundos e fundos. «De resto, mesmo agora que o estado de graça acabou e a maioria já ostenta fissuras, o Presidente continua prudente e não se estranha a sua escassa intervenção na condução dos negócios políticos

também, para este professor do ISCTE, a actuação de cada um deles. «Enquanto Ramalho Eanes foi eleito com 60 por cento dos sufrágios, Mário Soares recebeu apenas 51 por cento. Ora como um poder depende muito dos outros e ele só tem 1 por cento de vantagem, tem que atingir outros estratos sociais para poder ter maior intervenção futura».

Pinto Ribeiro voltou à questão do interesse prosseguido por cada um, ao que Maria José Stock respondeu, perguntando como é que se pode medir objectivamente tal interesse. Segundo aquele jurista, a medida são os actos. «Mário Soares não tem nenhum discurso que não seja sedutor, enquanto o seu antecessor tinha um discurso crítico, por vezes desagradável», afirmou.

O moderador sugeriu que, a imagem do Presidente Eanes, no seu primeiro mandato, formou-se por contraste (e, paradoxalmente, em complementaridade) com a do primeiro-ministro Soares. Por seu turno, a imagem do Presidente Soares funcionou, de forma semelhante, em relação ao perfil do primeiro-ministro Cavaco Silva.

Manuel de Lucena comentou que Mário Soares é um político hábil e experiente, e nunca iria cultivar o conflito com um Cavaco, lenhador de larga maior par-lamentar da qual tanta gente esperava mundos e fundos. «De resto, mesmo agora que o estado de graça acabou e a maioria já ostenta fissuras, o Presidente continua prudente e não se estranha a sua escassa intervenção na condução dos negócios políticos

governe mesmo (coisa que neste momento não está em condições de fazer) ou que deixe governar. Um dos erros do general Eanes foi ter dado a impressão a muito boa gente de que enquanto não conquistasse poder não deixaria nenhum governante em paz».

A este propósito, Teresa Ambrósio reconheceu que realmente importante. Mas além dos interesses pessoais, o que importa é reconhecer a intencionalidade política manifestada. «Eanes tinha um projecto político para o País: a construção da prática democrática. Para Soares o projecto situa-se na garantia de uma prática democrática resultante do jogo das forças políticas em presença e na projecção internacional do País», afirmou.

«Daí que a representatividade» - acrescentou - «se veja muito e a intervenção política, pelo menos nos primeiros anos, pouco se notou. Seria de esperar, dado o seu itinerário político, que questões como a integração europeia e o equilíbrio dos interesses sociais aparecessem com mais evidência no exercício dos seus poderes presidenciais».

Do resto das divergências de perfil e de actuação passou-se para outras questões, nomeadamente para a análise das eventuais convergências. O que é que caracteriza o exercício presidencial? O semipresidencialismo vai tornar-se uma pura forma? Vamos evoluir para um parlamentarismo com um Presidente da República decorativo?

«Não há diferença de regime» - começou por referir Juan Mozzicafredo. «O papel apagado e consensual de Soares poderá alterar-se noutras conjunturas. Depende do jogo partidário, da clivagem político-ideológica. De qualquer modo, o poder simbólico continua a ser um poder forte. Aliás, ele não é menor que o poder factual, depende da suficiência ou insuficiência dos partidos políticos» - acrescentou.

Manuel de Lucena considerou que, com a revisão constitucional de 1982, o nosso regime político se aproximou do semipresidencialismo francês, que tem permitido

«Enquanto Ramalho Eanes foi eleito com 60 por cento dos sufrágios, Mário Soares recebeu apenas 51 por cento. Ora como um poder depende muito dos outros e ele só tem 1 por cento de vantagem, tem que atingir outros estratos sociais para poder ter maior intervenção futura»

Juan Mozzicafredo



da República.

As margens eleitorais com que os dois presidentes foram eleitos influenciam

internos. Têm-no comparado a um monarca constitucional e ele deve saber que o que o País quer de um rei é que

Eanes e Mário Soares
Instituto de Ciências
José Stock,
sociologia política,
de Política Nacional
debate foi moderado
José Teixeira

guesa

que aos respectivos chefes de Estado, do general De Gaulle a Mitterrand, exerceram a influência que se sabe. «É verdade que a dita revisão tirou ao nosso presidente importantes poderes, mas eram em substância poderes anómalos, ligados à existência do Conselho da Revolução e

essa re-
lem que
in-
um
ais:
tica
es o
ntia
tica
ças
na
do

ta-
«se
ção
pri-
tou.
seu
que
ção
dos
sem
ver-
pre-

cias
pas-
bes,
lise
ias.
a o
O
vai
na?
par-
Pre-
ora-

re-
erir
pel
de
-se
nde
cli-
De
der
um
o é
al,
ou
los

si-
ns-
ou
mo
do



Francisco Paraiso

Primeira reunião do Grupo de Trabalho sobre Política Nacional

Belém, recuperasse a páginas tantas o controlo de um PS vencedor em 1991», disse. Mário Soares usa poder simbólico porque a situação

«Imagine-se o que seria se Cavaco chegasse a presidente sem perder o controlo de um PSD maioritário, ou que Soares, continuando em Belém, recuperasse a páginas tantas, o controlo de um PS vencedor em 1991»

Manuel de Lucena



ao que de castrense sobejava na democracia portuguesa. Os eanistas queixaram-se muito, mas sem razão. O pior para Eanes foi ter de deixar em 1981 a chefia do Estado-Maior General das Forças Armadas».

«De um ponto de vista 'ocidental'» - continuou Manuel de Lucena - «é possível sustentar que a revisão de 1982 veio reforçar a mão do chefe de Estado. É verdade que o Governo deixou de depender da confiança dele, mas em França, constitucionalmente, também não depende. De acordo com a Constituição deste país, o primeiro-ministro tem de apresentar o seu pedido de demissão para que o Presidente possa pôr fim às suas funções».

«De jure só o Parlamento pode obrigar o primeiro-ministro a fazer isso. Claro que, de facto, a conversa é outra porque os presidentes franceses têm acumulado a chefia do Estado com uma chefia (mais ou menos vigorosa) da maioria parlamentar. Imagine-se o que seria se Cavaco chegasse a Presidente sem perder o controlo de um PSD maioritário, ou que Soares, continuando em

o permite - alvitrou Juan Mozzicafredo. Para ele, o sistema político português não vai diminuir a preponderância do Presidente da República porque o nosso sistema dual impossibilita tal. «Eanes agrava conflitos para os resolver, Soares está a trabalhar para um sistema político que tem a capacidade de absorver as conflitualidades» - considerou.

José António Pinto Ribeiro, por sua vez, situou o problema em relação directa com os resultados da economia. Para ele, os anos posteriores à adesão à CEE deviam ter servido - com FEDER, PEDIP, PEDAP e



«Enquanto Mário Soares procura o sucesso político pessoal, agindo em função dos dividendos que de cada acto pode tirar, qual empresário que procura ganhar lucro máximo, Ramalho Eanes agia qual gestor de uma empresa pública em dificuldade que quisesse recuperar, mas saindo tão pobre do termo da recuperação como havia começado»

José António Pinto Ribeiro

outros vários programas - à alteração profunda da estrutura produtiva portuguesa. «Esta tornando-se menos trabalho intensivo determinaria um aumento significativo do desemprego a ser reabsorvido com o fim da utilização desses fundos. Esses desempregados deveriam ser, para tanto, reciclados pelas verbas do Fundo Social Europeu. Não tendo os fundos sido utilizados de forma adequada, eles têm ido muitas vezes directamente para a esfera do consumo».

E acrescentou: «Quando acabarem os fundos e aquilo a que se destinavam não estiver feito teremos então graves problemas que o muito dinheiro em circulação no consumo tem permitido ocultar. Por isso, a situação económica que se viverá a partir de 1992 pode ser muito conflitual». O fim dos fundos estruturais poderia, assim, originar alterações de regime. Daí que, na sua opinião, se não se inverter a situação um segundo mandato de Soares será complicado.

Por seu turno, Manuel de Lucena pensa que «a maioria absoluta é chão que deu uvas, com o PSD regressado à sua velha vocação de ser simultaneamente governo e

oposição, e sem nenhum outro Cavaco na forja. Quanto a uma eventual maioria socialista em 91, cenário que a nossa lei eleitoral não facilita mesmo nada, convém não esquecer que o PS, quando no governo, costuma parecer-se mais com uma frente cuja unidade de acção política é muito sujeita a cautela».

O diapasão da «boa política económica» voltou a ser usado por Pinto Ribeiro para dizer que o líder que a conseguir poderá vir a hegemonizar uma maioria política. Caso contrário, poderemos ter maior conflitualidade e, em consequência, o papel do Presidente será maior.

Maria José Stock foi de opinião que a conflitualidade se mantém, só que ela tem hoje características diferentes. «O papel que representava Eanes, enquanto Presidente, tinha em si exigências incompatíveis, valores contraditórios militares e civis, o que originou a necessidade de redefinir esse papel. O papel de Ramalho Eanes deixou, a par de certo momento, de estar de acordo com a transformação da sociedade portuguesa».

Hoje, a situação é diferente. Em seu entender, «processou-se uma decompressão na esfera política, a desmilitarização do processo, terminado o dualismo entre o poder militar e o civil. A eleição de Soares representou um passo decisivo na autonomia do sistema político civil».

Soares funciona como uma regulação cultural e estrutural do sistema, o que permite uma maior consolidação da democracia».

«O Presidente da República permanece como um centro nevralgico do sistema, apesar da eventual redução dos respectivos poderes efectuada no plano formal. A práxis da

presidência (e a de Soares tem-no confirmado até aqui) pode ser um pivot das alterações necessárias à estabilidade política global», considerou ainda Maria José Stock.

Juan Mozzicafredo não pensa da mesma forma. Para ele, «a redefinição da família política não está ainda conseguida. Não há núcleos duros nos partidos. E o papel de Mário Soares é redefini-la».

Para Teresa Ambrósio, «o que é interessante verificar é que as famílias políticas principais, excluindo talvez o PCP que sabe que se manterá à margem do poder gover-

danças que se vão verificar e não perdemos de vista um certo rumo nacional que provém mais da coerência das políticas que da habilidade económico-técnica, então a sua credibilidade aumenta talvez na linha inversa dos apoios. Resta saber com que imagem vai aparecer: se a da popularidade ou a do estandarte da solidariedade da nação, ou ainda se se recandidatará».

«Sinto-me mal na pele do profeta!» - exclamou Manuel de Lucena. Mas, não resistiu a alvitar que o equilíbrio e a produtividade do sistema político bem podem vir a



«Processou-se uma decompressão na esfera política, terminado o dualismo entre o poder militar e o civil. A eleição de Soares representou um passo decisivo na autonomia do sistema político civil. Soares funciona como uma regulação cultural e estrutural do sistema, o que permite uma maior consolidação da democracia»

Maria José Stock

precisar de uma maior participação do Presidente da República no exercício da função governativa, a qual, como os constitucionalistas explicam, se não esgota na acção do órgão chamado governo.

«Ora» - concluiu Manuel de Lucena - «não parecendo que Soares, cuja permanência em Belém é provável, possa voltar a mandar no PS, essa maior participação só poderá dar-se ou, no quadro de um contrato político com esse partido (eventualmente aliado a mais algum) ou então em consequência de uma crise política conducente a uma revisão constitucional de cariz nitidamente presidencialista».

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA

Anos 60:

Os Factores de Mudança

Tem hoje início na Fundação Gulbenkian um ciclo de conferências que se prolongará até Junho, sobre o tema «Anos 60: Os Factores de Mudança». A organização da iniciativa pertence a uma colaboração do Centro Nacional

de Cultura com a SEDES,

sendo que nesta sua primeira edição o motivo para o encontro é de peso: em questão

a revista «O Tempo e o Modo», um projecto com várias fases que marcou decididamente não só o que é hoje a esquerda portuguesa, como também a própria democracia em que vivemos. Os depoimentos que seguem, amavelmente cedidos ao «DL», adiantam um pouco das memórias e das polémicas que hoje serão suscitadas, demonstrando certamente que os anos 60 ainda têm algo a ver connosco

Peixinhos vermelhos numa pia de água benta

(...) O Colégio dos Jesuítas, em Santo Tirso, onde fiz a quarta classe e o liceu, nomeadamente através da amizade e da influência do P. António de Magalhães, formou-me na convicção de que «um católico tinha uma função específica contra as «forças do mal» que se tinham apoderado do mundo». Os republicanos e a Maçonaria eram os representantes dessas forças: estava-se ainda no rescaldo das perseguições religiosas da Primeira República e ouviam-se ainda, acesos e vibrantes, os ecos da revolução «redentora» do 28 de Maio. Não nos ensinaram a «tratar da nossa vida», pois um católico tinha uma missão a desempenhar no mundo, ao serviço da verdade e da justiça que emanavam da mensagem de Cristo. (...)

Uma consequência daquela culpabilidade cristã manifestou-se na atracção pelo comunismo. A verdade é que, com a mesma dispensa da interrogação e da dúvida, no mesmo quadro «eclesial» com a sua disciplina, a sua infalibilidade, os seus directores de consciência, o seu clero, o seu catecismo, a sua liturgia, as suas cantigas paroquiais, era fácil a tentação de aderir àquela ideologia redentora, esmagados pelo peso de tantos privilégios perante tanta injustiça no mundo. (...)

Foi assim que tomei contacto com o pensamento de Emmanuel e Mounier. Com ele acreditei na possibilidade de uma presença intelectual e cívica a partir de um catolicismo aberto e interventor que, de certo modo, se reclamava da experiência da revista «Esprit» e de toda a actividade que se desenvolvia à sua volta. (...) A visão de Mounier, num mundo intelectual inteiramente contaminado por uma visão materialista dialéctica do homem, da sociedade e da história, salvaguardava a possibilidade de manter o quadro da edu-

cação tradicional, que não queria largar, e, ao mesmo tempo, permitia-me a ruptura com a prática do regime e da Igreja. (...)

Apostolado

Coincidindo com essa minha fase de desajustamento interior, estava à venda uma livraria-editora tradicional, a Livraria Moraes. Editar e vender livros tinha mais que ver com a minha relação com o mundo e, juntamente com um livreiro e dois amigos meus, resolvemos comprá-la. Só um de nós tinha algum dinheiro e a sociedade foi comprada com grandes facilidades. A experiência não foi muito boa e os outros sócios venderam as suas quotas.

Entretanto, tinha tomado contacto com uma nova geração de católicos com preocupações idênticas às minhas. Todos recém-formados, tinham-se ligado através do jornal «Encontro» e do Cineclube Católico. Eram o Pedro Tamen, o João

Bénard da Costa, o Nuno Bragança e o Alberto Vaz da Silva, entre outros. A saída dos primeiros sócios coincidiu com o nosso conhecimento e então, com os mesmos «ideais» e um grande empenhamento, resolvemos fazer da editora o instrumento de actuação e realização de algumas das nossas preocupações.

De todo o grupo, só o Pedro Tamen ficou formalmente ligado à sociedade mas era, de certo modo, o representante de todos os outros. Juntávamos-nos com frequência para planificar a acção da editora numa perspectiva do que então se chamava «apostolado». (...)

Com a vinda daquele grupo, a Livraria Moraes começou a viver a sua epopeia. Esta atitude épica e apostólica iria determinar em grande parte o fracasso da empresa. A verdade é que nunca me passou pela cabeça que tínhamos nas mãos uma empresa comer-

cial sujeita a critérios de rentabilidade e julgava que, como nós, alguns milhares de portugueses estavam ansiosos de livros que iam ao encontro de preocupações comuns quer no que dizia respeito à liberdade da Igreja quer à liberdade do cidadão. (...)

Naquela época as edições eram, normalmente, de 3000 exemplares e achávamos que havia pelo menos 3000 pessoas em Portugal com as mesmas ansiedades do que nós e que, por isso, iriam depressa esgotar as edições.

Foi um cálculo errado. A primeira colecção lançada foi o «Círculo do Humanismo Cristão». O «humanismo» era então uma das muitas palavras-mito que implicava uma outra visão da vida: uma forma de compromisso e solidariedade com vista à alteração das estruturas de uma Igreja que considerávamos hipócrita e tibia e de uma sociedade que tínhamos como injusta.

Para facilitar a compra dessa colecção, ela podia ser feita por assinatura mediante uma quota mensal de 25\$00 que daria direito a um livro de dois em dois meses, independentemente do preço de venda ao público.

Na prática, as assinaturas nunca foram além de 400 e os livros que publicávamos, dos grandes autores «progressistas» e «libertadores» desse tempo, iam-se acumulando no armazém. No entanto, o meu entusiasmo era tal que isso não era uma questão a considerar e, em bola de neve, cada vez fomos editando mais livros perante a indiferença da sociedade portuguesa, que tomava um vago conhecimento, sobretudo através dos jornais afectados ao regêdo, de um grupo de rapazes católicos «progressistas» (... «peixinhos vermelhos numa pia de água benta») que, através da Livraria Moraes, faziam a sua acção «subversiva». (...)

Toda a acção que estávamos a desenvolver impunha



Alçada Baptista: retrato do director de «O Tempo e o Modo» quando jovem

a necessidade de manter contactos com a oposição tradicional. É preciso lembrar que, entre os católicos e os democratas, havia um imenso fosso que já vinha de longe. A democracia não tinha entre os católicos portugueses qualquer tradição. Houve os exemplos isolados dos padres Alves Correia, dois irmãos que publicamente manifestavam as suas ideias democráticas e um dos quais morreu no exílio. Em 1945, nas primeiras eleições feitas com abrandamento da censura, que me lembre, só o dr. Vieira da Luz tomou, como católico, uma posição pública contra o regime. Quando o bispo do Porto foi exilado, poucas foram as vozes que se levantaram a apoiá-lo.

Nas eleições de 1961, alguns católicos apoiaram a oposição: o Francisco Lino Neto e o Francisco Sousa Tavares são os que recordo e, ao candidatar-me com a oposição pelo distrito de Castelo Branco, fui o primeiro católico a tomar uma posição clara contra o regime. Tive algumas reacções do meio em que vivia, surpreendido com a minha atitude, pois julgavam que o meu oposicionismo se ficasse pelas conversas de café. Quando o meu nome apareceu entre o que chamavam «o revivalho», creio que tomaram consciência de que a minha atitude ia para

além das palavras. (...)

«O Tempo e o Modo» publicou o seu primeiro número em Janeiro de 1963. Foi resultado da necessidade que nos pareceu evidente de ter um órgão de intervenção que mostrasse o nosso empenhamento em manter diálogo e alianças com a oposição tradicional. A minha amizade com Mário Soares e Salgado Zenha facilitou muito esse entendimento. O Partido Comunista não desfundistava pelo regime e procurámos deliberadamente a oposição com o comunismo porque isso lhe permitia manter uma certa tutela sobre o movimento oposicionista mas Soares e Zenha, ao contrário, tiveram consciência da importância do diálogo com os católicos pela abertura da frente contra a situação e porque isso iria tirar argumentos à sua propaganda.

Os dois ficaram membros do Conselho Consultivo da revista e tínhamos reuniões regulares para a sua preparação. A revista tinha como subtítulo «Revista de Pensamento e Acção» e, à sua volta, procurámos desenvolver algumas iniciativas. Por isso, ela passou a ser também uma referência política na sociedade portuguesa.

O primeiro número tinha artigos de Mário Soares, de Jorge Sampaio e meus. A sua leitura deve ser feita hoje

Abril, um mês banal

Abril de 1964 foi um mês banal do Estado Novo. A 10, o Presidente Tomás fez-se fotografar com a família Drummond Borges que lhe apresentou o décimo sétimo filho.

Em visita a Grândola e Beja, esclareceu: «Receberam-me com a sua maior amabilidade e o maior calor, a desmentir que esta gente é fria e não sabe exprimir-se».

A 27, comemorando o trigésimo sexto aniversário da entrada de Salazar para o Governo, o chefe do Estado sintetizava: «São muitos anos, mas o homem é o mesmo».

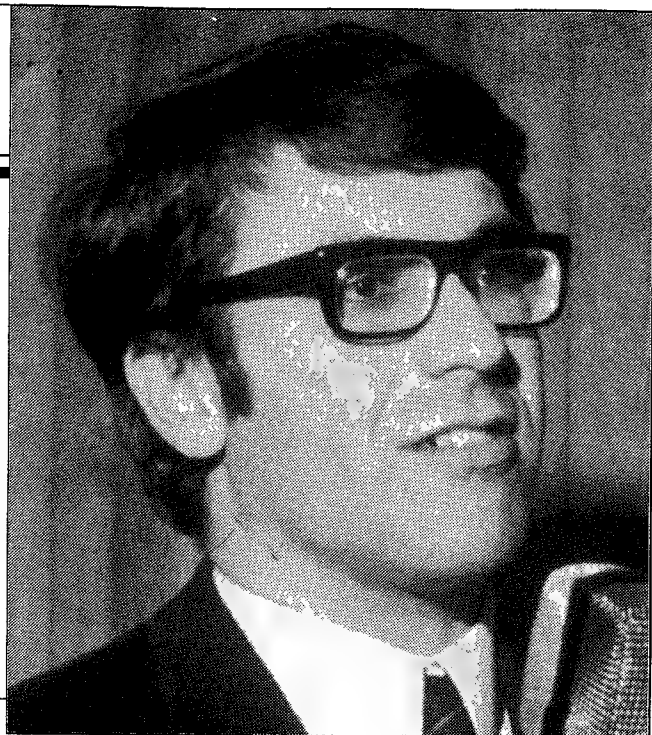
Neste mesmo dia, para o ministro das Corporações, o homem era assim: «Em Salazar, a sorte tem a raiz intemporal do génio e a força ancestral de um destino histórico multissecular».

Neste contexto, o ministro do Ultramar tinha afirmado que «as dificuldades causadas pela subversão vinda do exterior» não impediam «os planos de desenvolvimento».

A 29, as Forças Armadas entravam de prevenção, devido à proximidade do 1.º de Maio. Nessa mesma noite, guardas da PSP surpreendiam dois estudantes que, na Rua Barata Salgueiro, distribuíam propaganda clandestina: feriram a tiro José Luís Saldanha Sanches; o outro fugiu.

O meu primeiro artigo em «O Tempo e o Modo» foi publicado no número de Abril de 1964. Era a colaboração lógica - quase inevitável - de um jovem universitário, educado de uma forma tolerante, para quem a «desordem estabelecida» contrariava, ponto por ponto, o que o catolicismo lhe ensinava.

Luís Salgado de Matos



Amadeu Sabino, noutros tempos

O princípio do fim

Suponho que a primeira vez que entrei na Redacção de «O Tempo e o Modo» foi em 1967. O João Bénard organizava a transição da primeira para a segunda série da revista. Eu acabava de sair da Faculdade de Direito, a cuja associação académica presidira.

Acabara de ser expulso do Partido Comunista, onde militara preguiçosamente e sem grande convicção. Fugia já então do comunismo soviético como o diabo da cruz e sentia-me contraditoriamente atraído pelo eurocomunismo dos italianos, pelo guerrilheirismo do castroismo, pelo populismo do maoísmo e pelo anti-estalinismo do trotskismo. Enfim! Era um jovem radical, um contestatário como então se dizia, namorado pelos socialistas em reorganização e com grande atracção pelos democratas-cristãos, que tinham a vantagem de ser pouquíssimos e bem educados, precisamente o contrário dos comunistas que, durante a minha militância no associativismo estudantil, me tinham feito a vida negra.

Ora, «O Tempo e o Modo» preparava-se para deixar de ser uma revista de rótulo democrata-cristão para se assumir como um grande ponto de encontro entre... uma série de coisas que não se sabia muito bem quais seriam. O democrata-cristão da casa, o António Alçada, achava que chegara o momento de não continuar a perder dinheiro e entregava a revista a quem quisesse assumir esse risco. Devo dizer que, logo de início, apreciei muito esse gesto fidalgo. Se não erro, era o Salgado Matos quem dizia haver em Portugal vários democratas-cristãos: o António, o Alçada e o Baptista... De facto, o Alçada Baptista já então se desmultiplicava e se dispersava. (...)

Foi o Jaime Gama quem me convidou para o encontro. Estavam também presentes o padre Felicidade Alves, o António Reis, o Fernando Oliveira Baptista, o Alfredo Barroso, o Serras Gago, o José Luís Nunes... O embrião da nova Redacção da revista, numa palavra. O programa era relativamente difuso. Se, passadas estas duas tumultuosas décadas, me é possível resumi-lo, eu diria que se pretendia olhar o fenómeno político não como uma instância separada do social mas como algo integrado num todo que a revista deveria, paralelamente, procurar ler: as práticas sociais, a vida quotidiana, a cultura. (...)

O projecto do novo «O Tempo e o Modo» possuía outras componentes. Eu destacaria ainda um certo anticomunismo confessado pela maioria dos redactores da segunda série da revista. O antifascismo era um dado explícito (tanto quanto e como a censura o permitia, evidentemente). O anti-comunismo sem complexos (vivido por alguns como anti-revisionismo - era a fruta da época...) constituía algo de novo no panorama político e jornalístico da oposição portuguesa ao Estado Novo.

De uma maneira ou de outra, todos entendíamos que criticar o regime não era silenciar as críticas à União Soviética, aos países ditos socialistas e ao Partido Comunista Português. Uns faziam-no situando-se no centro do espectro político, no socialismo democrático, outros pretendendo posicionar-se à esquerda do Partido Comunista. (...)

Achávamos que os valores sociais, intelectuais, culturais e de comportamento dos comunistas pró-soviéticos não se situavam nos antípodas dos salazaristas mas constituíam sim, em grande

medida, o seu complemento. Havia um consenso relativamente generalizado no sentido de que a revista devia contribuir para pôr termo à ditadura do gosto imposta por comunistas e apaniguados no campo das artes. (...) Por outro lado, o novo «O Tempo e o Modo» marcava também uma outra ruptura com o discurso tradicional da oposição ao Estado Novo. Não havia na casa nenhum respeito pela I República, não éramos republicanos e, sempre que era possível, sempre que a censura deixava, zurríamos as jermiadas republicanóides da Oposição Democrática. (...)

Há uma primeira fractura no grupo que se prepara para lançar a nova revista (...). Essa fractura verifica-se em torno da participação nas eleições marcelistas de 1969. Os mais radicais - entre os quais me incluía - eram pela pura e simples abstenção. Devo aliás dizer que compreenderíamos (eu compreendi) a participação dos socialistas na CEUD e até o «entrismo» de liberais nas listas da UN, embora não praticássemos essas opções. Mas a participação na CDE comunista de redactores e corpos gerentes de «O Tempo e o Modo» deixava-nos de cabelo em pé.

Integraram ou apoiaram a lista da CDE por Lisboa vários elementos da «família» «O Tempo e o Modo», o João Bénard, o Jorge Sampaio, o Joaquim Mestre, o João Cravinho, o José Manuel Galvão Telles, isto é, gente que, mais tarde, constituiu o Grupo de Intervenção Socialista e/ou o MES e que, com Constâncio e Sampaio, chegou ao poder no Partido Socialista. De certo modo, a campanha de 69 constituiu a primeira verificação de um equívoco que hipotecava o novo «O Tempo e o Modo». Foi na sequência dessa campanha

que os socialistas fiéis a Mário Soares se afastaram da revista. (...)

O primeiro número da nova série da revista, que sai a público em Janeiro de 1970, se não erro, revela assim uma sobreposição de discursos contraditórios. Daí não adviria nenhum mal para o mundo nem para a revista se essa contradição fosse assumida e querida e não começasse a ser vivida por uns e por outros como uma acumulação de tensões pouco suportáveis. Devo dizer que, pelo menos por um dos grupos em presença, essa contradição é lida como inevitável: os maoístas começam pouco a pouco a entendê-la como um aspecto da celeberrima parteira da História, a luta de classes (...)

Ora, quem era e que representava esse grupo maoísta? Fundamentalmente, trata-se do grupo que depois vai constituir o MRPP. (...) A revista vai pois reflectir cada vez mais os pontos de vista dos redactores soixante-huitards e cada vez menos a pluralidade de pontos de vista, certamente diletante mas também tolerante, que estava na base do programa da nova série. A inevitável sucessão de mal-entendidos entre os dois centros de poder de que já falei radicalizará a situação em termos que prenunciavam apenas o que se passará em todo o País após o 25 de Abril de 1974. (...)

A opção entre um órgão de imprensa aberto a várias correntes, do centro-esquerda à extrema-esquerda, ou apenas limitado à esquerda radical, acaba por se resolver a favor de uma terceira via: pintado de vermelho e amarelo, «O Tempo e o Modo» será o órgão oficioso, na legalidade, de um grupúsculo maoísta. (...)

Amadeu Sabino

A mudança já acabou?

O que foi «O Tempo e o Modo» como factor de mudança?

Para mim, vejo-a como um dos elos da evolução do catolicismo no sentido de se integrar nas ideias da democracia e dos direitos do homem.

A carta do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, a Salazar, que lhe valeu o exílio; e o manifesto dos católicos contra as torturas da PIDE, em que Francisco Lino Neto desempenhou um papel tão relevante, abriram esse caminho.

Mas talvez a Encíclica «Pacem in Terris», que para nós foi um deslumbramento, tenha constituído um apelo irresistível.

Por iniciativa de António Alçada Baptista congregaram-se em «O Tempo e o Modo» católicos e não católicos todos reunidos num desejo comum - o de preparar o advento da democracia em Portugal, em que o respeito dos direitos do homem e das liberdades cívicas fosse o seu núcleo central.

Para uns, foi um episódio numa vida.

Para outros, como Ruy Belo, esse grande poeta prematuramente desaparecido, foi uma etapa de um esforço doloroso sempre na ânsia da perfeição (que nunca se atinge mas que nunca deve deixar de ser um ideal) como ele no-lo lembrou nesse seu belo poema «Nós os vencidos do catolicismo».

O que representou «O Tempo e o Modo» como factor de mudança? Mas será que a mudança já acabou?

Francisco Salgado Zenha

tendo presente tudo o que lhe estava subjacente porque era grande o peso da censura. Mário Soares escreveu sobre Oliveira Martins e, no meu artigo, quando queria dizer instituições democráticas tive que escrever «insti-

tuições que pressupõem uma certa dialéctica». No entanto, as pessoas censuravam-se por estas cifras e através delas se passava a palavra. (...)

António Alçada Baptista

Convém que se mova

As Artes e Letras de «O Tempo e o Modo» foram o campo de batalha entre Jacob e o Anjo: o resto do mundo era Jacob e o João Bénard o Anjo.

Tentávamos evitar que os cultivadores do realismo banal e do trivial naturalismo invadissem a sementeira; apesar de alguma infiltrada erva daninha, no limbo sagrado apenas cresceram jovens cedros e potros de raça, só se cultivou a densidade que precedeu o Big Bang - respirava-se a força mineral que a extrema juventude comprime nas reservas subterrâneas do seu ser.

João César Monteiro, Jorge Silva Melo e a equipa do C. C. C. no cinema e no teatro; José Palla e Carmo, Manuel Poppe e José Bento na crítica literária, João Paes na música; os ensaios de Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, M. S. Lourenço, Nuno Bragança; os inéditos de Agustina, Irene Lisboa, Régio, Sophia, Cristovam Pavia, Maria Velho da Costa; os textos traduzidos de Mauriac, Rilke, Pound, T. S. Elliot, foram as teias do nosso crédito.

Desde os primeiros números choveram os

ataques, porque se elogiava a Agustina que era uma escritora de direita, o Manuel Lourenço era ininteligível, o Ezra Pound fascista. À questão: A arte deve ter por fim a verdade prática?, respondíamos com um sorriso e virávamos os olhos para as estrelas, nossas irmãs. Para desespero dos salvadores da Pátria.

O conselho consultivo, já ancião, a anos-luz de distância como quem verbera um bisneto, fazia-se eco de todas as preocupações; não havia resultado de inquérito, nem opinião, nem carta de incitamento que não referisse o mas. Éramos a provocação de direita, a infiltração dos párias, a esperança da reacção.

Dessas longas reuniões no quarto andar da Rua dos Douradores, em noites sempre quentes com Júpiter no meio do céu, janelas e camisas abertas, lembro-me especialmente (apetecia-me sair e cheirar a noite ou iniciarmos nos corredores pejos da Moraes) do dr. Sottomayor Cardia, que resvalava o seu discurso como um tic que nunca mais elareia

o tac. Jamais percebi por que o não relegavam para os anos 1800, forward to the past.

Avançava a década de 60. Simultaneamente morria Deus, o homem erguia-se nos ares com um voo de marsuino e o Concílio cumpria sob o nosso olhar o marco de uma profecia.

Os relógios de várias praças perfaziam secreta e subjectivamente uma hora exacta; de cada ruína nasciam formas novas de vida até aí inimaginadas. «Em breve, para anunciar a manhã, surgirá o ouro do sol. Desaparecerá a superstição e vencerá a sabedoria. Oh doce paz, vem até nós, regressa aos corações dos homens. Então a terra será o reino dos céus e os mortais assemelhar-se-ão aos deuses» - entoam os três rapazes da Flauta Mágica. Esta promessa e o Glockenspiel de Papagano sinalizavam-nos as vidas.

Um pouco paradigma de tudo isso foi para mim um dia de Verão passado com o Nuno Bragança a caminhar ao longo da orla atlântica entre S. Pedro e S. João do Estoril, de

que nasceu um artigo assinado pelos dois sobre Camus, saído no número sete da revista. Revivemos a curta existência e contraditória experiência desse homem, sob a atracção do mesmo mar coruscante que, um pouco mais a sul, deu corpo à sua juventude feliz. Na altura era um «enchained», que a memória volveu em «fendu».

A segunda experiência que quero lembrar - já que me pedem um testemunho - foi a concepção e preparação do número especial: Deus o que é? Estávamos no tempo em que, como diria o Ruy Belo, Deus andava à beira de água de calça arregaçada.

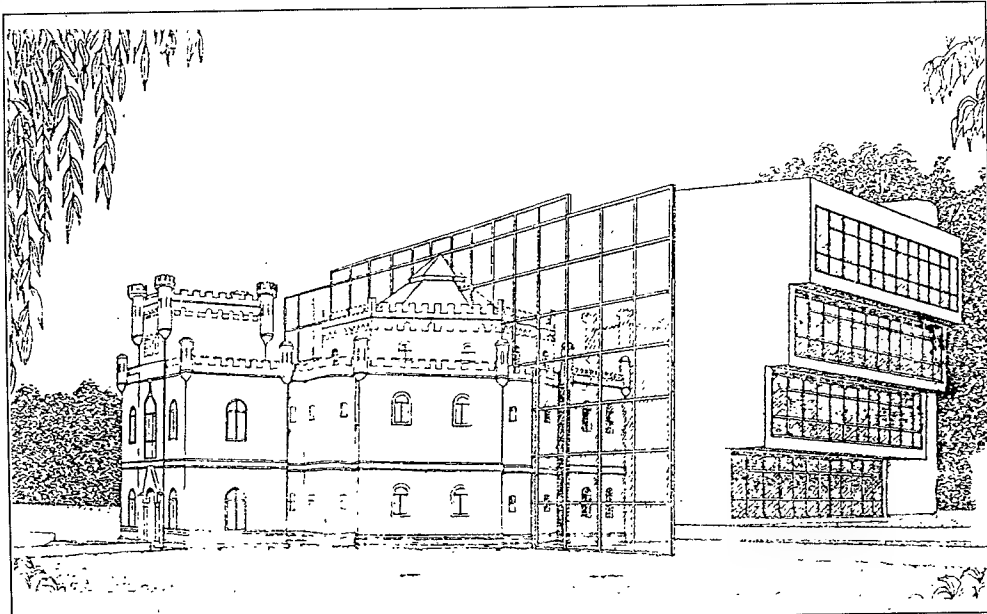
Sem nada negar dessa imediação, sei hoje mais que Ele se apura na consciência dos sistemas solares e das galáxias. Que há bilhões de deuses em estádios diversos de evolução. Plurais, como as figuras budistas, de expansão incomputável, como os voos do Santo Espírito.

«Convien che si mova la mente, amando.»

Alberto Vaz da Silva

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Construído em 1906, o imóvel que serviu de cadeia comarcã espera agora a desfiguração. Será que, dentro de anos, até Sintra - último paraíso às portas de Lisboa - estará irreconhecível?



A cadeia de Sintra num postal do início do século (à esquerda) e no projecto de Chicó, com o quisto de vidro que a espera

O assalto à cadeia

Esquecida por uma classificação que lhe proteja o futuro, a antiga cadeia comarcã de Sintra começou recentemente a ser demolida. O património da vila segue, assim, um caminho adivinhado há anos, desde o primeiro atentado inacreditável e irreversível: a demolição do Hotel Nunes para ser substituído pelo deplorável Tivoli-Sintra. O projecto pós-moderno de Chicó para destruição do edifício da cadeia comarcã insere-se neste caminho sem retorno que, a longo prazo, poderá transformar Sintra em mais uma terra irreconhecível da periferia de Lisboa.

A instalação dos Serviços Municipalizados da CMS, determinada pelo anterior ex-

ecutivo camarário, obrigaria, segundo este, ao sacrifício de um dos melhores imóveis de Sintra: a cadeia comarcã. Construído em 1906, segundo traço de Adães Bermudes, o edifício corresponde a uma estética singular da época, em revivalismo medieval e fortificado, evocando alguns dos palácios das lisboetas Avenidas Novas e, também, um outro imóvel sintrense, do mesmo autor: a própria Câmara Municipal. Menos esplendorosa (e menos "kitsch"), a cadeia da comarca domina uma zona relativamente desafrentada, sobranceira ao terminal da linha férrea de Sintra. A própria estação será, previsivelmente, transferida para a Estefânia,

caindo pela base o argumento dos Serviços Municipalizados, segundo o qual a secção de Água e Saneamento deveria estar próxima do terminal dos comboios. Após a demolição parcial do muro fortificado, as obras estão paradas no impasse das mudanças de poderes na Câmara e no Instituto Português do Património Cultural (o ex-presidente do IPPC, António Lamas, confessara-se contrário ao projecto mas sem força legal para impedir a sua execução). A classificação do imóvel fora, segundo Nuno Nascimento (da Associação de Defesa do Património de Sintra), várias vezes pedida ao IPPC, quer pelos escuteiros, quer pela própria Câmara,

em tempos anteriores à presente polémica. Entretanto, o grupo 93 dos Escuteiros de Portugal, a quem o imóvel fora cedido por dez anos (em 1984 e na sequência da desactivação das cadeias de comarca), tem levado a cabo uma campanha de defesa do edifício. Um pouco ao modo utilizado (com resultados) em muitas cidades europeias, pendurou um letreiro na parte que resta do velho muro. O letreiro avista-se a dois passos da estação. Reza assim: "Este monumento está a ser destruído; e assim se perde um património secular". Nas caixas de correio de Sintra apareceu também um panfleto explicativo.

Quando, há pouco mais

de um mês, se iniciaram os trabalhos de demolição, os escuteiros sentaram-se no muro, impedindo o andamento das máquinas. As barracas provisórias e o muro demolido continuam com o mesmo aspecto. Mas as obras estão suspensas. Por enquanto, o novo executivo (sob a presidência do comendador João Justino) ainda não teve tempo, após a recente posse, para determinar um novo destino à cadeia, como imóvel de interesse público a classificar ou a destruir. "O assunto-garantem-nos-está a ser de novo analisado".

Os Serviços Municipalizados da CMS, também contactados pelo "DL" - através da funcionária Marília Ribeiro

- afirmaram não ter quaisquer declarações a prestar acerca do assunto, pois "tudo isso depende da presidência da Câmara". Nota-se um certo "comprometimento" nesta recusa, que reflecte já os resultados duma campanha contrária ao projecto e que vai produzindo os seus frutos. Ainda na passada sexta-feira, o matutino "Correio da Manhã" revelava que, para a destruição do imóvel, já tinham sido gastos 100 mil contos. Partindo da conclusão óbvia de que este dinheiro se destina a tornar Sintra mais pobre, não é difícil imaginar a vontade que os Serviços Municipalizados terão de debater este assunto com os jornais.

Marina Tavares Dias

Giuseppe Carbonari nasceu em Itália, é tenor e estudou no Scala de Milão. Expulso de Israel em 1976 depois de ter obtido a cidadania deste país três anos antes, vive em Lisboa desde 1984, após uma permanência de sete anos na RFA. Ele veio ao «DL» dizer que só quer continuar a cantar, mas os ventos não têm ajudado

Em busca da ópera perdida

Neste preciso momento, tal como quando chegou a Lisboa há cerca de cinco anos, Giuseppe Carbonari nem sequer se apresenta demasiado "exigente". Em boa verdade, cantor lírico que afirma continuar a ser na plenitude, ele apenas tem solicitado, a todas entidades possíveis, uma oportunidade de "mostrar o que vale".

Concretamente, conta-nos como tem diligenciado, junto de sucessivas direcções do Teatro de S. Carlos, da Secretaria de Estado da Cultura ou do Conservatório Nacional - ou ainda apelando aos mecanismos da Lei do Mecanato - a possibilidade de exercer a sua profissão de cantor, no país onde vive,

com a mulher e dois filhos.

Como "credenciais", o tenor Carbonari - ou "Pequeno Caruso", como diz ser conhecido - deixa-nos algumas fotocópias: de notícias publicadas em jornais portugueses aquando da sua chegada a Lisboa em 1984; de uma carta que endereçou em Julho de 1988 ao actual director do Teatro Nacional de S. Carlos, na qual apresentava um "plano de participação" nas Comemorações dos Descobrimentos, interpretando a figura de Vasco da Gama na ópera «A Africana» de Giacomo Meyerbeer; de uma notícia sobre a sua participação no programa da RTP, "Um Certo Sorriso"; de programas rela-

tivos a concertos em que participou na RFA e em Israel, nomeadamente um, na "Casa Nova Hall" de Jerusalém, em que interpretou conhecidas árias de óperas de Donizetti, Verdi, Bellini, Puccini e Giordano e ainda a célebre "Ave Maria" de Schubert.

Carbonari: um homem perseguido?

Da nossa conversa com Giuseppe Carbonari, podemos extrair que o cantor é um homem com uma história, talvez uma longa história que eventualmente extravaza os limites do bel-canto. Ou seja: para além de, há uns anos a residir em Lisboa, a sua ocupação fundamental parece

apenas residir na busca de trabalho na área em que afirma ter ainda uma palavra a dizer, também não se podem esquecer os anos atribulados que antecederam a sua entrada no nosso país. Daí, até por uma questão de enquadramento no tempo e no espaço da história de Giuseppe Carbonari, não queremos deixar de referir os pormenores mais significativos da vida do casal, ocorridos no último decénio, desde que, expulsos de Israel, afirmam lutar pela paz e exigir respeito pelos seus ideais.

Assumindo-se como católicos judeus - uma minoria que é perseguida pelas suas convicções religiosas em Israel - o casal (pela boca de Giuseppe)

diz que «desde sempre se identificou com a luta pela paz, nomeadamente opondo-se à invasão do Líbano por parte de Israel, à chacina do povo palestino, à existência dos colonatos árabes, pugnando pela criação do estado palestino». Foram, por estas razões, impulsores do movimento "Paz Agora", em Israel, que defende justamente estas aspirações.

O tenor Carbonari conta-nos ainda: «Sujeitos a perseguições e intimidações, acabámos por ser expulsos de Israel em 1976. Seguimos para a Alemanha Federal no ano seguinte, onde pedimos asilo político, vivendo na cidade de Herne, donde não podemos sair a partir de 82.

Só mais tarde, em virtude das pressões da influente comunidade judaica da FRA, o governo forçou-nos a abandonar este país. Foi então que viemos para Portugal, há cinco anos. Aqui, todas as tentativas que temos feito para que nos fosse reconhecido o estatuto de asilados políticos, até à data nunca resultaram». E agora? - perguntamos a Giuseppe Carbonari.

«Agora, o que me interessa é trabalhar em Portugal. Gostaria de continuar a cantar, e também de ensinar a minha arte. Só não entendo que razões se podem opor a este tão simples e legítimo desejo».

Rodrigues Borges

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Era antecipadamente sabido que Michel Legrand não vinha provar nada, aqui, ao Casino Estoril, dado o prestígio internacional de que disfruta como pianista, chefe de orquestra, compositor, autor - e até intérprete - de temas antológicos da cinematografia mundial. O que aconteceu, na passada sexta-feira, foi "apenas" um grande espectáculo

Simplesmente Legrand

Para a grande maioria dos que estiveram, na noite da última sexta-feira, no "salão preto e prata" do Casino Estoril, o primeiro espectáculo de Michel Legrand em Portugal constituiu certamente uma revelação - se não uma surpresa. E isto porquê?

Bem: se do conhecimento geral era a circunstância do nome do artista estar associado à autoria de alguns dos mais belos temas que o cinema tem divulgado; se dispúnhamos de informação suficiente, relativa aos seus dotes de pianista virtuoso e mesmo de arranjador talentoso e de seguro chefe de orquestra, talvez se não pudesse afirmar o mesmo no que toca ao cantor e músico de palco que demonstrou ser, tão à vontade no jazz como nos temas românticos.

Michel Legrand, com aquele "saber de experiência feito", não deixa absolutamente nada ao sabor do improviso: é notório que, até aos mais ínfimos pormenores, o seu espectáculo obedece a uma rigorosa planificação, que não admite a mais imperceptível falha.

Para além do seu inegável talento, das suas celebradas composições, ele conta, no entanto, com trunfos tão decisivos como um acompanhamento musical fora de série. Condição "sine qua non", dir-se-á...

Assim, não foi por acaso - pensamos - que Michel Legrand iniciou a sua primeira actuação no nosso país com a apresentação dos outros intervenientes. Ou seja: da cantora Christiane Legrand (sua irmã), de Armand Migiani (saxofone barítono), Francis Cournet (saxofone e flauta), Jean-Loup Longnon (trompete), Denis Leloup (trombone), Jacques Bouniard (piano), Michel Lebevillon (contrabaixo) e François Laizeau (bateria).

O Jazz a dominar

Logo a seguir à apresentação dos músicos, o espectáculo arranca, pas-

savam cerca de vinte minutos das 11 da noite, com um animadíssimo dueto protagonizado pelos manos Legrand. Alguns dos mais conhecidos temas ou arranjos do maestro, que já conheceram intérpretes tão "monstruosos" como Miles Davis, John Coltrane, Bill Evans, Phils Woods, Ben Webster... Justamente, as primeiras palmas da noite, talvez (ainda) um pouco tímidas.

A real categoria dos músicos acompanhantes logo começou a ser fortemente notada. Sucessivos solos do segundo piano, dos saxofones, do contrabaixo, do trompete, do trombone e da bateria, suscitam calorosas reacções da assistência - as largas centenas que por pouco não esgotaram a lotação da bela sala do casino, "pormenor" que não passaria despercebido a Michel Legrand, pois que o referiu publicamente, acreditamos que não apenas por mera cortezia.

Ainda na área do Jazz - que dominaria mais de metade da sessão - chega a vez de Christiane Legrand (antiga componente do célebre conjunto "Double Six") mostrar a sua real capacidade na difícil interpretação de um género musical que se sabe viver muito do poder e do saber improvisar. Christiane, senhora de uma voz bonita, bem trabalhada, demonstra que tem jazz tanto nas cordas vocais como no coração.

Michel passa ao piano, para interpretar os seus temas mundialmente conhecidos e consagrados.

É conveniente não esquecer que, como tem sido salientado por muitos críticos prestigiados, europeus e americanos, Michel Legrand pode ser considerado como o George Gershwin ou o Cole Porter dos nossos dias. Filho do chefe de orquestra Raymond Legrand, Michel nasceu em Paris há 58 anos e ali estudou piano no Conservatório, onde ganhou o primeiro prémio em solfejo,



Francisco Paraiso

Ao piano, os temas consagrados

harmonia, piano fuga e contraponto. Mas cedo se sentiu atraído pelo jazz e, apenas com 20 anos, começou a escrever arranjos para uma orquestra que acompanhou o histórico Dizzy Gillespie.

Mais tarde, em Nova Iorque, dirige uma gravação onde os seus arranjos são interpretados por aqueles autênticos "gigantes" do jazz que já referimos.

A música do Cinema

Era inevitável, e o público (a aquecer) esperava ansiosamente o momento dos grandes êxitos que o celuloide divulgou. Depois do jazz, sempre cantado em língua inglesa, Michel Legrand canta e toca, passavam 15 minutos da meia noite, o primeiro tema em francês. Que merece um excelente solo de trompete, a cargo de Jean-Loup Longnon.

Finalmente, cinco minutos depois, Michel dá início à interpretação dos seus "grandes temas" cinematográficos, a solo ou em dueto com a mana Christiane, e fá-lo com as consagradas melodias do filme "Les Parapluies de Cherbourg". Os vinte minutos que se seguem - tantos faltavam para o final do espectáculo - correspondem à merecida consagração, que o público - definitivamente rendido - não regateia a todos os artistas em palco.

Vale a pena, uma vez mais, recordar. Recordar que é a partir do princípio da década



Francisco Paraiso

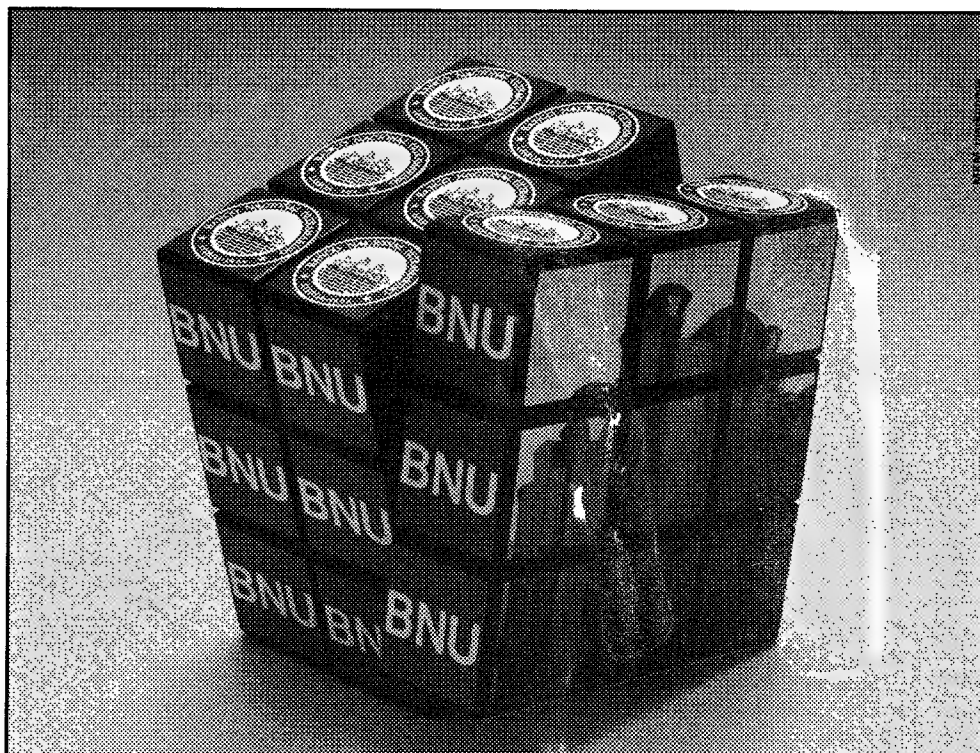
Michel e Christiane: na hora do Jazz

que Michel Legrand veio apresentar - com o rótulo de único e exclusivo - pode considerar-se como de autêntica apoteose. Apoiado - não nos repugna insistir - por um naipe de músicos de eleição e pela voz e chama interpretativa surpreendentes de Christiane Legrand, Michel tem ocasião de provar, em toda a plenitude, que é sobretudo um autor de melodias plenas de sensibilidade, ainda que implicitamente tocadas por uma certa sofisticação, condição talvez "exigida" pela conquista dos êxitos comerciais. Êxitos, todavia, que não impediram o fascínio que algumas melodias de Michel Legrand exerceram e exercem sobre grandes nomes do Jazz.

Legrand, que obteve no Estoril o êxito "naturalmente" esperado, transformou-se - como se depreende pela carreira que tem vindo a percorrer - num autor dos chama-

dos "standards", algumas décadas de pois de Irving Berlin, Gershwin, Porter e Rodgers, alcançando um lugar destacado entre o lote dos mais conhecidos compositores e intérpretes dos anos 80. Como falso final, uma conhecida canção celebrizada por Barbara Streisand interpretada com muita coragem e segurança por Christiane Legrand, que é aclamada com grande entusiasmo, já com uma parte do público de pé. Só que faltavam ainda cerca de dez minutos para o final verdadeiro. Dez minutos em que Michel regressa ao Jazz. Em jeito de fim de festa, lugar para curtos solos de todos os intervenientes. Onde mais uma vez se provou a categoria profissional, o nível criativo, o "savoir faire" dos "9 Magníficos" que estiveram, na noite da passada sexta-feira, no palco do Casino Estoril.

Rodrigues Borges



Banco Nacional Ultramarino, S.A. - Transferência de Serviços -

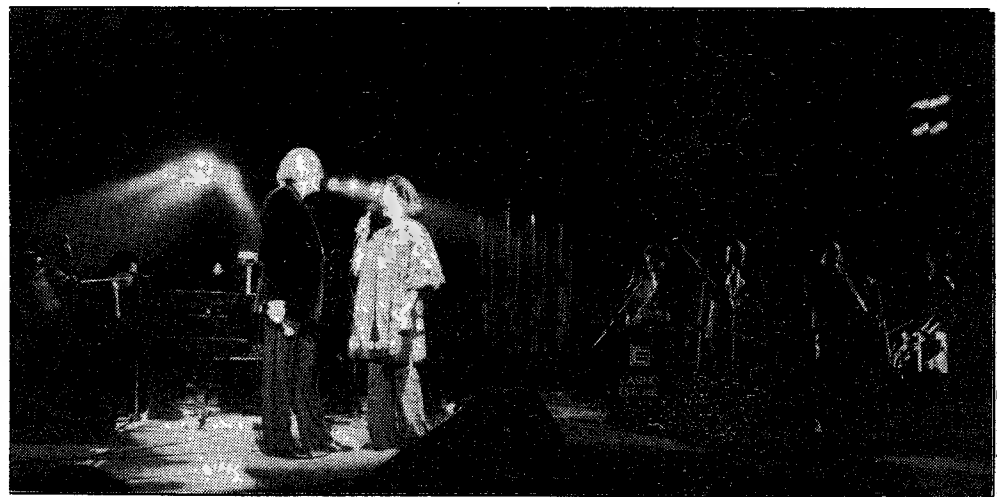
«A partir de 29 de Janeiro estará a funcionar no novo edifício BNU, situado na Av. 5 de Outubro, gaveto com a Av. de Berna, o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do Banco Nacional Ultramarino»

Telefones: 73 01 12/73 10 40/73 27 72/73 32 23/73 60 16



Banco Nacional Ultramarino, S.A.

uma constante de evolução



Francisco Paraiso

No palco: os "9 Magníficos"

Morreu em Londres, na quinta-feira, aos 67 anos

Ava dita Condessa

Nos papéis que retivemos na memória, ela era agente do destino. A sua postura altiva e distante servia bem argumentos que garantiam desfecho trágico: a morte ou o convento. Sempre de acordo com a obsessão que, desde os clássicos, nos leva a imaginar na morte os mais belos, os mais dotados.

Mas Ava Gardner nunca teve muito a ver com a sua imagem cinematográfica. O esquecimento, por Hollywood destinado às atrizes que fizeram época, é mais cruel, porque mais vulgar e anónimo, do que todas as lendas de deuses que sacrificam os eleitos. A vida de Ava Gardner ficou muito aquém das suas trágicas criações. Sem "technicolor" e sem banda sonora original.

À semelhança de Marilyn Monroe (que pagou isso com a vida) e de Francis Farmer (que, por causa disso, foi declarada louca), Ava Gardner queixou-se dos papéis que lhe davam. Críticos e companheiros de trabalho consideraram isso, em tempos, um despropósito: afinal, os filmes giravam à sua volta - imagem luminosa a ofuscar todos os outros actores. De que queixava, então? Nos anos 50, era absurdo que esta ac-

triz no apogeu levasse a mal um "elogio" como aquele que é atribuído a Jean Cocteau: "Ela é o mais belo animal do mundo".

Mesclada na lenda, tornou-se cordeiro sagrado. Uma lista de "cult movies" em que o seu nome aparece à cabeça do elenco é também uma longa lista de personagens marcadas pelo destino: "As Neves de Kilimanjaro", "Encruzilhada de destinos", "Pandora", "A Condessa Descalça", "O Barco das Ilusões", "Os Cavaleiros da Távola Redonda", "O Sol Também se Ergue".

Embora a câmara se mantivesse mais preocupada em filmá-la de corpo inteiro do que em captar-lhe todas as expressões do rosto, Ava Gardner teve oportunidade para brilhar em papéis de potencial candidatura a "os-cars" e "globos de ouro". Marilyn Monroe, que era mais nova, conheceu tempos mais ingratos. Ava manteve-se vigilante mas conciliadora até ao fim dos tempos passados na fábrica de sonhos, servindo os espectadores como uma deusa encarcerada e fulgurante. Respondeu taco a taco às provocações do patrão da MGM, Louis B. Mayer, divulgando a opin-

ião que guardava a respeito dele, "um imbecil com algum génio, como todos aqueles que mandam nisto".

Desenfatadamente, na curva descendente, trocou Hollywood por Londres, onde morava desde 1968. Escrevia as memórias, em balanço irónico sobre uma profissão tantas vezes detestada, uma profissão onde o envelhecimento não cabe.

Como nos ensinaram os próprios filmes de Ava, os grandes mitos exigem, realmente, o convento ou o sacrifício supremo. Garbo e Marilyn são as duas faces da moeda. Como Ava na Gwenevere de "Os Cavaleiros da Távola Redonda" e na Pandora que oferece a alma ao homem amado.

Os actores, heróis frágeis, sobrevivem ao meteoro das suas criações, como naufragos dos símbolos. Remando contra o próprio mito, o quotidiano desta actriz que a beleza destinava ao abismo era diverso de todos os enredos. Por isso, a melhor Ava Gardner foi filmada por John Huston, em 1972. Perdera a frescura, a fulgurante beleza, o olhar lívido e distante sobre os outros. Era uma mulher devolvida ao seu talento. Neste filme - "The Life and



Ava Gardner com Bogart na "Condessa Descalça": a altivez da tragédia

Times of Judge Roy Bean" ("O Juiz Roy Bean") - o realizador repara-lhe no rosto. Fixa-o como nunca antes fora fixado. Numa sequência em que ela acaba de ler a carta do admirador desconhecido, a câmara depura-lhe a expressão até ao estiolante. Dilui-a depois na luz da manhã. Finalmente humana, Ava

consegue ser mais divina do que todas as suas heroínas intocáveis.

Hollywood imolava deuses para alimentar sonhos. O fascínio e a perdição dos grandes actores eram destinados em conjunto. Ava sobreviveu e provou merecê-lo, apesar de ter sido "o mais belo animal do mundo". Mas,

tal como na lenda, o seu corpo voltará agora à pequena vila da Carolina do Norte, de onde a deusa partiu um dia à conquista do mundo. Assim, talvez não seja injusto que ela vá ficar para sempre lembrada como a "Condessa Descalça".

Marina Tavares Dias

Mattoso demite-se do IPA

José Mattoso demitiu-se da presidência do Instituto Português de Arquivos, informou o «Expresso» na sua última edição. Em declarações a este jornal, o historiador revelou que a sua atitude se relacionava de algum modo com a nomeação de Martin de Albuquerque para a direcção da Torre do Tombo. José Mattoso referiu, por outro lado, que Pedro Santana Lopes, o novo secretário de Estado da Cultura, não foi receptivo às propostas feitas no sentido do rápido estabelecimento de uma rede nacional de arquivos.

Ainda segundo o «Expresso», o novo secretário de Estado da Cultura vai criar um Conselho Superior para a Defesa e Valorização do Património e Dinamização do Mecenato, presidido por ele próprio e tendo como vice-presidente o historiador Jorge Borges Macedo.

Entretanto, segundo o «Independente», Santana Lopes determinou a abertura de um inquérito ao Instituto Português do Património Cultural, dirigido por António Lamas até à saída de Teresa Gouveia de Secretária de Estado da Cultura.

O inquérito visará, segundo aquele semanário, apurar eventuais irregularidades administrativas relacionadas com a aquisição de edifícios em zonas classificadas da Ajuda e da Avenida da Liberdade.

Recorde-se que uma vasta área da Avenida da Liberdade foi classificada como de interesse público, sujeita a parecer do IPPC quanto a eventuais alterações, por diploma legal publicado em 18 de Dezembro último. O diploma, da responsabilidade ainda de Teresa Gouveia e, obviamente de Cavaco Silva, estaria a ser revisto por Pedro Santana Lopes que teria chamado a si, caso a caso, a classificação de cada edifício.

A classificação da Avenida da Liberdade, que na altura surgiu como uma vitória pessoal de Teresa Gouveia na luta pela salvação do que resta de característico daquela artéria, poderia estar assim na origem da substituição daquela actual deputada no cargo de secretária de Estado da Cultura. De facto, as questões relacionadas com o património e nomeadamente a de edifícios urbanos alvo da especulação de terrenos surgem como as mais "quentes" sob a jurisdição da SEC.

A demissão de António Lamas da presidência do IPPC, logo após a demissão de Teresa Gouveia de secretária de Estado da Cultura, e o inquérito agora aberto por Pedro Santana Lopes podem, assim, estar relacionados antes de mais com o futuro da Avenida da Liberdade, zona de Lisboa já parcialmente vendida a espanhóis, mas onde outros interesses imobiliários surgem a todo o momento.

Antiga crítica musical do "DL"

Francine Benoit sepultada hoje

Francine Benoit, que no sábado, morreu com 95 anos, foi a enterrar esta manhã no cemitério de Benf. O corpo esteve em câmara ardente na Basílica da Estrela.

Nascida em França, Francine Benoit naturalizou-se portuguesa em 1929 e foi

crítica de música do «DL» durante décadas. Paralelamente a esta actividade, dedicou-se ao ensino, tendo colaborado na fundação do Conservatório de Música de Coimbra. Foi professora de Maria João Pires e Emanuel Nunes, publicou várias obras

de pedagogia musical, entre as quais se contam «Dos Acordes na Arte e na Escola» e «Beethoven».

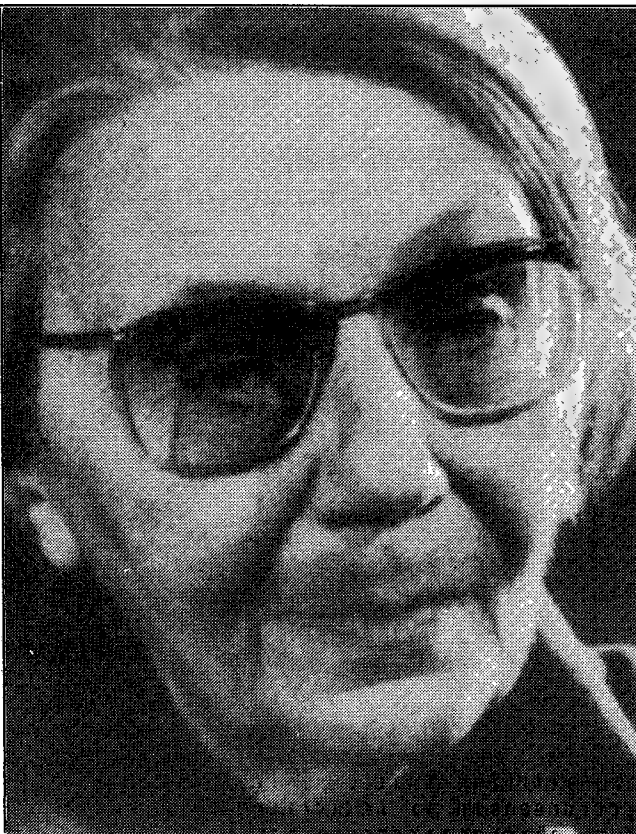
Como compositora, musicou poemas de António Sardinha, Eugénio de Castro, António de Sousa, Alberto de Serpa e foi autora de várias peças para piano e para orquestra de câmara.

Incompatibilizada com o regime fascista, Francine Benoit colaborou com Fernando Lopes Graça e Bento de Jesus Caraça no Movimento de Unidade Democrática. Tal atitude teria estado, de resto, na origem da marginalização que o governo de Salazar a votou. Assim aconteceu quando a musicóloga foi proposta para a direcção da Academia dos Amadores de Música, não tendo sido homologada pelo governo. Nomeada para uma comissão que trataria do

ensino coral nas escolas, foi, todavia, impedida de exercer por motivos nitidamente políticos. Para além do «DL», colaborou em diversas publicações como «A Batalha», «Ilustração», «Seara Nova», «Vértice», «Os Nossos Filhos», «Expresso», e «A Capital» de que foi crítica musical desde a fundação da segunda fase deste vespertino...

Ao saber da morte de Francine Benoit, Mário Soares considerou o acontecimento «uma grande perda para o mundo da música» e evocou o amor da musicóloga a Portugal, salientando o seu bom gosto e a sua liberdade de pensamento, uma constante ao longo dos anos nas páginas dos jornais portugueses.

O «DL» publicará na edição de amanhã um artigo de Nuno Barreiros evocativo de Francine Benoit.



Francine Benoit: uma vida dedicada à música

Morreu Damaso Alonso

O poeta, escritor e filósofo espanhol Damaso Alonso morreu quarta-feira, aos 91 anos, na sua casa em Madrid após prolongada doença, anunciaram familiares.

Damaso Alonso, membro destacado da «geração de 1927», que incluía Federico García Lorca e Rafael Alberti, sofria de problemas cardíacos e respiratórios há três anos.

O poeta, que foi director da Real Academia Espanhola, era considerado um dos melhores professores catedráticos de Literatura Espanhola e um dos melhores autores de ensaios literários em Espanha.

Os seus trabalhos mais conhecidos incluem as obras de poesia «Poemas Puros, Poesias da Cidade» (1921), «Os Filhos da Ira» (1944) e a antologia poética «Homem e Deus» (1955).

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Desastres

A recente mudança do responsável da cultura e o sentimento um pouco generalizado de orfandade que parece ter invadido os «meios audiovisuais» (como se o ínfimo amontoado de interesses mal compreendidos neste ramo justificasse tal expressão), provocam uma reflexão cujos elementos se vêm acumulando «ao fim do tempo».

De facto, foi substituída uma secretária de Estado dita e tida por consensual, por um secretário de Estado dito de combate, e que não quer agradar nem a gregos nem a troianos (esperemos que esta predisposição não seja apenas motivada pelo conhecimento da herança orçamental).

A consensualidade estético-intelectual da primeira não permitiu, no entanto, vislumbrar a definição de uma política audiovisual e cinematográfica, nem correspondeu a uma posição coerente de Portugal nas instâncias internacionais.

É bem significativo que, em Portugal, não tenhamos tido a oportunidade de ouvir um governante fazer um balanço ou apresentar um programa de política audiovisual e cinematográfica, bem (ou mal) elaborado.

Aquela consensualidade só foi possível pela extrema dispersão e diminuta importância dos agentes económicos.

Se existem produtores portugueses estes não constituem, de facto, uma «classe».

A grande enfermidade da indústria cultural portuguesa não explica, apesar de tudo, a ausência de protestos e de propostas alternativas.

A situação degradou-se imenso nos últimos anos.

Convém, aqui, fazer a devida vénia à malfadada geração do Vá-Vá, do Cinéfilo e do Centro Português de

Cinema.

Se por acaso já nada resta do «novo cinema português», quase tudo o que há vem dessa maldita geração, com a sua solidariedade por vezes patológica, mas admirável, com a sua vontade de intervir publicamente, e com os textos e intervenções políticas que se conhecem até agora.

Da sua «irresistível vontade de existir» — existem pelo menos dois exemplos de um trabalho único em qualidade e sensibilidade: a programação cinematográfica na televisão portuguesa, sem dúvida a melhor da Europa pelo seu equilíbrio e diversidade; e a política de produções, que com a do Channel Four, da ZDF, do INA e da «7», constitui uma raríssima oportunidade para os produtores independentes de toda a Europa, independentemente da sua nacionalidade e da dos seus autores, desenvolverem um trabalho de criação e de pesquisa.

Este privilégio português é frágil e mal reconhecido.

Por outro lado, os chamados «grupos económicos» que têm manifestado pretensões a explorar canais de televisão privados não mostram qualquer apetência a satisfazer as normas europeias, e até, com certa ilógica, têm vindo a sugerir a ingénua intenção de servirem-se de fundos europeus para praticarem uma política de importação de programas não europeus.

Neste contexto, compreender-se-á melhor a ausência de uma política audiovisual.

Qualquer que tenha sido o Governo, qualquer que tenha sido o ministro ou o secretário de Estado, viveu-se sempre na ignorância, na inconsciência (e, no melhor dos casos, na omissão) dos interesses nacionais e particulares.

Os responsáveis portugueses apenas viveram no

sobressalto: ora era salvar o adicional, ora suprir as carências orçamentais, ora ceder à pressão dos distribuidores, apoiados pelas Majors, ora resistir aos tenebrosos lobbies para quem o audiovisual não significa mais do que vultuosas encomendas de material importado, ora ir aos bolsos das empresas públicas...

Dois acontecimentos foram particularmente catastróficos na eminência da integração europeia e da necessidade de incentivar o aparecimento de uma indústria cultural em Portugal.

Quando o ministro Lucas Pires tomou a iniciativa da Lei do Mecenato, o coro de felicitações escamoteou o facto de se tratar de obviar a um profundo desinteresse do Governo por uma política cultural, traduzido orçamentalmente. O ministro procurava fundos e o seu colega das Finanças condescendeu em que ele se dirigisse a certas empresas.

As somas mobilizadas pela Lei do Mecenato não serviram, para alicerçar uma política de desenvolvimento de uma indústria cultural, por via de estímulos fiscais às empresas, mas para permitir ao ministro da Cultura existir, e às empresas-mecenas fazer a sua publicidade o que constitui um belo negócio para estas).

A segunda catástrofe que vitimou o audiovisual português foi a afectação de receitas da RTC ao fundo de assistência financeira do Estado ao cinema.

A RTC é, na prática, uma empresa totalmente subsidiária da Radiotelevisão Portuguesa, vivendo do

monopólio estatal da venda do espaço publicitário televisivo.

Esta situação, condenada pelo aparecimento dos tão prometidos canais privados, deveria ser aproveitada para, entre outras coisas, estimular o trabalho dos produtores audiovisuais independentes, de que o País tanto precisa, a fim de assegurar uma produção nacional com a liberalização do mercado e o Mercado Único de 93.

Evidentemente que esta afirmação só tem sentido para quem acreditar que uma indústria audiovisual alicerçada numa classe de pequenos e médios produtores é uma necessidade cultural, que a legislação deve prever uma obrigação dos canais de televisão de recorrerem à produção exterior, além de apresentarem uma percentagem elevada de produção original.

Parte das receitas da RTC poderiam bem ter servido para constituir um fundo de capital-risco (ou um fundo de garantia ou de bonificação, junto da Banca Comercial), alimentado pelas receitas de publicidade, aquando da difusão dos programas assim financiados.

As vistas curtas e o instinto de sobrevivência decidiram diferentemente.

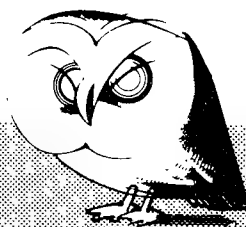
É evidente que esta inépcia dos agentes políticos, administrativos e económicos impede-nos de atrair e de beneficiar de fundos europeus destinados ao audiovisual, que podem representar até 50% dos fundos nacionalmente reunidos.

Desastres...

Artur Castro Neves



"Foi substituída uma secretária de Estado dita e tida por consensual, por um secretário dito de combate, e que não quer agradar nem a gregos nem a troianos"



olhar de mocho

Miragens iberistas

Hoje, depois da adesão à CEE, já devem ter desaparecido dos códigos intelectuais portugueses as excomunhões e os degredos para os réus acusados e condenados de amores adulterinos praticados com a vizinha espanhola. E o iberismo passou de papão, a realidade e conversa de café. De facto, se os portugueses ainda não precisam de licença de Bruxelas para plantar um repolho no seu quintal, já o mesmo não se pode afirmar, por exemplo, em relação à amendoeira ou à nogueira. Nozes e amêndoas já se escaparam da soberania nacional e são, telecomandadas pelo diktat do palácio Berlaymont.

Sinais desse neo-iberismo prático foram avisados no «Acerto de Contas» de Perez Metelo e Pedro Vassalo. Ouvimos falar do «papel reservado à Península Ibérica no seio do Mercado Único Europeu», e a expressão «valores ibéricos» foi pronunciada nesse curto programa, quase uma dúzia de vezes. Também lá se disse existir uma «supra-região» e que o que nos une é mais importante que as fronteiras dos dois Estados ainda soberanos.

No fundo, nada haveria a opor às tentações iberistas, se os personagens desta actual versão intriguista de Tirso de Molina andassem mais perto do Miguel de Unamuno que do banqueiro Mario Conde. As teses iberistas poderão medrar e até frutificar abundantemente desde que perspectivadas numa óptica política de ideias universalistas. Os nossos iberistas lusitanos do século passado navegavam em águas isentas de poluições. Depois veio o Bismarck a unificar os Estados germânicos, e, embora comparações sejam comparações e não receitas burocráticas para serem decalcadas a papel químico, não se poderá esquecer o enormíssimo naipe de vantagens que a federação encerra. Entre elas, cito a mais importante: rebentar de vez com o cancro do centralismo — a paralisia infantil de que se curaram todos os países prósperos. Ora o endémico atraso português que pelo menos há um século continua a flagelar-nos, poderá vislumbrar num certo iberismo, esperança de cura. Mas cuidado!

Tenho muitas e variadas suspeitas que o senhor Mário Conde mais o seu Banesto possam constituir a solução apetecida para uma possível miragem iberista. Procurará o senhor Conde tentar fazer em Portugal o que não logrou na sua terra? Exportar para a Lusitânia o produto que em terras de Espanha foi clamorosamente denunciado pela Imprensa? Fazer iberismo com manobras financeiras de quilate pouco transparente? Na emissão do «Acerto de Contas» falou-se de Mario Conde como autor «de um autêntico golpe de Estado» e de façanhas «mais ou menos picantes». Ora uma coisa é o iberismo político, outra muito distinta, o de «golpe de Estado». O iberismo dos nossos pensadores do século passado e o do Unamuno não deve ser confundido com a ideia de transformar Portugal na Las Vegas da CEE.



José S. Monteiro



DESPORTO

Nacional de futebol

Porto não trava, Guimarães abranda

Vai uma desastrosa temporada para os denominados pontas-de-lança, artilheiros, goleadores e outras coisas mais: não acertam nos vivos, nem à lei de Deus Pai. Tirando o sueco Magnusson, que não perdoa nem ao gato (e, por este andar, vai ganhar ouro europeu) o resto é de uma confrangedora pobreza, talvez aqui se descobrindo a razão, real e autêntica, das sucessivas selecções nacionais que foram para o palco nos últimos anos andarem ao pé coixinho ou de muletas e nunca, a nível graúdo, conseguirem coisa que se veja.

Esta rodada de abertura da fase final do campeonato lusitano foi o perfeito espelho da franciscana imagem dos nossos principais esquadões futebolísticos: onze golitos em nove jogos, dez equipas a zero, quatro turmas empatando a um tentito, um remate certo (um, apenas!) chegando e sobrando para explicar os dois pontos que ficaram no bolso resteliano e, tirando espectáculo no Bonfim, onde a multidão alternou as emoções perante um trio de disparos eficientes, é obrigatório tirar o chapéu aos «dragões» que, desembarcando em terreno contrário, não estiveram com meias medidas e por três vezes vergaram o recepcionista, sem qualquer dó pela situação em que o colocavam sobre o ringue.

Tudo começou no sábado: os portistas rapidamente se desfazendo de qualquer veleidade dos funchalenses do Nacional, de nada valendo aos madeirenses terem feito troca de brasileiro na chefia pois, pelos vistos, ou a casa foi marcada por estranha macumba ou tanta sorte teve Fernando Pires como Jair Picirnei. Que também se pode escrever assim: há talento igual em qualquer destas praças. Muito medíocre para prolongar as belas proezas antes rubricadas por Paulo Autuori que, com os mesmos ingredientes, fazia doces para a mesa do rei. Nacional: o erro capital de imaginar que todos os emigrantes que tentam vida por esta área são do mesmo quão te?

Quanto ao Porto o trivial: com a melhor defesa do torneio, a 2.ª melhor variação, um bloco de vedetas e chefia competente, quem lhe recusa o posto de comando do longo comboio?

A águia lá vai, também, pé ante-pé. Colou-se aos vimaranenses porque, enquanto o Sporting apenas conseguia um nulo à sombra do castelo de Guimarães, o Benfica foi almoçar ao castelo de Palmela e, descendo à cidade grande, sustentou o ímpeto setubalense e o soberbo golo de Maku-



«Leões» em festa em Guimarães

kula para, no regresso do balneário, aproveitar uma fase de deslumbramento dos alunos de Manuel Fernandes e cravar por duas vezes as garras no bolo que estava à guarda de Jorge Martins. Eriksson: futebol de ataque, sempre e sempre mais para a vanguarda. Setúbal: apenas tímido ar de graça, quando Mladenov não consegue libertar-se de um colite de forças.

Raul Águas continua sem conhecer derrota: ir à primeira capital do reino, sofrer um golo esquisito e conseguir dar a volta ao texto é coisa que raramente aconteceu em ainda recente história leonina. Por seu lado, o «onze» de Guimarães continua em plena luta pelo trono: que mais poderia desejar?

Uma nota, que não é já de surpresa: novamente Carlos Manuel ficou no banco lateral. Outra vez Fernando Gomes nem sequer avança na excursão. E, quanto a Paulinho Cascavel, entrou na cena em desespero de causa, quase ao lavar dos cestos da vindima. Por outras palavras: Raul Águas deliberadamente prefere a muita juventude em detrimento da demasiada experiência? É de não perder o próximo capítulo, quando o Beira Mar desembarcar em Alvalade e forem necessários atiradores ao golo nas hostes de

verde e branco.

Rui Gregório, da nova escola belenenses, deu larga alegria aos senhores do parque da Cruz de Cristo, ao mesmo tempo que faz esparguir o olhar sobre Moisés, o técnico que é bem capaz de reconduzir os azuis ao plano utebol em que Marinho Peres os impulsionou. Poderá dizer-se que, na tarde de ontem, esquecidas antigas clivagens (ah, Mapuata, Mapuata...) tanto belenenses como maritimistas (novamente de braço dado) actuaram em tom morno: o certo é que, para o emblema de Acácio Rosa a vida continua a sorrir, enquanto para o estandarte preferido de Alberto João Jardim o horizonte está bastante nebuloso.

Quem seria capaz de imaginar empate bracarense na Amadora e outro nulo em território boavistense, como façanha tirsense?

Para contrariar largo leque de vaticínios, foi isso mesmo que sucedeu: bela colheita minhota perante o «team» de João Alves (provavelmente acusando cansaço do passeio a França), magnífico trabalho das hostes de Santo Tirso na esgrima com o «onze» que o mais galopante major do nosso futebol quer recolocar em luxuosa carruagem uefeira. Que dizem a isto os «experts» totobolistas?

Na luta dentro do vagão da cauda, vai tudo muito assanhado. Em Penafiel, os administradores do rectângulo impediram o visitante de levar para Chaves a colheita máxima: e os flavienses foram obrigados a equitativa divisão da presa, bem se podendo orgulhar de terem passado sem maior beliscadura pelo «25 de Abril». Lá por Aveiro, a coisa também esteve a puxar para o negro: insolitamente (ou talvez não) o Beira Mar continua a esbanjar pontos nas horas em que atende parceiros da sua calibragem e, desta vez, tocou o bónus ao Portimonense que, finalmente lá passou de mão o lanternão rubro, ainda que tenha ficado o ombro com os depauperados nacionalistas da pérola atlântica. Exacto: a mesma Madeira onde o Feirense foi colocar em sentido o União, provando que na conversa de galos no rés-do-chão tudo continua por esclarecer, mas uma verdade é dura como muro na ponta do queixo: quem deixa aberta a gaiola sujeita-se a perder toda a passarda.

Pontuou o quarteto da vanguarda. Queira-se ou não, parecem encontrados os únicos mosqueteiros que vão bater-se pela bela dama.

Neves de Sousa

Resultados

Cumpriu-se a 18.ª jornada do campeonato nacional de futebol, que deixou para a história os seguintes resultados:

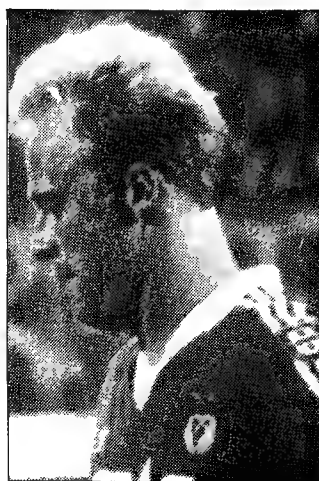
Nacional, 0 - Porto, 3.
Setúbal, 1 - Benfica, 2.
Guimarães, 1 - Sporting, 1.
Belenenses, 1 - Marítimo, 0.
União, 1 - Feirense, 1.
Beira-Mar, 0 - Portimonense, 0.
Estrela de Amadora, 0 - Braga, 0.
Penafiel, 0 - Chaves, 0.
Boavista, 0 - Tirsense, 0.

A 19.ª ronda (a 11 de Fevereiro, após a realização no próximo fim-de-semana, da 4.ª eliminatória da Taça de Portugal, tem um bom cartaz: Chaves - Boavista, Tirsense - União da Madeira, Feirense - Estrela de Amadora, Braga - Belenenses, Marítimo - Vitória de Setúbal, Benfica - Vitória de Guimarães, Sporting - Beira-Mar, Portimonense - Nacional e FC Porto - Penafiel.

Magnusson: mais um golinho

A ronda 18 do campeonato rendeu apenas 11 golos, e o sueco Mats Magnusson aumentou a sua larga vantagem como líder dos marcadores, continuando sério candidato à «Bota de Ouro» europeia.

Lista dos melhores marcadores nacionais: Magnusson (Benfica), 22 golos; Guetov (Portimonense), Ricky (Estrela de Amadora) e Mladenov (V. Setúbal), 9; Rui Águas (FC Porto), Tanev (Chaves), Jorge Andrade (Boavista), e Chiquinho (V. Guimarães), 8; Vata (Benfica), Demol (FC Porto) e Monteiro (União), 7.



RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

	J	V	E	D	G	P
1.º F.C. PORTO.....	18	14	3	1	37-5	31
2.º Benfica.....	18	12	5	1	48-8	29
3.º V. Guimarães.....	18	12	5	1	28-11	29
4.º Sporting.....	18	10	6	2	20-9	26
5.º V. Setúbal.....	18	8	4	6	23-17	20
6.º Belenenses.....	18	8	4	6	18-18	20
7.º Boavista.....	18	6	6	6	28-18	18
8.º Braga.....	18	5	8	5	15-18	18
9.º Chaves.....	18	5	8	5	20-24	18
10.º E. Amadora.....	18	6	5	7	22-16	17
11.º Tirsense.....	18	3	10	5	8-15	16
12.º Beira Mar.....	18	4	6	8	8-20	14
13.º Penafiel.....	18	4	5	9	13-27	13
14.º Marítimo.....	18	2	8	8	13-25	12
15.º União.....	18	3	6	9	13-25	12
16.º Feirense.....	18	3	5	10	10-28	11
17.º Portimonense.....	18	3	4	11	13-33	10
18.º Nacional.....	18	0	10	8	11-31	10

TOTOBOLA

A chave

Nacional - F.C. Porto 2
V. Guimarães - Sporting .. X
V. Setúbal - Benfica 2
Boavista - Tirsense X
U. Madeira - Feirense X
E. Amadora - Braga X
Belenenses - Marítimo 1
Beira Mar - Portimon. X
Penafiel - Chaves X
Leixões - G. Vicente 2
U. Leiria - Académica 1
Mangualde - Salgueiros 1
Lusitano - Louletano 2

A nossa aposta

Setúbal - Benfica 2
E. Amadora - Braga 1
Belenenses - Nacional 1
U. Madeira - Beira Mar 1
O. Moscavide - Feirense ... 2
Valonguense - Penafiel 2
Vila Real - Olhanense X
Sevilha - A. Madrid X
Castellón - Barcelona 2
Cádiz - Valência 2
Bari - Juventus 2
Fiorentina - Milan X
Atalanta - Sampdoria 1

TOTOLOTO

17 - 22 - 23 - 28 - 40 - 47 (24)

DESPORTO

Vitória de Setúbal, 1-Benfica, 2

Sem ovos não há omeletas

Talvez seja altura de Manuel Fernandes mudar o esquema que lhe produziu novos arrepios de frio: aquela de jogar com três defesas centrais e dois falsos médios-ala, não resultou face ao Guimarães, fracassou ante o Futebol Clube do Porto, deu o triste pio na recepção ao Benfica. Dito a «libero», Quim e Jorge Ferreira tentando tomar conta dos dois vanguardistas encarnados, Crisanto com ordem para segurar Pacheco e Flávio atendendo às descidas de Paneira, foi chão que deu uvas: o camisa dois (rapagão do Alcochete) foi reduzido a cisco pelo mocinho de Portimão, o parceiro do outro flanco foi um ver se te avias dentro da algibeira do militar de Transmissões e, quanto ao trio mais atrasado, adeus oh minhas encomendas.



Crisanto e Pacheco



Duelo em Setúbal: Jorge Ferreira com Magnusson

Vata e Magnusson tiveram nos pés um largo punhado de bolinhas com rótulo fatal e, não fora Jorge Martins evitar os contínuos lapsos dos parceiros de cobertura, o desatino com que acorriam dois à mesma jogada ou não aparecia nenhum para a cobertura do colega, e a coisa poderia ter ficado feia de mais para o labor do meio-campo setubalense onde (uma vez mais) Jaime Pacheco associou o nome a dois factos: foi maestro com a bola nos pés e novamente exuberante nos protestos ao juízo, o que tornou a valer-lhe visão do cartão *icterícia* o que (convenhamos) começa a ser banal para o competente artista que ostenta braçadeira de «capitão» vitoriano.

De facto, confirmando o estilo de futebol virado para a frente que é ex-libris de Eriks-

son, o Benfica esperou serenamente o momento em que deveria desferir o golpe sobre o

Jean Thissen despedido do Beira Mar

Ao fim da manhã de hoje, o treinador belga Jean Thissen foi despedido do Beira-Mar, face aos maus resultados da turma no campeonato da 1.ª divisão futebolística. Segundo o presidente Silva Vieira ao programa «Bola Branca» (Renascença), não há qualquer substituto previsto, ficando a turma momentaneamente entregue ao adjunto Vítor Urbano.

pescoço contrário. Deixou correr o marfim, Vata (irrequieto) ia perdendo lances ou obrigando o muro contrário a pequenos desmoronamentos.

A certa altura, pisou a bola e caiu para o relvado: lesão na perna direita, chamada urgente de César Brito, tudo a voltar ao princípio mas, desta feita, com o Vitória mais balanceado para a descoberta do caminho terrestre até Silvino: simplesmente (é um facto demasiado constatado) quando Mladenov fica acorrentado e Aparício não é chamado à actividade, tudo passa a depender de Makukula. E foi o zairense que, no sábio e veloz aproveitamento de um deslize de Vítor Paneira (má recepção de passe assinado por Veloso) entrou por ali dentro, torneou o arame farpado e deu um tiro para as malhas rubras, quase como há dias acontecera com Bamdeirinha em relação a Jorge Martins. Parecia lance a papel químico e, também agora, capaz de siderar o exército de outro estandarte.

Queda da esperança

Por isso os vitorianos vieram do balneário todos satisfeitos, talvez deslumbrados pelo lucro amealhado no baú. Só que a rapaziada de Eriks-son apareceu com duplas asas nos pés. Num reiâmpago, Pacheco retalhou Crisanto, reduzindo-o à condição de mero espectador e fez o empate para, logo de seguida,

Dois golos em dois minutos

Com arbitragem de Xavier de Oliveira (Porto) que esteve acompanhado por Adriano Rodrigues e Teixeira da Silva, alinharam:

VITÓRIA DE SETÚBAL: Jorge Martins; Dito, Crisanto, Jorge Ferreira, Quim e Flávio (Edward, aos 55 minutos); Serra, Jaime Pacheco e Quinito (Lufemba, 65); Mladenov e Makukula.

BENFICA: Silvino; José Carlos, Aldair, Ricardo e Veloso; Paneira, Thern, Valdo e Pacheco; Vata (César Brito, aos 30 e depois Hernâni, aos 82) e Magnusson.

Golos: Makukula (44), Pacheco (46) e Magnusson (48). Cartão amarelo para Jaime Pacheco, Aldair e Veloso.

Magnusson brincar defronte dos postes caseiros e acabar por fazer o 2-1, como muito bem lhe apeteceu, pois toda a resistência antagónica estava a olhar para o passarinho.

Pólvora quase seca

Inegável: de qualquer das trincheiras saíram petardos com sinal luminoso, mas os dois guarda-metas souberam travar o que ia escoando, maior trabalho (obviamente) para Jorge Martins mas nem por isso tarde de repouso para Silvino que, aqui e ali, também era obrigado a remediar faltas cometidas nos flancos e uma ou outra ausência de ritmo coligado entre Aldair e o bem regressado Ricardo.

Como espelho do espectáculo, diga-se que o Vitória ordena bem o jogo no centro das operações mas não tem artífice para ultrapassar súbita falência de Mladenov. Nin-

tentes com o golinho zairense e, afinal, guardado estava o petisco para os lisboetas que, uma vez mais, confirmaram a boa sina que, desde 81, fica no cartaz: marcam golos e não perdem na conversa à beira do Sado.

Na retina ficaram belas acções dos dois Pachecos, da dupla de guarda-redes, de Magnusson e Aldair, Makukula e Serra. Vamos lá: também de Valdo e Paneira que, no entanto, estiveram distantes do seu trivial. Quanto a Xavier de Oliveira, vértices para aplauso: acompanhou perfeitamente o julgamento em tribunal, raramente se perturbou com o andar da carruagem e mostra cabedal para boas andanças. Só ficou por entender a leve amostragem do *icterícia* a Veloso, naquela entrada mais que dura sobre Serrinha: não fora capitão benfiquista, internacional de relevo e cidadão a dois dias de completar 33 anos e estaria o caldo mais entornado.

Neves de Sousa

Taça de Portugal

Setúbal e Amadora repetem duelos de ontem

A 4.ª eliminatória da Taça de Portugal processa-se no próximo fim-de-semana, curiosamente com a repetição de dois dos duelos de ontem: Setúbal - Benfica e Estrela da Amadora - Braga. Outros jogos no cartaz: Belenenses - Nacional, Maia - Paços de Ferreira, Valadares - Marítimo, Chaves - Lusitano de Évora, Paços de Ferreira - Porto, Boavista - Gil Vicente, Valongoense - Penafiel; Farense - Esperança de Lagos, Olivais e Moscavide - Feirense, Vila Real - Olhanense, Vitória de Guimarães - Freamunde, Marco - União de Montemor e União da Madeira - Beira-Mar. Quanto ao Varzim receberá o vencedor do embate Tirsense - Salgueiros, que depois de amanhã ocorrerá em Santo Tirso.



Um setubalense para três benfiquistas

EMERGÊNCIA



O primeiro
gesto
é seu

UNICAR

Comércio de Automóveis, Lda.

VIATURAS NOVAS E USADAS

Peças de origem



VIATURAS USADAS

OFERTA ÚNICA!

DE 15 DE JANEIRO A 16 DE FEVEREIRO

0% DE JUROS

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO JUNTO AO COLISEU INCLUINDO FINS SEMANA

Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21

RENAULT

Nomes e números da jornada

Guimarães, 1-Sporting, 1
Jogo no Estádio Municipal de Guimarães.

Árbitro: Miranda de Sousa (Porto).

V. GUIMARÃES: Neno; Nando, Germano, Williams e Bene; Roldão, João Baptista (Caio Júnior, 68 m), N'Dinga e Soeiro; Silvino (Vitor Santos, 80 m) e Chiquinho.

SPORTING: Ivkovic; João Luís, Luizinho, Venâncio e Leal; Oceano; Douglas, Carlos Xavier e Silas; Marlon (Paulinho Cascavel, 70 m) e Cadete (Marinho, 90 m).

Ao intervalo: 1-1.

Marcadores: N'Dinga (12 m) e Marlon (25 m).

Ação disciplinar: cartões amarelos para João Luís (40 m), Douglas (55 m) e Soeiro (90 m).

Nacional, 0-Porto, 3

Jogo no Estádio dos Barreiros, arbitrado pelo lisboeta António Marçal.

NACIONAL: Gilmar; Heitor, Rui Duarte, Leitz e Toninho; Ladeira, Edu (Vieira, aos 45 m) Sylvanus (Paulo Sérgio, aos 45 m) e Dinis; Robertinho e Dino.

PORTO: Vitor Baía; João Pinto, Geraldão, Demol e Paulo Pereira; Semedo e André; Jaime Magalhães, Branco (Domingos, aos 68 m) e Bandeirinha (Jorge Couto, aos 45 m); Rui Águas.

Marcadores: Rui Duarte (16 m na p.b.), Bandeirinha (42 m) e Paulo Pereira (55 m).

Ação disciplinar: amarelo para Branco, Demol e Robertinho.

União, 1-Feirense, 1

Estádio dos Barreiros, no Funchal.

Árbitro: Bento Marques (Évora).

UNIAO: Valente; Duarte, Ramos, Mota e Casimiro; Monteiro, Jairo, Markovic e Renato (Júlio Sérgio, 69 m); Edilson e Nino (Rogério, 60 m).

FEIRENSE: Ricardo; Costa (Ribeiro, 64 m), Pinto, Miguel e Marcelino; Artur, Renaldo, Morgado (Pedro Martins, 64 m) e João Luís; Resende e Quitó.

Ao intervalo: 0-0.

Marcadores: Casimiro (56 m) e João Luís (78 m).

Ação disciplinar: cartões amarelos para Miguel (69 m), Monteiro (81 m), João Luís (88 m) e Duarte (90 m).

Beira-Mar, 0-Portimonense, 0

Estádio Mário Duarte, em Aveiro.

Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal).

BEIRA-MAR: Quim, Redondo, Dinis, Bozinovsky, João Gouveia, Sousa, Paquito (Alain, 39 m), Mário Jorge (Sunesson, 56 m), Pentead, Abdel Ghany e Freitas.

PORTIMONENSE: Figueiredo, Matos, Justiniano, Floris, Aurélio, Major, Bezinsky, Guetov, Luciano

(Voynov, 72 m), Skoda e Zé Pedro.

Ação disciplinar: cartão amarelo a Justiniano (23 m), Dinis (40 m) e Pentead (80 m).

Belenenses, 1-Marítimo, 0

Estádio do Restelo, em Lisboa.

Árbitro: José Pratas (Évora).

BELENENSES: Mihaylov, Galo, Oliveira, Rui Gregório, Zé Mário, Juanico, Jaime, Sadkov, Gonçalves, Jorge Silva (Paulo Sérgio, 71 m) e Chiquinho.

MARÍTIMO: Everton, Rui Vieira, Oliveira, Carlos Jorge, Teixeira, Esquerdinha, Marquinhos, Tozé (José Luís, 57 m), Názaro Nunes, Wawa (Maki, 3 m) e Vando.

Ao intervalo: 1-0.

Marcador: Rui Gregório (13 m).

Ação disciplinar: Rui Gregório (56 m).

Penafiel, 0-Chaves, 0

Estádio 25 de Abril, em Penafiel.

Árbitro: Jorge Coroado (Lisboa).

PENAFIEL: Cerqueira, Carlos Alberto, Martins, Vasco, Artur, China, Secretário (Germano, 87 m), Rui Manuel, Amâncio, Coelho e Rebelo.

CHAVES: Jesus, Vicente, Figueira, Jorginho, Rogério, Manuel Correia, David, Miranda (Rudi, 86 m), Vule, Sladkov (Diamantino, 75 m) e Tanev.

Ação disciplinar: cartões amarelos a Jorginho (51 m), Secretário (76 m) e Rui Manuel (83 m).

E. Amadora, 0-Braga, 0

Jogo no Estádio José Gomes, na Amadora.

Árbitro: José Guimarães (Coimbra).

EST. AMADORA: Melo; Rui Neves, Duílio (cap.), Barny e Caetano; Basaúla, Bobó, Nelson Borges e Rui Jorge (Paulo Jorge, 65 m); Pedro Xavier Ricky (Rebello, na 2.ª parte).

SP. BRAGA: Luís Manuel; Chico Silva, Vitor Duarte, Quim I e Laureta; Quim II; Fernando Pires, Luís Manuel e Tiano (Maside, 71 m); Santos e Vinícius (Radi, 75 m).

Ação disciplinar: cartões amarelos para Quim I (7 m) e Tiano (41 m).

Boavista, 0-Tirsense, 0

Estádio do Bessa, no Porto.

Árbitro: José Filipe (Faro).

BOAVISTA: Alfredo, Casaca, Valério, Garrido, Marcos António, Isafas, Jaime, Agatão, Walker (Parente, aos 78 m), Jorge Andrade e Carrioca (Armando, 62 m).

TIRSENSE: Lúcio, Bio, Sérgio, Louro, Jorge, Tueba, Quim (Vlamecir, 66 m), José Maria, Eusébio, Césan (Kipulu, 85 m) e Vitinha.

Ação disciplinar: cartões amarelos para Jorge Andrade (18 m), Vitinha (39 m) e Vlamecir (68 m).



A Juventus recebeu o Inter e, como manda a tradição, venceu

Futebol lá fora

Rui Barros e Juventus travaram o Inter

A Juventus, onde alinha o português Rui Barros, venceu, ontem, em Turim, o Inter de Milão por 1-0 com um gol marcado na conversão de um pontapé de canto pelo defesa Nicolò Napoli, que viria a provocar acesa polémica entre os futebolistas milaneses e o árbitro, com o guarda-redes Zenga a figurar entre os mais contestados alegando ter sido impedido de executar a defesa. Como consequência a cartolina amarela foi mostrada a três atletas do Inter.

O Nápoles, que venceu a Fiorentina por igual marca (1-0), aumentou para três pontos o seu avanço sobre o Milão, ainda que os milaneses registem menos um jogo do que os napolitanos.

Resultados da 20.ª jornada: Bolonha-Cesena, 0-0; Cremonese-Atalanta, 1-1; Fiorentina-Nápoles, 0-1; Juventus-Inter, 1-0; Lecce-Lazio, 0-0; Milão-Génova, 1-0; Roma-Bari, 1-0; Sampdoria-Udinese, 1-0; Verona-Ascoli, 0-0.

Classificação: 1. Nápoles, 34 pontos; 2. Milão, 31 (menos um jogo); 3. Sampdoria, 30; 4. Inter, 30; 5. Juventus, 28; 6. Roma, 27; Atalanta, 26; 7. Bolonha, 23; Bari e Lazio, 20; Fiorentina, Génova e Lecce, 18.

Espanha: Atlético vence em Cádiz

O Atlético de Paulo Futre venceu o Cádiz por 1-0, mantendo o 3.º posto a um ponto

do Barcelona e a seis do líder (Real Madrid).

Resultados da 12.ª jornada: Osasuna-Barcelona, 0-3; Atlético Bilbao-Tenerife, 1-1; Real Madrid-Castellón, 7-0; Valladolid-Rayo Vallecano, 1-0; Saragoça-Real Sociedad, 2-1; Cádiz-Atlético Madrid, 0-1; Oviedo-Maiorca, 0-2; Valência-Gijón, 2-0; Málaga-Logrones, adiado.

01. Real Madrid, 34; 2. Barcelona, 29; 3. Atlético Madrid, 28; 4. Valência, 27; 5. Real Sociedad e Osasuna, 25; 7. Sevilha e Maiorca, 23; 9. Saragoça, 22; 10. Oviedo, 21; 11. Logrones e Atlético Bilbao, 19; 13. Gijón, 18; 14. Castellón e Valladolid, 17; 16. Cádiz e Málaga, 16; 18. Tenerife, 14; 19. Celta Vigo, 13; 20. Rayo Vallecano, 12.

Escócia: Rangers não cede

Disputadas 24 jornadas do campeonato escocês, o Glasgow Rangers soma 35 pontos, enquanto os seus mais directos seguidores (Hearts e Aberdeen) apenas amalharam, 29. Na 4.ª posição situa-se o Celtic com 25.

Inglatera: Bristol «tombou» o Chelsea

O Bristol City — da 3.ª Divisão — venceu o Chelsea por 3-1, tornando-se no «tombador» da Taça de Inglaterra. Para os oitavos-de-final estão apurados os seguintes clubes, cujos confrontos estão

marcados para os dias 17 e 18 de Fevereiro:

Crystal Palace-Rochdale, Reading ou Newcastle-Manchester United, Blackpool-Arsenal ou Queens Park Rangers, Oldham-Everton, Bristol City-Millwall ou Cambridge United, West Bromwich-Aston Villa, Sheffield United ou Watford-Barnsley, Norwich ou Liverpool-Southampton.

Bélgica: Bruges lidera

Beneficiando da derrota do Anderlecht, frente ao Antuérpia, o Bruges (que cilindrou o Kortrijk por 3-0) isolou-se no comando da classificação somando 30 pontos. Seguem-se o Anderlecht (28), antuérpia (27), Cercle Bruges (23) e Standard de Liege (21). Resultados da 19.ª ronda:

Lokeren-Racing Malines, 0-0; Kortrijk-Bruges, 0-3; Standard Liege-Lierse, 2-0; Cercle Bruges-Waregem, 3-1; Anderlecht-Antuérpia, 0-1; Charleroi-Chent, 2-1; Malines-Ekeren, 3-0; Beerschot-Beveren, 4-1; St. Truiden-FC Liege, 1-1.

Holanda: PSV colhe benefícios

O PSV Eindhoven, que venceu o Willem II, beneficiou dos empates cedidos pelo Roda e pelo Vitesse, seus perseguidores mais próximos.

Futebol de salão

Portugal mandou no baile

A selecção portuguesa de futebol de salão renovou o título europeu da modalidade, «cilindrando» os concorrentes vindos de Itália, Hungria, Espanha, Israel, Holanda, Inglaterra e Checoslováquia. O torneio decorreu no Pavilhão do Freixieiro (Matosinhos), tendo os portugueses arrecadado todos os troféus em disputa. Foi o título, os prémios «fair-play», melhor marcador, melhor jogador e ao guarda-redes menos batido.

Na final, a selecção lusa derrotou a Checoslováquia por 3-1 e para a história aqui fica o nome dos intérpretes escolhidos pelo técnico João Mendes: Carlos França, Hélio Matos, José Alberto, Vieira Dias e Manuel Azevedo. Jogaram ainda: Armindo Pinto e Ivo Cristóvão.

Classificação final: 1.º Portugal, 2.º Checoslováquia, 3.º Espanha, 4.º Inglaterra, 5.º Israel, 6.º Holanda, 7.º Hungria e 8.º Itália.

Melhores marcadores: Manuel Azevedo (Portugal com 15 remates certos, seguindo-se o espanhol Ferenc Szekula com 11 e o inglês Geoffrey Payton com 10).

Na classificação dos melhores jogadores, Manuel Azevedo foi o eleito (Hélio de Matos o segundo pontuado) e para o prémio «fair-play» Portugal registou 151 votos, Checoslováquia 129 e a Hungria 123. Referência ainda para Carlos França que se cotou como o «keeper» menos batido.

Juniões

Série A: Vizela-V. Guimarães, 0-0; Taipas-Chaves, 2-0; Ponte da Barca-Famalicão, 1-0; Mãe d'Água-Braga, 1-3; Vila Real-Merelinense, 1-4; Vianense-Gil Vicente, 2-2. **Líder:** V. Guimarães, 23 pontos.

Série B: FC Porto-Rio Ave, 2-0; Viseu e Benfica-Espinho, 1-3; Leixões-Varzim, 5-1; Boavista-Maia, 4-0; Beira-Mar-Águeda, 3-2; Salgueiros-Lamego, 3-1. **Líder:** FC Porto, 26 pontos.

Série C: Marrazes-Académica, 2-6; Gouveia-Mangualde, 0-3; Nazarenos-Guarda, 2-0; Naval-União de Leiria, 1-1; U. Coimbra-

Académica de Viseu, 2-3 e Estação-U. Tomar, 3-2. **Líder:** Académica, 25 pontos.

Série D: Olivais e Moscavide-Almeirim, 2-1; Belenenses-Benfica, 1-4; Caudas-Sporting, 1-5; Estoril-Bombarralense, 3-1; Estrela Amadora-U. Santarém, 1-0; C. Caparica-Casa Pia, 2-1. **Líder:** Benfica, 25 pontos.

Série E: Portimonense-Elvas, 1-1; Seixal-Lusitano de Évora, 2-1; Barreirense-Estrela V. Novas, 9-0; Quimigal-Amora, 3-0; V. Setúbal-Farense, 3-2; Olhanense-Zona Sul, 4-0. **Líder:** V. Setúbal, 21 pontos.

Juvenis

Série A: Vizela-V. Guimarães, 1-4; Chaves-Braga, 1-1; Rio Ave-Varzim, 0-0; Freamunde-Paços de Ferreira, 3-0; Leixões-Salgueiros, 4-0; Vianense-Moncorvo, 11-0. **Líder:** V. Guimarães, 26 pontos.

Série B: Tabuense-Mangualde, 1-1; B.V. Almeida-Boavista, 0-8; Académica-Águeda, 2-0; Estação-Lusitânia, 0-2; Feirense-Académico Viseu, 0-2; FC Porto-Beira-Mar, 5-0. **Líder:** FC Porto, 32 pontos.

Série C: Torriense-

Sporting, 0-3; Benfica-U. Leiria, 7-0; Damense-U. Santarém, 2-3. Belenenses-Casa Pia, 1-0; Benfica e Cast. Branco-U. Coimbra, 0-3; Estoril-Estrela da Amadora, 0-0. **Líder:** Sporting, 33 pontos.

Série D: Olivais e Moscavide-Estrela V. Novas, 7-0; Louletano-Farense, 2-3; Portimonense-Oriental, 1-0; C. Caparica-V. Setúbal, 0-2 e Almodôvar-Estrela V. Portalegre, 2-3. **Líderes:** Olivais e Moscavide, V. Setúbal e Louletano, 24 pontos.

DESPORTO

Campeonatos nacionais de futebol

II Divisão: Farense não cede o ritmo

Zona Norte

Bragança - Marco, 1-0; Trofense - Aves, 0-3; Leixões - Gil Vicente, 2-3; Varzim - Infesta, 1-1; Paços de Ferreira - Joane, 4-2; Famalicão - Freamunde, 3-0; Felgueiras - Rio Ave, 1-1; Fafe - Maia, 3-0; e Vizela - Vianense, 3-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º FAMALICÃO	16	10	6	0	29-9	26
2.º Gil Vicente	16	10	2	3	27-16	22
3.º Freamunde	15	8	5	2	25-15	21
4.º Paços de Ferreira	16	9	2	5	30-18	20
5.º Desportivo das Aves	16	9	2	5	22-12	20
6.º Rio Ave	16	8	3	5	20-13	19
7.º Maia	15	5	7	3	17-13	18
8.º Leixões	16	7	3	6	22-21	18
9.º Varzim	16	6	4	6	21-15	16
10.º Fafe	16	5	5	6	16-12	15
11.º Bragança	15	6	2	7	18-23	14
12.º Infesta	16	4	6	6	18-20	14
13.º Vianense	16	5	3	8	16-25	13
14.º Trofense	16	4	5	7	16-23	13
15.º Felgueiras	16	5	3	8	12-22	13
16.º Joane	16	4	3	9	11-23	11
17.º Vizela	15	3	2	10	11-24	8
18.º Marco	16	1	4	11	9-30	6

Próxima jornada: Marco - Trofense; Aves - Leixões; Gil Vicente - Varzim; Infesta - Paços de Ferreira; Joane - Famalicão; Freamunde - Felgueiras; Rio Ave - Fafe; Maia - Vizela; e Vianense - Bragança.

Zona Centro

Águeda - Oliveira do Bairro, 1-1; Benfica de Castelo Branco - União de Lamas, 3-1; Oliveirense - Académico de Viseu, 1-1; Peniche - Guarda, 1-2; União de Leiria - Académica de Coimbra, 2-1; Lousanense - Mirense, 1-3; Caldas - Marialvas, 0-1; Mangualde - Salgueiros, 1-0; e Espinho - Covilhã, 3-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º ESPINHO	15	12	1	2	35-10	25
2.º Salgueiros	16	11	3	2	41-12	25
3.º Académica	16	9	4	3	31-19	22
4.º União de Leiria	16	8	5	3	29-11	21
5.º Académico de Viseu	16	7	5	4	23-19	19
6.º Águeda	16	7	4	5	22-13	18
7.º Caldas	16	8	1	7	17-25	18
8.º Mangualde	16	9	0	7	25-23	18
9.º Mirense	15	5	5	5	20-18	15
10.º Benf. Castelo Branco	16	6	3	7	17-17	15
11.º União de Lamas	16	7	0	9	21-24	14
12.º Guarda	15	6	1	8	16-25	13
13.º Covilhã	16	6	1	9	17-24	13
14.º Marialvas	16	4	5	7	10-21	13
15.º Oliveirense	16	4	3	9	14-21	11
16.º Oliveira do Bairro	16	2	6	8	12-30	10
17.º Lousanense	16	3	3	10	15-30	9
18.º Peniche	15	2	2	11	8-29	6

Próxima jornada: Oliveira do Bairro - Benfica de Castelo Branco; União de Lamas - Oliveirense; Académico de Viseu - Peniche; Guarda - União de Leiria; Académica de Coimbra - Lousanense; Mirense - Marialvas; Caldas - Mangualde; Salgueiros - Espinho; e Covilhã - Águeda.

Zona Sul

Elvas - Torreense, 1-1; Lusitano de Vila Real de Santo António - Juventude, 0-0; Farense - Portalegrense, 6-0; Alverca - Sintrense, 2-1; Seixal - Olivais e Moscavide, 0-0; Atlético - Estoril, 0-0; Barreirense - Silves, 1-1; Samora Correia - Olhanense, 0-0; e Lusitano de Évora - Louletano, 0-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º FARENSE	16	13	3	0	42-9	29
2.º Louletano	16	10	3	3	27-12	23
3.º Elvas	16	8	5	3	24-13	21
4.º Estoril	16	6	8	2	17-11	20
5.º Alverca	16	8	4	4	25-18	20
6.º Barreirense	15	8	3	4	21-13	19
7.º Lusitano V. Real	16	6	7	3	19-10	19
8.º Juventude	16	7	5	4	17-19	19
9.º Torcense	16	7	4	5	26-16	18
10.º Olhanense	16	7	4	5	22-21	18
11.º Silves	16	4	7	5	17-17	15
12.º Seixal	15	4	6	6	9-20	13
13.º Lusitano	16	3	6	7	22-24	12
14.º Atlético	16	4	2	10	22-27	10
15.º O. e Moscavide	16	2	5	9	14-26	9
16.º Portalegrense	16	2	4	10	14-45	8
17.º Samora Correia	16	1	5	10	9-27	7
18.º Sintrense	16	1	4	11	10-29	6

Próxima jornada: Torreense - Lusitano de Vila Real de Santo António; Juventude - Farense; Portalegrense - Alverca; Sintrense - Seixal; Olivais e Moscavide - Atlético; Estoril - Barreirense; Silves - Samora Correia; Olhanense - Lusitano de Évora; e Louletano - «O Elvas».

III Divisão: equilíbrio em todas as frentes

Série A

Mirandela - Caminha, 2-2; Lanheses - Santa Maria, 3-1; Ponte da Barca - Moreirense, 1-2; Ribeirão - Esposende, 1-3; Maria da Fonte - Delães, 3-0; Amares - Valdevez, 2-2; Prado - Vila Pouca, 2-0; Vieira - Macedo de Cavaleiros, 1-2; e Valpaços - Celoricense, 2-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ESPOSENDE	18	9	8	1	27-13	26
2.º Moreirense	18	9	7	2	23-13	25
3.º Mirandela	18	8	6	4	39-22	22
4.º Delães	18	9	3	6	25-25	21
5.º Amares	18	8	5	5	22-15	21
6.º Caminha	18	8	5	5	23-15	21
7.º Valpaços	18	8	4	6	23-20	20
8.º Santa Maria	18	8	3	7	19-24	19
9.º Maria da Fonte	18	5	9	4	15-12	19
10.º Vieira	18	6	5	7	16-16	18
11.º M. de Cavaleiros	18	7	4	7	23-25	18
12.º Celoricense	18	5	5	8	20-22	15
13.º Ponte da Barca	18	5	5	8	15-18	15
14.º Valdevez	18	2	10	6	15-17	15
15.º Lanheses	18	3	9	6	18-19	15
16.º Prado	18	5	4	9	9-18	14
17.º Ribeirão	18	2	7	9	11-33	11
18.º Vila Pouca	18	3	3	12	12-30	9

Próxima jornada: Celoricense - Mirandela (0-0 na 1.ª volta); Caminha - Lanheses (0-1); Santa Maria - Ponte da Barca (1-0); Moreirense - Ribeirão (0-0); Esposende - Maria da Fonte (1-1); Delães - Amares (0-1); Valdevez - Prado (0-1); Vila Pouca - Vieira (0-1); e Macedo de Cavaleiros - Valpaços (1-1).

Série D

Marinhense - Alcains, 1-1; Ferrel - Naazarenos, 3-2; Marrazes - Estrela de Portalegre, 0-0; Torres Novas - Alcanenense, 1-1; Castelo de Vide - Desportivo de Fátima, 0-4; Alcobaça - Alfeizerense, 1-0; Naval - Bombarralense, 3-1; Sertanense - União de Santarém, 0-0; e Mirandense - União de Tomar (adiado para 4 de Fevereiro).

	J	V	E	D	F-C	P
1.º U. TOMAR	17	12	5	0	28-7	29
2.º Mirandense	17	11	4	2	30-5	26
3.º Naval	18	10	6	2	31-13	26
4.º Fátima	18	9	6	3	33-11	24
5.º U. de Santarém	18	9	3	6	22-11	21
6.º Alcobaça	18	7	7	4	20-13	21
7.º Torres Novas	18	6	6	6	22-23	18
8.º Sertanense	18	4	10	4	16-17	18
9.º Alcanenense	18	4	8	6	17-16	18
10.º Marinhense	18	3	10	5	17-22	16
11.º Alcains	18	4	7	7	20-21	15
12.º E. de Portalegre	18	3	9	6	12-25	15
13.º Nazarenos	18	4	6	8	17-24	14
14.º Bombarralense	17	1	11	5	11-19	13
15.º Castelo de Vide	18	5	3	10	14-28	13
16.º Marrazes	18	3	7	8	11-23	13
17.º Alfeizerense	18	2	7	9	15-29	11
18.º Ferrel	17	5	1	11	14-41	11

Próxima jornada: União de Santarém - Marinhense (2-0 na 1.ª volta); Alcains - Ferrel (1-2); Nazarenos - Marrazes (2-1); Estrela de Portalegre - Mirandense (0-4); União de Tomar - Torres Novas (1-1); Alcanenense - Castelo de Vide (0-1); Desportivo de Fátima - Alcobaça (0-2); Alfeizerense - Naval (2-2); e Bombarralense - Sertanense (2-2).

Série B

Leça - Paredes, 2-2; Sandinenses - Pedrouços, 1-1; Cinfães - Valonguense, 1-1; Amarante - Lourosa, 2-2; Lixa - Lousada, 2-2; Rio Tinto - Paivense, 1-1; Sanjoanense - Valadares, 7-0; Vila Real - Ermesinde, 1-0; e Santa Marta - Régua, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º LOUSADA	18	10	4	4	32-19	24
2.º Paredes	18	9	5	4	33-17	24
3.º Amarante	18	9	8	2	26-11	24
4.º Valonguense	18	8	7	3	23-16	23
5.º Leça	18	8	8	3	23-17	22
6.º Sanjoanense	18	7	3	6	28-21	21
7.º Lourosa	18	9	8	4	18-13	20
8.º Lixa	18	6	6	5	22-15	20
9.º Vila Real	18	7	6	5	27-17	20
10.º Sandinense	18	7	7	5	16-21	19
11.º Pedrouços	18	6	6	6	27-27	18
12.º Ermesinde	18	6	5	7	18-16	17
13.º Régua	18	6	4	8	16-21	16
14.º Cinfães	18	5	5	8	17-32	15
15.º Rio Tinto	18	4	5	9	17-30	13
16.º Valadares	18	1	8	9	12-32	10
17.º Santa Marta	18	3	4	11	14-27	10
18.º Paivense	18	1	6	11	13-31	8

Próxima jornada: Régua - Leça (0-3 na 1.ª volta); Paredes - Sandinense (0-1); Pedrouços - Cinfães (2-3); Valonguense - Amarante (0-0); Lourosa - Lixa (0-1); Lousada - Rio Tinto (4-2); Paivense - Sanjoanense (0-2); Valadares - Vila Real (1-1); e Ermesinde - Santa Marta (1-0).

Série E

Sacavenense - Fanhões, 0-0; Vilafranquense - Portosantense, 2-2; Futebol Benfica - Praiense, 1-1; Odivelas - Cacém, 2-1; Cartaxo - Câmara de Lobos, 3-1; Lusitano dos Açores - Santa Clara, 3-1; Oriental - Fronteirense, 2-1; Borbense - Campomaiorense, 1-0; e União de Almeirim - Loures, 1-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º F. BENFICA	18	9	7	2	26-17	25
2.º Santa Clara	17	9	4	4	30-22	22
3.º U. de Almeirim	18	8	4	6	27-18	20
4.º Oriental	17	8	4	5	22-13	20
5.º Odivelas	18	8	4	6	24-16	20
6.º Campomaiorense	18	8	3	7	21-16	19
7.º Borbense	18	7	5	6	17-15	19
8.º Portosantense	18	6	6	6	21-17	18
9.º Vilafranquense	18	6	6	6	17-15	18
10.º Sacavenense	17	5	8	4	13-12	18
11.º Loures	18	5	8	5	20-22	18
12.º Câmara de Lobos	18	4	8	6	13-16	16
13.º Praiense	18	5	6	7	10-14	16
14.º Fanhões	18	5	6	7	13-18	16
15.º Cartaxo	18	4	7	7	20-28	15
16.º Lusitânia	17	5	4	8	13-17	14
17.º Fronteirense	18	4	5	9	10-19	13
18.º Cacém	18	4	5	9	13-23	13

Próxima jornada: Loures - Sacavenense (1-1 na 1.ª volta); Fanhões - Vila (0-0); Portosantense - Futebol Benfica (1-4); Praiense - Odivelas (1-2); Cacém - Cartaxo (0-2); Câmara de Lobos - Lusitano dos Açores (0-0); Santa Clara - Oriental (0-4); Fronteirense - Borbense (0-1); e Campomaiorense - União de Almeirim (1-1).

Série C

Valecambrense - Alba, 1-2; Gouveia - Oliveirinha, 0-0; Mealhada - Mortágua, 1-1; Anadia - Sabugal, 4-0; Tabuense - União de Coimbra, 1-4; Santacombadense - Luso, 1-0; Argus - Seia, 1-1; Valonguense - Ovarense, 0-0; e Oliveira do Hospital - Estarreja, 2-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º SANTACOMB.	18	14	1	3	17-6	29
2.º Anadia	18	13	2	3	30-11	26
3.º Estarreja	18	8	5	5	21-14	20
4.º Gouveia	18	7	8	4	16-7	20
5.º U. de Coimbra	18	8	6	5	24-13	20
6.º Luso	18	5	8	5	12-10	19
7.º Ovarense	18	7	7	4	20-12	19
8.º Valonguense	18	6	7	5	19-15	19
9.º O. do Hospital	18	6	6	6	13-20	18
10.º Mealhada	18	6	8	4	19-14	16
11.º Argus	18	5	6	7	19-25	15
12.º Oliveirinha	18	5	6	7	16-19	14
13.º Tabuense	18	4	5	9	13-17	13
14.º Mortágua	18	3	8	7	12-10	13
15.º Alba	18	4	6	8	14-17	13
16.º Seia	18	4	4	10	25-27	11
17.º Sabugal	18	3	4	11	15-46	9
18.º Valecambrense	18	3	3	12	12-39	8

Próxima jornada: Estarreja - Valecambrense (0-1 na 1.ª volta); Alba - Gouveia (0-1); Oliveirinha - Mealhada (1-1); Mortágua - Anadia (0-4); Sabugal - Tabuense (0-3); União de Coimbra - Santacombadense (0-1); Luso - Argus (1-1); Seia - Valonguense (1-4); e Ovarense - Oliveira do Hospital (1-1).

Série F

Esperança de Lagos - Leões de Távira, 2-1; Imortal - União de Santiago do Cacém, 1-1; Amora - Moura, 2-0; Estrela de Vendas Novas - Palmelense, 1-2; Quimigal - União de Montemor, 0-1; Beja - Montijo, 0-1; Vasco da Gama - Sesimbra, 1-0; Trafaria - Quarteirense, 2-2; e Almancilense - Caparica, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º MONTIJO	18	11	5	2	38-14	27
2.º Amora	18	12	3	3	32-18	27
3.º Quarteirense	18	10	5	3	39-15	25
4.º Almancilense	18	8	6	4	19-14	22
5.º U. de Santiago	18	9	4	5	38-21	22
6.º Vasco da Gama	18	9	3	6	24-23	21
7.º Moura	18	6	8	4	22-17	20
8.º Quimigal	18	6	8	4	18-16	20
9.º E. de Lagos	18	7	6	5	31-24	20
10.º U. de Montemor	18	9	1	8	29-20	19
11.º Palmelense	18	5	6	7	23-22	16
12.º Beja	18	6	3	9	16-31	15
13.º Imortal	18	4	7	7	27-32	15
14.º Caparica	18	5	4	9	18-30	14
15.º Leões	18	3	7	8	11-16	13
16.º E. Vendas Novas	18	4	4	10	18-32	12
17.º Sesimbra	18	3	3	12	11-31	9
18.º Trafaria	18	0	7	11	16-56	7

Andebol

Supertaça continua na montra

Ainda não foi desta que se decidiu o vencedor da Supertaça Vasco Vasconcelos. Efectivamente, realizada que foi a 2.ª mão desta competição, sábado passado em Loures (Pavilhão Paz e Amizade), tudo ficou por decidir (definitivamente) num 3.º jogo entre os eternos rivais.

Digamos desde já que o que se verificou ao longo destes sessenta minutos foi um equilíbrio evidente, com muita emoção durante toda a partida. Apresentou-se o Sporting ainda mais desfalcado que oito dias antes, com Carlos Silva (operado sexta-feira) e João Xavier (por morte de família) a diminuírem mais um plantel nada famoso em termos de quantidade.

A partida principiou de forma totalmente contrária ao verificado aquando da 1.ª «mão», com os encarnados (desta vez) a entrarem fulgurantemente e a conseguirem 3 golos sem resposta, todos eles por intermédio de Frederik Appelgreen, a aproveitar bem as suas entradas à 2.ª linha atacante. Verificando o mau começo do seu «sete» e aproveitando a 1.ª exclusão do benfiquista Emanuel Pereira, Manuel Brito ordenou que fossem marcados individualmente nada menos que 3 (três!) adversários, a saber: Appelgreen, Covaci e Mário Gentil. E o que é facto é que a ousadia do técnico sportinguista deu os seus frutos, com o empate a ser restabelecido a meio da primeira parte (3-3). A partir daí, os verdes-brancos apostaram até final num 5-1, com Carlos José a não largar um momento o perigosíssimo Bunze (com exibição brilhante na partida da 1.ª mão) e a criarem, com isso, grandes dificuldades ao ataque planeado do Benfica, que

teve sempre no sueco Appelgreen a chave para a resolução desses problemas. Defendendo agressivamente e em profundidade, foi no ataque que os leões encontraram grandes dificuldades devido sobretudo à fraca prestação de Mário Santos, uma sombra do atleta terrivelmente eficaz de oito dias antes. Perante isto, grande problema atacante do Sporting, a apostar sistematicamente nas passagens de 3x3 para 2x4 no seu ataque, com as entradas a 2.º pivot, contrariado com a imediata marcação de Luís Lopes, ao contrário que se encontrasse na posição de lateral-esquerdo. Assim, golo numa baliza e noutra, até 10-10 do final da primeira metade de que importa realçar o seguinte: a excelente capacidade benfiquista para concretizar quando em inferioridade numérica; a excelente prestação de Appelgreen com 6 golos; as desatenções no centro da defesa leonina; a precipitação dos atletas sportinguistas a concretizar quando em superioridade e as boas intervenções do guarda-nuno Silva.

Após o descanso, autêntica entrada de leão, a agregaram 2 tentos de vantagem ao cabo dos 5 minutos iniciais. Sempre no seu sistema com marcação individual a Bunze ou Appelgreen (quando o primeiro se colocava como pivot), os sportinguistas sofreram 4 golos de rajada que colocaram o marcador em 14-12 para o Benfica. Benfica que continuou a apostar no seu 6-0 defensivo, com Rui Ferreira a defender apenas e Covaci a atacar, tendo a desqualificação de Emanuel Pereira (muito cedo), sido um revés para a estratégia montada. 15-15 era o resultado a meio desta 2.ª parte, altura em que Manuel Brito optou por colo-

car o jovem João Fialho a atacar, por troca com Mário Santos que só defendia, face ao seu desacerto atacante. Pois foi este jovem que surpreendeu tudo e todos, resolvendo a ineficácia do ataque de Alvalade ao apontar 4 golos seguidos, com remates variados da posição de lateral-direito e central, que não deram hipóteses nenhuma a José António. Muito mal continuaram os leões nas situações de superioridade numérica, a não marcarem e sofreram golos evitáveis com uma defesa mais concentrada, bem aproveitada pelo atento Paulo Bunze. Peripécias variadas, a darem vantagem mínima aos encarnados (18-19) à entrada dos derradeiros 5 minutos, com os verde-brancos a empatarem logo de seguida. Depois, um lance que poderia ter hipotecado todas as hipóteses dos homens de Alvalade ganharem a Supertaça, com António Costa a não concretizar um contra-ataque perante José António. Mérito total do guarda-redes encarnado que, no consequente contra-ataque, proporcionou o 19.º golo a Mário Gentil a 2 minutos do final da partida. Final esse impróprio para cardíacos: bola na posse da formação comandada por Troffin, Covaci faz falta atacante a minuto e meio; bola nos leões que, com grande nervosismo, vêem o tempo esfumar-se; a 2 segundos do apito final, Dragan, na sequência de um livre, faz o 19-19 com que termina a partida. Situação inversa (tal como o começo) da acontecida oito dias antes, quando foi Appelgreen e empatar a 13 segundos do fim na concretização de um livre de sete metros.

Empate justo, pela forma como se bateram os dois «setes», muito iguais no seu valor. Individualmente, o sueco benfi-

quista deslumbrou os espectadores, bem secundado pelos leões Nuno Silva, António Costa e a grande revelação que dá pelo nome de João Fialho.

Comandou o jogo com sabedoria, aquela que consideramos a melhor dupla portuguesa: Barata Aires e José Francisco não se intimidaram, apitando com acerto e autoridade os seguintes atletas:

BENFICA — João Marques e José António; Appelgreen (9), Paulo Bunze (3), Mário Gentil (2), Luís Lopes (1), Rui Ferreira (1), Emanuel Pereira, Artur Roldan (1) e Covaci (2).

SPORTING: Nuno Silva; João Fialho (4), Luís Pires (3), Carlos José (1), Dragan (2), Tuka (2), António Costa (4) e Mário Santos (3).

Exclusões — Paulo Bunze (2), Artur Roldan e Emanuel Pereira (3), no Benfica; Carlos José e António Costa, no Sporting.

Desqualificado — Emanuel Pereira.

Seleção desilude

A selecção nacional terminou a sua participação no Torneio de Srdika (Bulgária), classificando-se em 4.º lugar tendo somente averbado um triunfo perante a Grécia. A classificação final ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	P
Roménia	5	5	0	0	10
França	5	4	0	1	8
Bulgária	5	3	0	2	4
PORTUGAL	5	1	0	4	2
Grécia	5	1	0	4	2
Balkan	5	1	0	4	2

Jorge Marques



Basquetebolistas do Benfica foram ganhar às Antas

Benfica «encestou» nas Antas

Naturalmente que a grande surpresa da 13.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão foi o triunfo (70-61) averbado pelo Benfica no Pavilhão das Antas frente ao FC Porto. A excelente actuação de Carlos Lisboa (26 pontos) foi o bastante para desequilibrar as forças em confronto e a vitória benfiquista é inquestionável, face à superioridade evidenciada.

Resultados: FC Porto, 61-Benfica, 70; Beira-Mar, 80-Estrelas da Avenida, 69; Sporting, 95-Guifões, 79; Barreirense, 84-Imortal, 85; Ginásio Figueirense, 85-Ovarense, 122; Illiabum, 78-Esgueira, 80.

Após esta ronda a pauta classificativa está assim ordenada: **Classificação:** 1.º, Benfica, 25 pontos; 2.º, Beira-Mar, 23; 3.º, FC Porto, 21; 4.º, Sporting, Ovarense, E. Avenida e Esgueira, 20; 8.º, Imortal, 19; 9.º, Barreirense e Illiabum, 18 e 11.º, Guifões e Ginásio, 15.

Para o nacional da 2.ª Divisão — Zona Norte: Sangalhos-Académico do Porto, 94-71; Galitos-Salesianos, 104-65; Vasco da Gama-Olivais, 76-61 e Desportivo de Leça-FC Gaia, 62-65. Zona Sul: Queluz-Estrela Praia, 98-64; Palmeiras-Atlético, 85-87; TAP-Farense, 61-87; Belenenses-U. Santarém, 108-51; Quimigal-Seixal, 69-122. O Marítimo-Joanita foi adiado.

B R E V E S

Brundle deixa a Brabham

O piloto britânico de Fórmula Um, Martin Brundle rescindiu quinta-feira o seu contrato com a escuderia Brabham para o próximo campeonato mundial.

Brundle, que venceu em 1988 o mundial de protótipos com a Jaguar, afirmou que a Brabham não cumpriu a sua parte do contrato, «deveria conduzir esta época um Brabham, mas a incapacidade da equipa em cumprir os termos do contrato não me deixou alternativa e vou regressar à Jaguar», disse Martin Brundle.

Ciclismo feminino estreia em Portugal

O Primeiro Prémio de Ciclismo «Mulheres Magazine», que assinala a estreia das provas velocipédicas femininas em Portugal, vai realizar-se a 25 de Março, em Lisboa, sob a direcção técnica de Alves Barbosa.

A prova, organizada pela revista «Mulheres Magazine», Federação Portuguesa de Ciclismo e Associação de Ciclismo de Lisboa, vai disputar-se em circuito fechado, com partida e chegada junto ao Mosteiro dos Jerónimos, na distância de 40 quilómetros.

Todas as mulheres adeptas de ciclismo, federadas ou não, e as praticantes de triatlo podem participar neste Primeiro Prémio «Mulheres Magazine».

Sete árbitros dos EUA na FIFA

Nos Estados Unidos, onde o futebol continua a ser uma modalidade desportiva de «segunda classe», a Federação Americana registou no ano passado um total de 38.059 árbitros de futebol, sendo 35.542 no futebol de onze, 645 no futebol de salão, árbitros instrutores 936 e árbitros delegados 936.

Entretanto, são sete os árbitros americanos que conquistaram o direito de serem nomeados internacionais e que a Comissão da FIFA aceitou.

Hóquei em patins

Galitos na crista da onda

Concluídas 11 rondas do Nacional (Académica e Sp. de Tomar têm um encontro em atraso que disputarão na próxima quinta-feira), o Óquei de Barcelos continua na liderança com um ponto de avanço sobre o Benfica (2.º classificado). Na jornada de sábado, os «galitos» tiveram missão bem difícil em Paço de Arcos mas acabaram por regressar a terras minhotas com os três pontos no boral. Diga-se que o Óquei de Barcelos ainda não cedeu qualquer derrota somando 10 triunfos e (apenas) um empate.

Na jornada de sábado e para além do tangencial triunfo dos barcelistas em Paço de Arcos, realce para as goleadas do FC Porto (9-0 no Barreiro frente à Quimigal) do Benfica (8-1 em casa perante a turma bracarense da Grundig) e do Turquel (6-2 em Tomar). Outros destaques vão para o empate averbado pela Oliveirense em Alvalade e para a vitória do Parede, em Valongo.

Vejam os «pontos da situação» — resultados, classificação, jogos da próxima jornada e melhores rematadores:

Resultados: P. Arcos-Barcelos, 4-5; Sanjoanense-Académica de Coimbra, 5-2; Sporting-Oliveirense, 4-4; Benfica-Grundig, 8-1; Tomar-Turquel, 2-6; Valongo-Parede, 4-5 e Quimigal-FC Porto, 0-9.

Golfe

Taça «Glenfiddich» foi para Espanha

Os espanhóis venceram individual e colectivamente, o PRO-AM ibérico em golfe, disputado em Vilamoura por 120 jogadores e organizado pelo Clube Dom Pedro.

O torneio, orçado em mais de 5000 contos, incluiu o primeiro Portugal-Espanha em profissionais (Taça Glenfiddich), também ganhou pelos jogadores de Espanha, e teve o

apoio da Lusotur, Caves Aliança e Casino de Vilamoura.

Na classificação individual entre os profissionais que participaram no PRO-AM ibérico, Manuel Moreno foi o vencedor com o total de 138 pancadas (71-67), sete abaixo do par, e recebeu o prémio de 250 mil escuros.

Manuel Moreno, que foi o segundo classificado no recente open de Portugal, concluiu a segunda volta com 67 pancadas (5 abaixo do par), com 5 «birdies». Na segunda posição ficou Juan Rosa, também de Espanha, com 141 pancadas, depois de obter o melhor resultado do dia, com 65 pancadas (7 abaixo) recebendo o

prémio de 200 mil escuros.

O terceiro classificado foi o português António Dantas (Quinta da Marinha), com 142 pancadas (69-73), que recebeu 150 contos, seguido dos espanhóis Mariano Aparício (72-72) e German Garrido (72-72), ambos com 144 pancadas.

DESPORTO

Rosa Mota: no Japão como na Foz

Ao vencer a Maratona de Osaka, Rosa Mota reafirmou o seu valor e contrariou a deselegância da nossa federação

Já Rosa Mota tinha completado quase uma volta à pista do Estádio de Nagai e cortado a linha de chegada da Maratona Feminina Internacional de Osaka quando a segunda classificada, a japonesa Katuyo Hyoudou, apareceu no estádio.

A atleta portuguesa, que comandou a prova do princípio ao fim, gastando 2.27.47 horas para cumprir o percurso, deixou Hyoudou a 1.49 minutos, com Valentina Egorova, da União Soviética, a classificar-se na terceira posição, com o tempo de 2.29.47 horas.

A campeã olímpica de Seul foi recebida no Estádio de Nagai com uma enorme ovação e gritos de «Rosa, Rosa», tendo dito momentos após a vitória, que o público japonês, com o enorme carinho que me tem dedicado, merecia que eu voltasse a Osaka para apagar a memória do ano passado.

Na edição de 1989 da Maratona de Osaka, Rosa Mota viu-se obrigada a abandonar a prova ao 27.º quilómetro, com uma câibra na perna direita.

A história da Maratona Feminina Internacional de Osaka de 1990 foi a história do domínio absoluto e incontestado da atleta portuguesa, considerada a grande favorita, com o terceiro melhor tempo mundial da modalidade (2.23.36 horas).

Antes da corrida, as previsões indicavam a italiana Laura Fogli e a polaca Renata Kowalska como as mais sérias adversárias de Rosa Mota, previsões que não se confirmaram, com a atleta polaca a classificar-se em 10.º lugar, com o tempo de 2.34.07 horas, e a italiana a não conseguir um lugar entre as 10 primeiras.

O favoritismo e o significado especial de Rosa Mota para os japoneses foi especialmente evidente nos momentos que antecederam a partida, enquanto as atletas faziam exercício de aquecimento na pista do Estádio de Nagai.

A portuguesa foi a atleta mais filmada pela Kansai Telecasting Corp, que fez a transmissão directa da Maratona para todo o Japão, sendo também a única atleta estrangeira que o público reconhecia, aplaudindo-a a cada passagem mais próxima das bancadas.

Entretanto, comentando o desenvolvimento da corrida, que reuniu 357 atletas, 16 das quais convidadas estrangeiras, o treinador José Pedrosa disse que «Rosa controlou a corrida bastante bem, fez uma prova normal, com um tempo razoável, sem ter que responder a ataques das outras concorrentes».

A edição de 1990 da Maratona de Osaka, que data de 1909, foi a sétima prova em que Rosa Mota participou no Japão, sendo a sua décima primeira vitória em 16 competições.

Rita Borralho, que obteve um nono lugar em Osaka em 1987 esteve também este ano na cidade japonesa, desta vez não como concorrente, mas como treinadora da brasileira Janete Mayal.

O atletismo português no Japão, tendo em Rosa Mota, que venceu no passado dia 14, em Omura, uma prova de 10 mil metros, e em Outubro de 1989 a primeira Meia-Maratona de Tóquio, o seu representante maior, contou também com a vitória de Manuel Matias na Maratona Internacional de Fukuoka, em Dezembro último.

Ainda em 1989, em Novembro, Aurora Cunha e Conceição



Rosa Mota voltou a brilhar no Japão

ção Ferreira, obtiveram os segundo e terceiro lugares, respectivamente, na XI Maratona Internacional de Tóquio.

Resultados das 5 primeiras na Maratona Feminina de

Osaka: 1.ª, Rosa Mota, Portugal, 2.27.47; 2.ª, Katuyo Hyoudou, Japão, 2.29.36; 3.ª, Valentina Egorova, URSS, 2.29.47; 4.ª, Mitsuyo Yoshida, Japão, 2.30.25; 5.ª, Birgit

Stephan, RDA, 2.32.32.

Federação acusa Rosa Mota

A Federação Portuguesa de Atletismo informou a sua congénere japonesa de que Rosa Mota, que venceu não era elegível para a prova segundo regulamentos internacionais.

O telex, dirigido à Federação Japonesa de Atletismo Amador, com conhecimento da organização da maratona, chegou a Osaka na madrugada de sexta-feira (hora local), referindo que Rosa Mota «não está de momento registada na Federação Portuguesa de Atletismo, não se encontrando por isso sob a sua jurisdição». «Consideramos que a atleta não se encontra abrangida pelas normas da Federação Internacional de Atletismo Amador», adianta o telex.

O treinador de Rosa Mota, José Pedrosa, disse, entretanto, à agência Lusa, que o envio do telex «foi uma atitude extremamente deselegante da Federação Portuguesa de Atletismo que agora não se pode esperar se os atletas tomarem atitudes do mesmo género».

Castros em Amorebieta

Os gémeos Castro e a campeã francesa, Annette Sergent, confirmaram a presença no «Crosse Amorebieta», que decorrerá dia 11 de Fevereiro nos arredores de Madrid.

Na 31.ª edição desta prova, a organização conseguiu aumentar o orçamento de dez para quinze milhões de pesetas (cerca de 20 mil contos) de forma a ampliar o leque de participantes com categoria internacional.

A grande aposta dos organizadores é tornar a pequena localidade de Amorebieta sede do Mundial de Crosse para 1992.

Riscado «alista-se» no «Maratona»

António Riscado, que tem dominado a categoria de veteranos das corridas de meio-fundo e fundo, assinou contrato com o Maratona Clube de Portugal, revelou o presidente do clube, Carlos Moia.

Sendo um ex-individual, Riscado, de 40 anos, é especialista nas distâncias de 10 000 metros, meia-maratona e maratona, tendo ganho recentemente a categoria de veteranos dos 10 quilómetros das Bermudas e da meia-maratona espanhola de Sevilha.

Frias vence em Loures

Avelino Frias, do Sporting, foi o vencedor da X edição da corrida pedestre «Dezoito Quilómetros de Odivelas - Loures - Odivelas», no escalão sénior, com o tempo de 54.03 minutos.

Os vencedores dos restantes escalões da prova, organizada pelo Clube de Desporto Popular de Odivelas, foram os seguintes: **juniores, masculinos:** Rui Silva, do Juventude Castanheira (58.55 minutos); **seniores, femininos:** Lucília Soares, do Benfica (1.04.24 horas); **juniores, femininos:** Carolina Canhão, Clube Atlético Vale de Figueira (1.28.45 horas); **José Amador, Manuel Silva e Armando Aldegalega.**

Automobilismo

Joaquim Santos vence o «Sopete»

Não poderia ter começado de forma mais auspiciosa o Troféu Renault Galp de ralis, iniciativa que deixa desde já antever a continuação do papel relevante que a marca francesa tem tido nos ralis nacionais.

Na verdade, numa prova que não teve qualquer discussão em termos de primeiro lugar da geral, tal a superioridade de Joaquim Santos-Miguel Oliveira, os pequenos e rápidos R5 GT Turbo deram mais uma noção da sua competitividade, ao discutirem não só as primeiras posições do agrupamento de Produção, como ainda ocuparem os lugares cimeiros da geral.

Para mais, a prova organizada pelo Targa Clube foi disputada sob condições climáticas extremamente difíceis, pois a chuva fustigou a caravana durante todo o dia. E foi

sobre pisos muito escorregadios que os Renault 5 GT Turbo deram um verdadeiro recital da sua capacidade, batendo sistematicamente carros muito mais potentes.

Em termos individuais, duas equipas merecem uma saliência muito particular: primeiro foi Bento Amaral-Mário Feio a fazer recair sobre si as atenções gerais, terminando a primeira secção no comando do Grupo N com 31 segundos de avanço sobre o segundo classificado à chegada a Arcos de Valdevez; depois foi José Carlos Macedo-Miguel Borges que discutiram até ao último momento a vitória no agrupamento de Produção, logrando verdadeiros prodígios num terreno escorregadio com o seu Renault 5 GT Turbo de apenas duas horas

concorrentes de tracção às quatro rodas.

Mas outros pilotos estiveram em excelente plano, caso de António Cardeano, Manuel Rolo e Vasco Campos, com este último a poder lamentar-se do tempo que lhe foi imposto regularmente, quando da interrupção da segunda passagem pelo troço de Arga, depois do despiste de Jorge Pontes, que obrigou à hospitalização de uma espectadora.

Alinharam 51 concorrentes dos 60 inscritos, sendo a principal ausência a de António Coutinho/Cândido Júnior, uma vez que o Toyota Celica GT-Four ainda não estava totalmente preparado.

Joaquim Santos dominou o rali desde a classificativa de abertura, nunca sendo incomodado pelos seus principais adversários, que acabaram



J. Carlos Macedo: líder do Troféu Renault

mesmo por ficar pelo caminho: Carlos Bica com problemas de transmissão e José Miguel por ter partido o turbo.

Classificação final: 1.º, Joaquim Santos-Miguel Oliveira,

Ford Sierra Cosworth, 2h13m46s; 2.º, Fernando Peres-João Batista, Ford Sierra Cosworth, a 7m02s; 3.º, José Carlos Macedo-Miguel Borges, Renault 5 GT Turbo,

a 7m48s; 4.º, Ramiro Fernandes-Cruz Monteiro, Lancia Delta 4WD, a 9m04s; 5.º, António Cardeano-Manuel Tavares, Renault 5 GT Turbo, a 10m42s; 6.º, Adruzilo Lopes-Luís Lisboa, Mazda 323 4WD, a 11m02s; 7.º, Manuel Rolo-António Cardoso, Renault 5 GT Turbo, a 11m22s; 8.º, Vasco Campos-Armando Veiga, Renault 5 GT Turbo, a 11m28s; 9.º, Rui Lages-António Araújo, Renault 5 GT Turbo, a 14m25s; 10.º, David Rodrigues-António Vasconcelos, Renault 5 GT Turbo, a 14m25s.

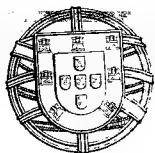
Classificação do Troféu Renault Galp: 1.º, José Carlos Macedo, 40 pontos; 2.º, António Cardeano, 31; 3.º, Manuel Rolo, 23; 4.º, Vasco Campos, 19; 5.º, Jorge Cunha, 12; 6.º, Helder Valente, 10; 8.º, Rui Choças, 9.

AGENDA

I Série
Dia 29 de Janeiro

N.º 24

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministérios das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 67/90:

Altera o quadro de pessoal do Hospital Distrital de Guimarães. Revoga a Portaria n.º 771/89, de 6 de Setembro.

Portaria n.º 68/90:

Altera o quadro de pessoal do Hospital de Santa Maria (pessoal técnico de diagnóstico e terapêutica).

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 6/90:

Estabelece que sejam reclassificados os funcionários da carreira técnica superior do Instituto Nacional de Investigação das Pescas (INIP) que se encontrem a desempenhar há mais de três anos funções de investigação e desenvolvimento.

Ministério da Indústria e Energia

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério da Indústria e Energia no montante de 81 371 contos.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 69/90:

Aprova o modelo de certificado de lotação de segurança para as embarcações de comércio do tráfego local e auxiliares.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 70/90:

Cria, nas Escolas Técnicas dos Serviços de Saúde de Coimbra, de Lisboa e do Porto, o curso de técnico de higiene e saúde ambiental.

Portaria n.º 71/90:

Cria, no Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, o Centro de Estudos do Medicamento.

Portaria n.º 72/90:

Dá nova redacção ao ponto 2.º da Portaria n.º 765/78, de 23 de Dezembro (prescrição de medicamentos pelos odontologistas).

Região Autónoma da Madeira
Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 5/90/M:

Estabelece as taxas do imposto de consumo sobre os cigarros produzidos e consumidos na Região Autónoma da Madeira.

I Série
Dia 27 de Janeiro

N.º 23

SUMÁRIO

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 66/90:

Aprova o Estatuto do Pessoal do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Região Autónoma dos Açores
Assembleia Legislativa RegionalResolução da Assembleia Legislativa Regional n.º 1/90/A:
Aprova as alterações aos programas do Plano para 1989.

EUROTESTE MARKETING E OPINIÃO S.A.

Cont. N.º 502 113 332

Capital Social Esc: 25 000 000

Matric. Cons. Reg. Com. Lisboa N.º 368-Fls. 186-Livro 0-1

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL
CONVOCATÓRIA

Nos termos legais e estatutários, convoca-se a Assembleia Geral Anual desta Sociedade para reunir no dia 15 de Março de 1990, pelas 16 horas, na sua sede social, situada na Av. Eng.º Arantes e Oliveira, n.º 5 S/L E em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

a) Deliberar sobre o relatório de gestão e as contas do exercício findo em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove.

b) Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados.

c) Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da Sociedade.

Os senhores accionistas devem obedecer aos requisitos consignados nos termos dos artigos décimo primeiro e décimo segundo dos Estatutos, para a participação e exercício ao direito ao voto.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Ignacio Butiñá Jimenez

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: - Céu pouco nublado tornando-se muito nublado a partir da madrugada. Vento fraco a moderado de Sudoeste, tornando-se por vezes forte. Períodos de chuva a partir da manhã. Pequena subida da temperatura mínima.

Regiões do Sul: - Céu pouco nublado tornando-se muito nublado para a tarde. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Formação de geada durante a madrugada. Períodos de chuva fraca durante a madrugada.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 4 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento do quadrante Oeste, fraco a moderado.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado a de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: - Céu geralmente muito nublado. Vento Oeste moderado com rajadas. Aguaceiros.

Grupo Oriental: - Céu muito nublado. Vento Sudoeste moderado com rajadas, rodando para Oeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 4 a 6 metros.

AMANHÃ

No Continente:

Regiões do Norte e Centro: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste, por vezes com rajadas. Períodos de chuva, especialmente durante a manhã.

Regiões do Sul: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Sudoeste.

Em todo o território: - Subida da temperatura mínima.

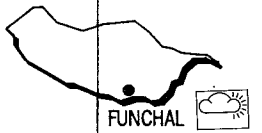
Depois

No continente:

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Oeste, por vezes com rajadas. Períodos de chuva nas regiões do Norte e Centro

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

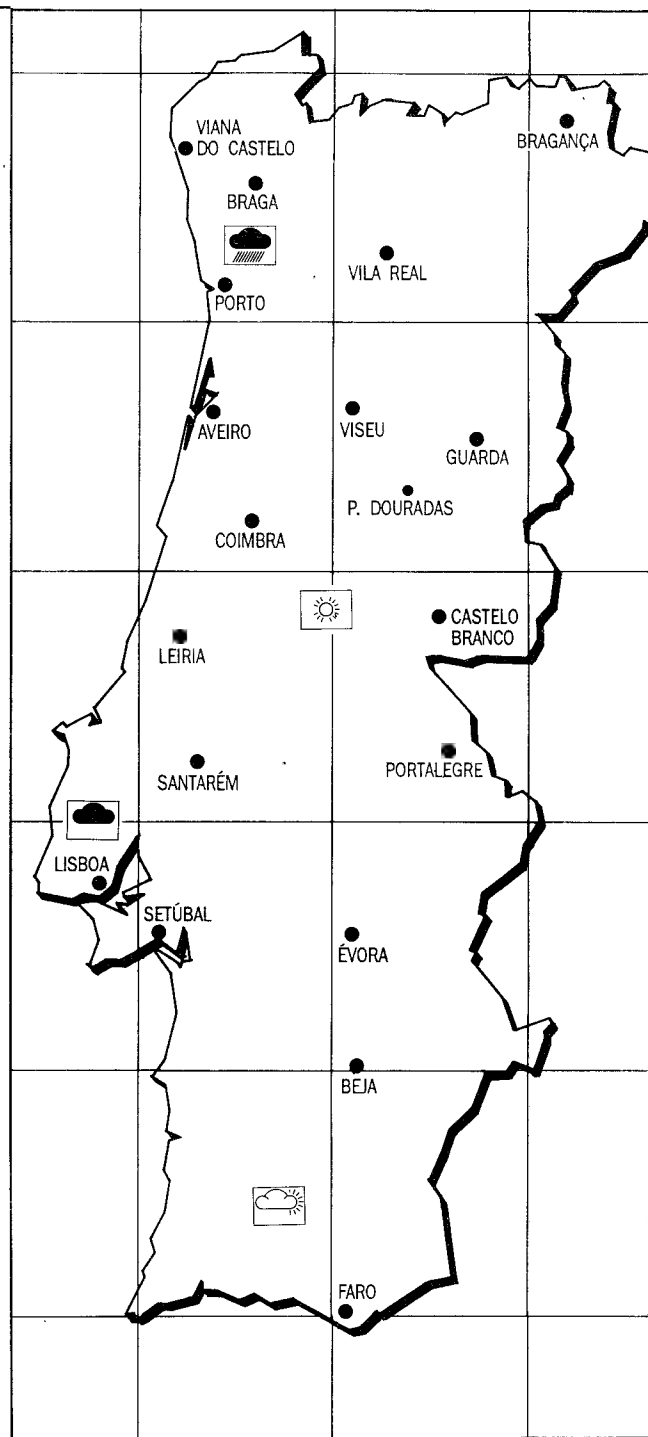
MARE S

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.40 4,0m	10.23 0,5m
17.02 3,8m	22.35 0,6m

Amanhã

05.16 4,0m	11.02 0,6m
17.39 3,7m	23.16 0,7m



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Bragança.....	1	2	M. nub.
V. Castelo.....	7	9	Encoberto
Vila Real.....	2	3	M. nub.
Porto.....	6	9	M. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	4	6	M. nub.
C. Carvoeiro.....	12	13	M. nub.
C. Branco.....	3	4	Limpo
Portalegre.....	4	4	Limpo
Lisboa.....	7	11	M. nub.
Évora.....	4	4	Limpo
Beja.....	4	5	P. nub.
Sines.....	8	11	P. nub.
Faro.....	4	4	Limpo
Sagres.....	10	13	Limpo
P. Delgada.....	10	14	M. nub.
Horta.....	13	13	P. nub.
Funchal.....	10	11	P. nub.

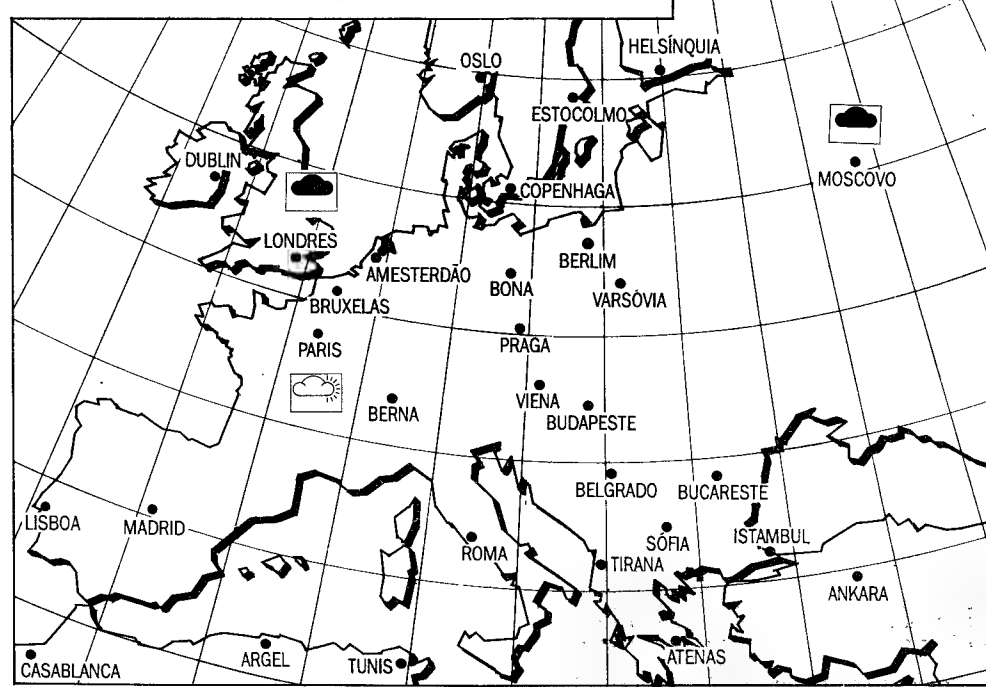
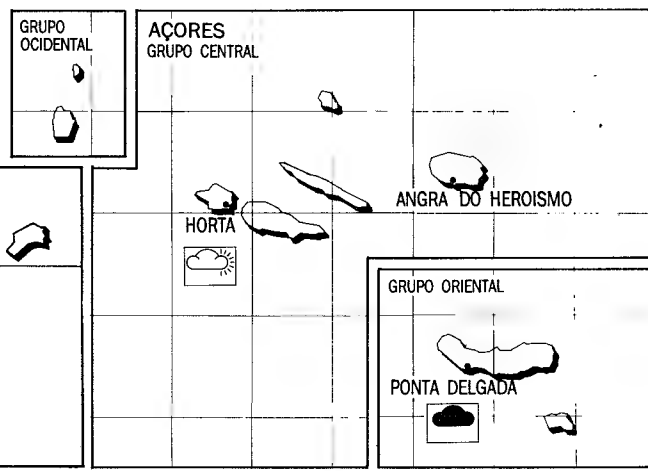
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 14; Faro, 15; P. Delgada, 16; Funchal, 17.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid.....	-2	-2	Limpo
Londres.....	3	7	Encoberto
Paris.....	1	2	P. nub.
Bruxelas.....	4	4	P. nub.
Amsterdão.....	4	4	Nebolina
Genebra.....	0	1	Nevoeiro
Roma.....	14	14	Encoberto
Oslo.....	1	1	M. nub.
Copenhaga.....	4	4	M. nub.
Estocolmo.....	2	4	Chuva
Berlim.....	5	5	M. nub.
Viena.....	2	6	M. nub.
Varsóvia.....	3	4	Chuva
Atenas.....	12	12	Nebolina
Moscovo.....	-1	-1	Nebolina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	-4	4	Limpo
Houston.....	9	15	Aguaceiros
Los Angeles.....	8	22	Limpo
Montreal.....	-10	-2	M. nub.
Nova Iorque.....	2	5	Chuva
S. Francisco.....	5	17	Limpo
Toronto.....	-5	2	Neve
Vancouver.....	2	6	Chuva
Washington.....	1	5	Chuva
Hong Kong.....	12	17	Chuva
Melbourne.....	16	28	Limpo
Pequim.....	-9	-4	Limpo
Perth.....	20	27	Chuvisco
Singapura.....	24	31	Trovoada
Sydney.....	20	27	P. nub.
Tóquio.....	2	7	Chuva
Wellington.....	13	20	Chuva



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alto Santo Amaro: Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada a Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantina, 16, 98-B, Tel. 688807; **Campo Pequeno - Apolo 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10 - Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq., Tel. 7588727; **Olivais Sul:** Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Rato:** D. João V, Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; **São Vicente:** Rosa & Viegas, Rua São Vicente, 31-37, Tel. 864351; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E-36-B, Tel. 970660; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Letão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alvalade - Pote de Água: Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5 A-B, Tel. 890131; **Amoreiras - Campolide:** Pinto, Rua

Campolide, 11, Tel. 682610; **Anjos:** Góis, Rua dos Anjos, 12-12 D, Tel. 8140101; **Areiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Baixa:** Teixeira Lopes, Rua do Ouro, 154, Tel. 324816; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; **D. Carlos I:** Lys, Rua da Esperança, 17-19, Tel. 660913; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55; **Sete Rios:** Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto**

Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Caxias:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A, Tel. 2432839. Até às 22 h; **Carcavilos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Do Junheiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sas-soeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Permanente; **Central:** Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50 - GE, Tel. 4377619. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José

Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins - Algueirão:** Vitor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Clarro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA
BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Manuel Nobre, 44, Tel. 20721141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Vale de Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, R. General Humberto Carneiro, 16-C, Tel. 2243729. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007. Até às 22 h; **Montijo:** Borges Cruz, R. Angola, 19, Tel. 2301853. Até às 22 h;

HÁ 20 ANOS



A indústria queixa-se dos portos e dos comboios

A indústria queixa-se das insuficiências dos portos e dos transportes ferroviários. E também, mas em menor escala, de dificuldades no transporte rodoviário. A situação foi sintetizada num relatório da Corporação da Indústria, que data de Março de 1966, mas que aquele organismo, em comunicação hoje apresentada ao Colóquio Nacional de Transportes, indica «ter verificado que na quase totalidade dos sectores, os problemas se mantêm, uma vez que não foram tomadas até ao presente as medidas convenientes para os resolver.»

Mil e 800 aves expostas em Lisboa

Cerca de 1800 aves canoras e ornamentais, de 300 variedades, estão desde hoje expostas no pavilhão da FIL, à Junqueira, onde o Chefe de Estado, acompanhado pelo secretário de Estado da Agricultura, inaugurou, de manhã, as Jornadas Avícolas de 1970 - Exposição Mundial de Aves.

Roman Polanski - «Papillon» no cinema

«Papillon», o romance autobiográfico do antigo condenado Henri Charrière, que há oito meses para cá é o livro mais vendido em França, vai ser adaptado ao cinema por Roman Polanski.

EFEMÉRIDES

1825

É fundada a Faculdade de Medicina do Porto.

1923

O Papa Pio XI proclama S. Francisco de Sales patrono dos jornalistas.

1978

É fundada a União de Esquerda para a Democracia Socialista (UEDS).

1984

Dois nacionalistas bascos, disparando à queima-roupa, abatem em Madrid o tenente-general Guillermo Quintana, antigo chefe da região militar da capital espanhola.

1985

Um delegado do Ministério Público pede, em Varsóvia, a pena de morte para o capitão da polícia secreta Grzegorz Piotrowski, acusado de ter organizado e dirigido o rapto e assassinio do padre Popieluszek.

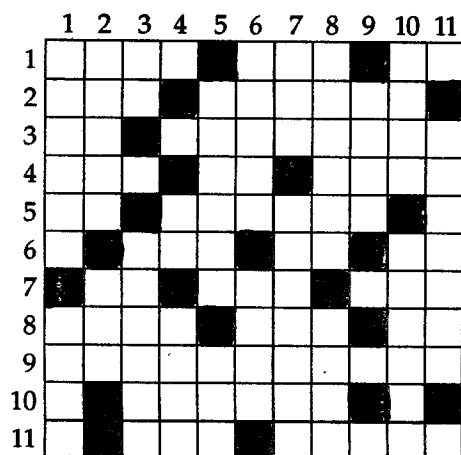
1988

A conferência nacional do Partido Comunista Búlgaro aprova um pacote de reformas de estilo soviético, que poderá limitar a duração dos cargos dos funcionários do partido.

1989

A estação interplanetária «Phobos» entra na órbita do planeta Marte, depois de ter viajado 470 milhões de quilómetros, tornando-se no primeiro satélite artificial a entrar na órbita do «planeta vermelho».

PALAVRAS CRUZADAS

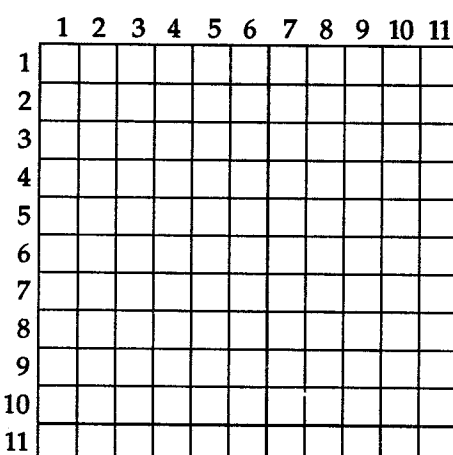


PROBLEMA N.º 17846

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- 1 - Aquele que. Costa muito de. Alternativa.
- 2 - Reino. República federativa e o maior Estado da América meridional.
- 3 - Segundo. Peça de pano suspensa para adornar ou resguardar qualquer coisa (pl.).
- 4 - Fútil. Sódio (s.q.). Molestia.
- 5 - Porco.
- 6 - Artigo. Reis. Utensílio doméstico.
- 7 - Mil e cinquenta em romano. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Cidade da Ucrânia.
- 8 - Valente guerreiro, companheiro de lutas de D. Afonso Henriques. Cinquenta e seis em romano. Batráquio.
- 9 - Publicações.
- 10 - Averiguara.
- 11 - Artigo definido. Dê mico. Equipes.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16656

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- 1 - Entre os Caldeus, o quinto mês. Comida de rancho de marinheiros (Bras.). Nota musical.
- 2 - Faz doação. Espaço de doze meses. Óxido de cálcio.
- 3 - Montão. Antiga moeda de Ormuz.
- 4 - Desejamos ardentemente.
- 5 - Chiste. Vi. Membro de ave.
- 6 - Desmontar.
- 7 - Vinho de maçãs. Poente.
- 8 - Patrão. Zombarás.
- 9 - Rádio (s.q.). Ósis. Arsénio (s.q.).
- 10 - Albergar por esmola. Dá sinal.
- 11 - Conjunção. Freguesia do concelho de Belmonte.

- 1 - Imposto aduaneiro que, nas Novas Conquistas (ex Ind. Port.), se pagava sobre bambus, lenha, etc. Curar.
- 2 - Espécie de boné sem pala, redondo e largo.
- 3 - Que tem cor ou sabor de mel. Prefixo de negação.
- 4 - Alumínio (s.q.). Fileira.
- 5 - Concede. Baterias as asas.
- 6 - Reunir. Distar.
- 7 - Boro (s.q.). Grande quantidade. Antes de Cristo.
- 8 - Apellido. Sepultura.
- 9 - Município (pl.). Caminhar.
- 10 - Lugares. Ave da família dos láridas.
- 11 - Desenrugado. Pequeno símio do Brasil.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 17846

HORIZONTAIS: 1 - CADA. QUAL. 2 - Ama. Suaram. 3 - Parreiras. 4 - ED. Lu. MCIL. 5 - Loas. Ateara. 6 - Ir. Covos. Ra. 7 - Na. Ofir. Cão. 8 - Asilos. De. 9 - ER. Cans. Im. 10 - Noemi. Tição. 11 - Osseo. Os. Rs.

VERTICAIS: 1 - Capelins. NO. 2 - Amadora. Eos. 3 - Dar. Ares. 4 - Riscos. Me. 5 - MEU. OFÍCIO. 6 - Qui. Ávila. 7 - Rau. Toronto. 8 - Arames. Sais. 9 - Lasca. 10 - Irradiar. 11 - Flaseemos.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 16656

HORIZONTAIS: 1 - Burro. Velho. 2 - Ódio. Eia! Al. 3 - Rama. No. Ro. 4 - Dias. Sliven. 5 - Piam. 6 - Irás. Nial. 7 - Remotos. Aar. 8 - AC. Ba. Como. 9 - Ecarias. Um. 10 - Abatida. Não. 11 - Mel. Marrais.

VERTICAIS: 1 - Borda. Am. 2 - Uda. Recebe. 3 - Rimaram. Cal. 4 - Roas. Sobat. 5 - Tarim. 6 - Ensino. Ida. 7 - Violais. Aar. 8 - Ea. Ira. Cs. 9 - Valão. Na. 10 - Harém. Amuai. 11 - Olon. Cromos.

PROVÉRBIO:
CADA QUAL
NO SEU OFÍCIO.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
OS REIS DA NOITE

Filme de Eddie Murphy c/ Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shopping Center de Lisboa

Telef. 691275
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
HOMEM APAIXONADO

Filme de Diane Kurys c/ Greta

Scachi e Peter Coyote
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SOMBRA DO ASSASSINO

Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.



CINEMA Paradiso

SOVEREIGN

Cinema Paraíso
Em exibição na sala 4 Quarteto Filme qualidade M/12 anos

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15
Telef. 324194
IRMÃOS DE FOGO
Filme de George Bloom c/Todd Allen e Dedee Pfeiffer
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer
A SENHA DO GOZO
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO AO LUAR
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
FUGA SANGRENTA
Filme de Ferdinand Fairfax c/ John Thomas
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA

Telef. 9434762
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
PERIGOSA SEDUÇÃO

Com Al Pacino e Elen Barkin
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA
PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
SHADOWS/1959
De John Cassavetes c/Lelia Goldoni e Dennis Sallis, às 18.30 horas.
STANGER THAN PARADISE
De Jim Jarmush c/John Lurie e Eszter Balint, às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
VEREDICTO FINAL
Maires de 16 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
OS BRAVOS DA POLÍCIA
Filme de Beau Bridges c/ Beau Bridges e Sulba Smith
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica.503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

VEREDICTO FINAL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñel
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
PELOTÃO DO MASSACRE
C/Richard Hatch e Tony Marsina
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
ABSOLUTAMENTE LOUCOS
C/Jeff Goldblum e Geena Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

VEREDICTO FINAL
De Joseph Ruben c/James Woods e Robert D., Jr.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE Oeiras
ANÚNCIO

2.º JUÍZO 2.ª SECÇÃO

FAZ-SE SABER que nos autos de Habilitação de Herdeiros n.º 82-A/86, em que é requerente MARIA CELESTE MARQUES RIBEIRO CHAMBELE e requeridos Máximo Júlio Fernandes dos Santos, Ernesto dos Santos e Mary Christine dos Santos Nasti e OUTROS, residentes em parte incerta, com última residência conhecida na Rua Francisco Franco, Lote 358-7.º B, Dt.º em Lisboa, ficam aqueles citados para em OITO DIAS, contestarem querendo, finda a dilatação de TRINTA DIAS, contados a partir da segunda e última publicação do anúncio, sob pena dos citados virem a ser julgados sucessores do falecido Manuel dos Santos, para com eles prosseguir a causa principal, encontrando-se os duplicados na Secretaria deste Tribunal.

Oeiras, 19 de Janeiro de 1990.

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
O Escrivão Adjunto
(assinatura ilegível)

DL 29/1/90 - 1.ª Pub



«O Processo do Rei», em exibição no Auditório 2 do Forum Picoas

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30

★ DOMINGO, 17H ★ FOLGA - 4.ª FEIRA

TEXTO: NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA
MÚSICA: JOSE MARIO BRANCO

A PECORA

«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»

APÓIOS: PUBLICIDADE DE Oeiras - FRAC - CAMELEIRO, CLEY - RÁDIO COMERCIAL - ANTENA 90
PRACA DE ESPANHA T.726 0818

CARTAZ

R. Martens Ferrão
Telef. 538743
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
MULHERES TARADAS POR ANIMAIS
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144

OS REIS DA NOITE
C/Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

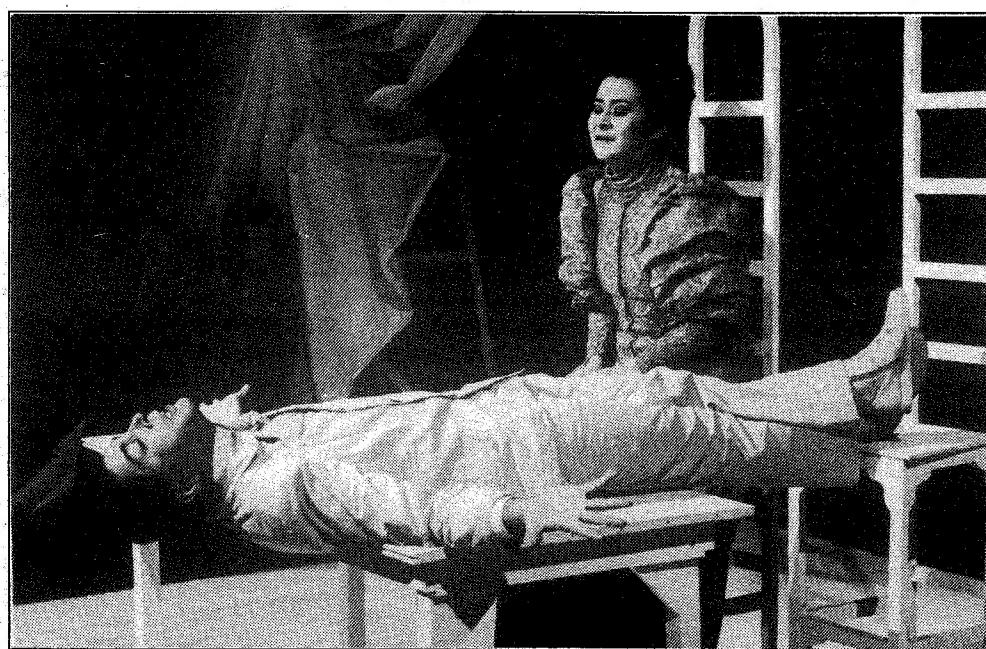
7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos.



«A Pécora», em cena no Teatro da Comuna

Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
O ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
Maiores de 18 anos.
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA
AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas

SALA 2
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CÓDIGO COBRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas

CASCAIS
OIRAS
ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759

OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CINEMA PARAÍSO

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
FÚRIA CEGA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS
MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Telef. 2865027
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30; Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas

ALMADA

ALMADA
ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

perspectivas
da
Música
de
Câmara

concertos vocais

meio-soprano Marina Ferreira
piano Nuno Vieira de Almeida

obras
de

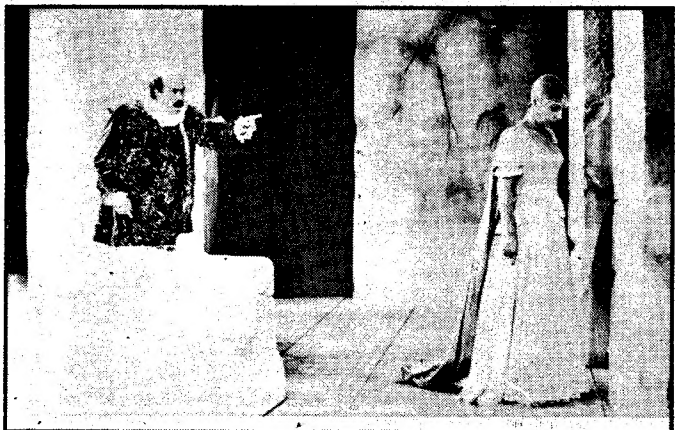
F. Schubert, H. Wolf e
R. Wagner

JANEIRO

31

Quarta-feira, 21h30

A RAINHA APRESENTA



ARLEQUIM
POLIDO PELO AMOR
de MARIVAUX

ÉVORA
TEATRO GARCIA DE RESENDE

De 26 a 31 no Porto
no Teatro Carlos Alberto às 21.30 h.

Apoios: **DESTINFOR** **Radio Comercial** **O Primeiro de Janeiro** **Região das Caldas** **o jornal** **CAPITAL**



CARTAZ

TEATRO
LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas
A PÉCORA, de Natália Correia. Encenação de João Mota. Interpretações de Manuela de Freitas, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro entre outros.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: a exposição "Joias de Ana Campos" e "As Bandeiras do Mês - Portugal Dinamarca". Até



«Pintura 1990» de José Drummond, na Galeria Monumental até 25 de Fevereiro

Abril, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa"
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amsterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile,

constituída por algumas dezenas de obras contemporâneas, representativas das novas correntes artísticas daqueles países e em que estão representados os principais artistas sul-americanos; até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Coleção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.
PALÁCIO FOZ: até 2 de

Fevereiro, uma exposição fotográfica sobre a etnografia angolana do cneasta António de Sousa.
GALERIA MONUMENTAL (Cº dos Mártires da Pátria, 101): até 25 de Fevereiro, de terça a domingo das 15 às 20 horas, Pintura de José Drummond.
LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2 B): até 3 de Março, de terça a sábado das 15 às 19,30, "Labirintos" - desenhos a tinta da China de Rosa Almeida.

RÁDIO
ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abriço

Onda Média e FM Estéreo

17.00: Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** O Som dos Negócios; **21.30:** Imaginário. Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

16.21: Música Sinfónica - gravação histórica; **17.00:** Solos de piano de Sergei Rachmaninov; **17.20:** Nascimento de Frederick Delius; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart, pelo Quarteto Italiano; **19.30:** Album Musical - Obras de Mascagni, Cherubini, Pergolesi, Rachmaninov, Vivaldi, Puccini, Beethoven e Rossini;

20.40: Esta Madrugada no Dois; **21.00:** O Requiem de Hector Berlioz; **22.34:** Solos de guitarra de Albeniz e Torroba por Andrés Segovia; **23.00:** Os Anos 80 - Nesta emissão, escutaremos «Concerto para Orgão» e «Gloria» de Poulenc, de quem escutaremos ainda uma breve declaração; **00.00:** Concerto da Noite. Obras de Joseph Haydn, Richard Strauss e Claude Debussy; **01.25:** O cravista Gustav Leonhardt interpreta duas partidas de Johann Sebastian Bach; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

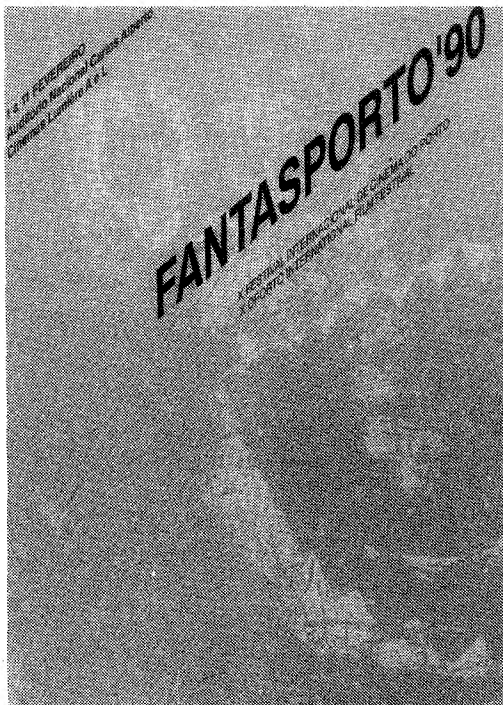
RÁDIO
COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor.



10 ANOS
FANTASPORTO

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO

DIA 1/2 QUINTA-FEIRA
21.30 - SESSÃO OFICIAL DE ABERTURA
TUMMY TROUBLE - ROGER RABBIT (C.M.)
leg. port. - AE - m/ 12 anos
HONEY, I SHRUNK THE KIDS - Joe Johnston (EUA)
leg. port. - AE - m/ 12 anos
24.00 - O FILME DA DÉCADA
BLADE RUNNER - Ridley Scott (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
14.15 - OS 101 DALMATAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 - A CASA ENCANTADA - Alfred Hitchcock (EUA)
leg. port. - RSC - m/ 12 anos
18.00 - LETHAL FIRM - Suzanne Osten (Suécia)
v.o. ing. - C - m/ 12 anos
20.00 - MASSACRE NO TEXAS - Tobe Hooper (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
22.00 - LIVING DOLL - Peter Litten e George Dugdale (Grã-Bretanha)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
24.00 - ROBOJOX - Stuart Gordon (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01.45 - LEATHERFACE - Dwight Little (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 3/2 SÁBADO
14.15 - BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 - GHOST TOWN - Richard Donner (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
18.00 - PUPPET MASTER - David Schmoeller (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
20.00 - NIGHTMARE - Vários realizadores (EUA)
leg. port. - G - m/ 16 anos
22.00 - LA VOUVRE - Georges Wilson (França)
v.o. fran. - C - m/ 12 anos
24.00 - PRISON - Renny Harlin (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01.45 - NIGHTMARE ON ELM STREET PART 5 - THE DREAMCHILD
Stephen Hopkins (EUA) v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 4/2 DOMINGO
14.15 - ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 - LA LUNA NEGRA - Imanol Uribe (Esp.)
v.o. espanhol. - C - m/ 16 anos
18.00 - O MONGE NEGRO - Ivan Dikovichni (URSS)
leg. port. - CAE - m/ 12 anos
20.00 - EVIL DEAD 2 - Sam Raimi (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
22.00 - CLOWNHOUSE - Victor Salva (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 18 anos
24.00 - HOUSE 3 - HORROR SHOW - James Isaac (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
14.15 - DUMBO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 - ALCHEMIA - Jacek Koprowski (Polónia)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
18.00 - RABID GRANNIES - Emmanuel Keryn (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
20.00 - MONSTER IN THE CLOSET - Bob Dahlin (EUA)
v.o. ing. - G - m/ 18 anos
22.00 - TROMA'S WAR - Michael Herz e Samuel Weil (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
24.00 - TOXIC AVENGER 1 - Michael Herz e Samuel Weil (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01.45 - TOXIC AVENGER 2 - Michael Herz e Lloyd Kaufman (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
14.15 - OS QUATRO CACHORRINHOS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 - LOST IN AMSTERDAM - Pim de la Parra (Holanda)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
18.00 - LA BANYERA - Jesus Garay (Catalunha)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
20.00 - BAD TASTE - Peter Jackson (Nova Zelândia)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
22.00 - DIAMOND SKULLS - Nick Broomfield (G.B.)
leg. port. - C - m/ 18 anos
24.00 - L'ETOILE - Peter del Monte (Itália)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
14.15 - PINÓQUIO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 - BIG MONEY - Vit Omer (Checoslováquia)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
18.00 - MOONLIGHT SONATA - Olli Sohlén (Finlândia)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
20.00 - THE HORROR SHOW - Richard Schickel (EUA)
leg. port. - G - m/ 12 anos
22.00 - I WANT TO GO HOME - Alain Resnais (França)
v.o. fran. - C - m/ 16 anos
24.00 - EARTH GIRLS ARE EASY - Julien Temple (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
14.05 - TARAN, O CALDEIRÃO MÁGICO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
16.00 - REFLECTIONS / VEC YIDENO - Goran Markovic (Iugoslávia / G.B.)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
17.30 - MATAR O DRAGÃO - Mark Zakharov (URSS)
leg. port. - CAE - m/ 12 anos

22.00 - SLUGS - Juan Piquer Simon (Espanha) (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
22.00 - BLACK RAINBOW - Mike Hodges (G.B.) (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
24.00 - ELVIRA, MISTRESS OF THE DARK - James Signorelli (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 9/2 SEXTA-FEIRA
14.05 - MARY POPPINS - Robert Stevenson (EUA)
v.o. port. - RWD - p/ todos
16.30 - THE RIFT - Juan Piquer Simon (Espanha) (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 18 anos
18.00 - FRIDAY THE 13TH - THE SERIES - David Winning (Canada) (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 18 anos
20.00 - DEAD HEAT - Mark Colclough (EUA)
leg. port. - CAE - m/ 18 anos
22.00 - BILL AND TED'S EXCELLENT ADVENTURE - Stephen Herek (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
24.00 - FILME SURPRESA
leg. port. - AE - m/ 18 anos
02.00 - THE KISS - Pen Densham (Canada)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
03.30 - OPERA - Dario Argento (Itália)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 10/2 SÁBADO
14.15 - WATCHERS - John Hess (Canada)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
16.00 - THE LOST BOYS - Joel Schumacher (EUA)
leg. port. - AE - m/ 16 anos
18.00 - THE STEPFATHER - Joseph Ruben (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
21.30 - SESSÃO OFICIAL DE ENTREGA DE PRÊMIOS
THE COOK, THE THEIF, HIS WIFE AND HER LOVER
Peter Greenaway (G.B.) leg. port. - AE - m/ 18 anos
24.00 - THE SEVENTH SIGN - Carl Schultz (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
01.45 - THE BLOB - Chuck Russell (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 11/2 DOMINGO
14.05 - WILLOW - Ron Howard (EUA)
leg. port. - SE - m/ 12 anos
16.00 - BEETLEJUICE - Tim Burton (EUA)
leg. port. - SE - m/ 12 anos
18.00 - PET SEMATARY - Mary Lambert (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
20.00 - CHILD'S PLAY - Tom Holland (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
22.00 - DIE HARD - John McTiernan (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
24.15 - THE SERPENT AND THE RAINBOW - Wes Craven (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
CINEMA LUMIÈRE SALA A
DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
15.00 - ELVIRA, MISTRESS OF THE DARK - James Signorelli (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
17.45 - BRANCA DE NEVE - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - LA LUNA NEGRA - Imanol Uribe (Espanha)
v.o. espanhol. - C - m/ 16 anos
23.45 - PREDATORY - John McTiernan (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 18 anos
DIA 3/2 SÁBADO
15.00 - L'ETOILE - Peter del Monte (Itália)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
17.45 - OS 101 DALMATAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - EARTH GIRLS ARE EASY - Julien Temple (G.B.)
leg. port. - AE - m/ 16 anos
23.45 - NIGHTMARE ON ELM STREET 3 - Chuck Russell (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 18 anos
DIA 4/2 DOMINGO
15.00 - ROBOJOX - Stuart Gordon (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
17.45 - DUMBO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - PRISON - Renny Harlin (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
23.45 - A MOSCA - David Cronenberg (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 18 anos
DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
15.00 - FIREFLY - Ismail Guner (Turquia)
leg. port. - SO - m/ 12 anos
17.45 - ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - SESSÃO ESPECIAL
THE VANISHING - George Sluiter (Holanda)
leg. ing. - C - m/ 16 anos
23.45 - BLADE RUNNER - Ridley Scott (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
15.00 - A COR DA GRANADA - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
17.45 - TARAN, O CALDEIRÃO MÁGICO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - SESSÃO ESPECIAL
INVENTORY - Krzysztof Zanussi (Polónia)
leg. ing. - SO - m/ 16 anos
23.45 - COMPANHIA DOS LOBOS - Neil Jordan (G.B.)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos

DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
15.00 - LENDA DA FORTALEZA DE SURAM - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
17.45 - OS QUATRO CACHORRINHOS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - DIAMOND SKULLS - Nick Broomfield (G.B.)
leg. port. - C - m/ 16 anos
23.45 - BRAZIL - Terry Gilliam (G.B.)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
15.00 - OS CAVALOS DE FOGO - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
17.45 - PINÓQUIO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - SESSÃO ESPECIAL
ASHIK KERIB - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
23.45 - DUNE - David Lynch (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
CINEMA LUMIÈRE SALA L
DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
18.00 - EVIL DEAD 2 - Sam Raimi (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
24.00 - A CASA ENCANTADA - Alfred Hitchcock (EUA)
leg. port. - RSC - m/ 12 anos
DIA 4/2 DOMINGO
24.00 - NIGHTMARE - Diversos realizadores (EUA)
leg. port. - G - m/ 16 anos
DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
18.00 - FANTASMA DA LIBERDADE - Luis Buñuel (França)
v.o. fran. - SC - m/ 12 anos
24.00 - MASSACRE NO TEXAS - Tobe Hooper (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
18.00 - CHARME DISCRETO DA BURGUESIA - Luis Buñuel (França)
v.o. fran. - SC - m/ 12 anos
24.00 - THE HORROR SHOW - Richard Schickel (EUA)
leg. port. - G - m/ 12 anos
DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
18.00 - ESSE OBSCURO OBJECTO DO DESEJO - Luis Buñuel (França)
v.o. fran. - SC - m/ 12 anos
24.00 - LEATHERFACE - Dwight Little (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
18.00 - WAR - Michael Herr e E. Kaufman (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
24.00 - NIGHTMARE ON ELM STREET - PART 5 - THE DREAMCHILD
Stephen Hopkins (EUA) v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
AUDITÓRIO DO INSTITUTO FRANCÊS
DIA 2/2 SEXTA-FEIRA
10.00 - ANDRIEUX - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
DIA 5/2 SEGUNDA-FEIRA
10.00 - O PRIMEIRO RAPAZ - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
DIA 6/2 TERÇA-FEIRA
10.00 - CURTAS METRAGENS A CONCURSO - (Diversos países)
sessão com cerca de 3 horas - m/ 12 anos
DIA 7/2 QUARTA-FEIRA
10.00 - RAPÓDIA UCRANIANA - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
DIA 8/2 QUINTA-FEIRA
10.00 - PEQUENA FLOR NA ROCHA - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
ALGUMAS INFORMAÇÕES ÚTEIS
CONDIÇÕES DE ACESSO AO A. N. CARLOS ALBERTO
Bilhete normal: 300\$00
Cadereta de 10 bilhetes bônus: 2.500\$00 (Limitado)
Cartão de participante: 10.000\$00
Pelo sistema de cadereta bônus cada entrada custará 250\$00
As senhas, a adquirir na Bilheteira do Auditório Carlos Alberto, podem ser trocadas, como se de dinheiro se tratasse, para qualquer sessão nesta sala. Exceptuam-se as sessões de abertura e de encerramento do Festival, para as quais os detentores destas senhas deverão comprar bilhete normal. As senhas não têm devolução.
Os sócios do FANTASCLUBE têm direito a um cartão de participante que podem levantar no dia 1 de Fevereiro na recepção FANTASPORTO '90.
Inscrições para novos sócios do FANTASCLUBE na sede do CINEMA NOVO
Rua Diogo Brandão, 87. Sócios Individuais 7.500\$00
Sócios Colectivos 25.000\$00 (INSCRIÇÕES LIMITADAS)
NOTA IMPORTANTE
Durante todas as sessões do FANTASPORTO '90, TODOS os lugares são marcados, incluindo cartões de participante, imprensa e convidados. Por favor facilite o trabalho da organização e sente-se no SEU lugar. Obrigado.
Recepção FANTASPORTO '90
Rua das Oliveiras, 43 (em frente ao Cinema Lumière)
CÓDIGOS / ABBREVIATURAS
AE - Antestreia Nacional
C - Competição AE
RWD - Retrospective Walt Disney
G - Gore
SE - Sessão Especial
RSP - Retrospective Serguei Paradjanov
10AF - 10 Anos Fantaspporto
SO - Sessão Oficial Informativa
RCS - Cinema e Surrealismo
Desp. ANTONIO FERREIRA - Edição MARCA - ARTES GRAFICAS - PORTO 1990

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.35 - CASINO ROYAL

2º Programa: De regresso ao Casino Royal, num fabuloso ambiente à moda esplendorosa dos Anos 40, veremos o que Artur Royal, Cachucho e a espiã russa Natacha Seminova pactuam nos tenebrosos esgotos do edifício. No grande salão, Maricarmen Per Supuesto continua a encantar as audiências, enquanto o "croupier" Antímio Trafaria continua, com a mesma habilidade, a controlar a roleta. Trata-se, como já adivinharam, do segundo episódio da série humorística escrita e protagonizada por Herman José, que conta com as interpretações de Anabola, Filipe Ferrer, José Pedro Gomes, Lídia Franco, Margarida Carpinheiro, Nuno Melo, São José Lapa e Victor de Sousa. Nuno Teixeira realiza esta produção de Isabel Fragata e Luís Fialho Rico. Os cenários são de António Alfredo, enquanto o guarda-roupa é da responsabilidade de José Manuel Costa Reis. A música e a orquestração estão a cargo de Pedro Osório.

- 22.40 - QUASE ADULTOS
23.40 - 24 HORAS
00.10 - REMATE

RTP-2

- 16.55 - OS CINCO
20º episódio



O "Casino Royal" de Herman José volta a atacar: a partir das 21.35, no 1º Canal



Jacinto Ramos no 2º Canal, em "Cantando Espalharei...": começa às 20.30

- 17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
28º episódio: Diogo discute com o pai e diz-lhe que se vai embora, pois acha que ele lhe esconde algo muito grave.

No entanto, Godoya convence-o a ficar. Cecília tenta levar Eugénia a confessar-se autora da "macumba", mas inutilmente. O padre Rozendo resolve conversar com ele. Dirige-se, em seguida, à casa de Estefânia para expressar a sua dor confortando-a como pode, e oferece-se para levar a Bob uma mala e um roupão deixados em casa de Suzie por esquecimento. Combinam jantar nessa noite, mas Norman encontra Bob num bar e acompanha-o numa bebida.

- 18.30 - NAS ENTRELINHAS
19.15 - DOCUMENTÁRIO
19.40 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - CANTANDO ESPALHAREI

2º programa: Acompanhado pelo Coro do Banco de Portugal, Jacinto Ramos lerá, no jardim do Palácio de Monserrate, na Casa-Museu José Régio, no Café Nicola, nas ruínas do Convento do Carmo e na Estrada da Pena, poemas de Álvaro de Campos, Cesário Verde, José Régio, Fernando Pessoa, Mário Cesariny de Vasconcelos e Sophia de Mello Breyner. Realização de Lauró António.

- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - FESTIVAL DE TEATRO DE LISBOA

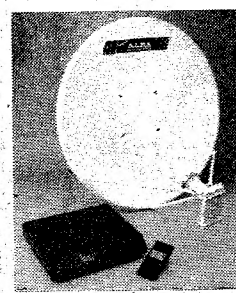
Sete companhias estrangeiras e duas nacionais garantiram o programa teatral dos "Festivais de Lisboa/89", organizados pela Câmara Municipal. Um documentário produzido por Arlete Perdigão e realizado por Fernando Midões.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75
ALGÉS

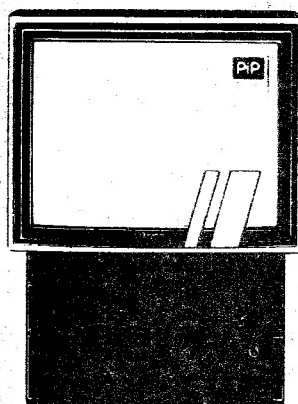
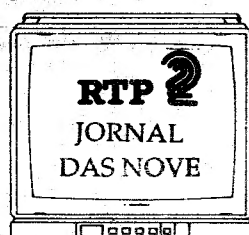
AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - DALLAS
14.15 - PALAVRAS CRUZADAS
15.15 - OS PLANETAS
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
22.05 - CRÓNICA DO CRIME
22.55 - 24 HORAS
23.25 - REMATE

RTP-2

- 15.01 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.40 - MUSIC BOX
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
20.20 - CINEMAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
"O Local do Crime"

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...● BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

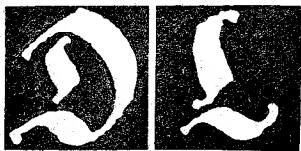


AOS CONDUTORES

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao sair devem fazê-lo sempre do lado do passeio."



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



«Estão muito enganados se pensam que vou ser um presidente corta-fitas...»

Álvaro Cunhal, «Expresso», 27.01.90

A PERGUNTA DO DIA



António Vitorino
Juiz do Tribunal
Constitucional

A defesa do mecenato partidário não entra em contradição com o princípio, por si preconizado, de limitação de donativos com fins estipulados?

«Considero que se justifica que haja um maior campo de financiamento particular dos partidos com base em donativos de pessoas individuais e colectivas, mas esses donativos não podem estar sujeitos a finalidades pré-fixadas pelos doadores. Isso é possível desde que cada partido seja obrigado a registar os donativos particulares nas contas anuais, e desde que estas sejam objecto de julgamento pelo Tribunal de Contas. Este sistema permitiria o conhecimento público de quem contribuiu para o financiamento dos partidos, do seu montante e da conformidade à lei desse mesmo financiamento».

Terça-feira no

Diário de Lisboa

A crónica
de Umberto Eco

O auto-retrato
de Pedro Tamen

Artigo de
Luís Sttau Monteiro

Abertura a Leste
em Grande Angular

«Um diagnóstico
pessimista
sobre o futuro
da perestroika»
por Z

A PLAUROS A...

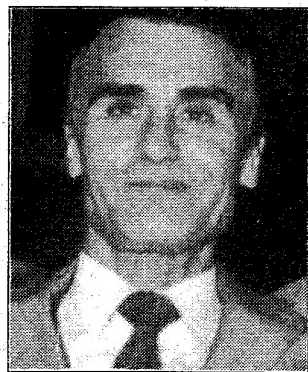
Álvaro Barreto, pela galhardia e coragem ética de regressar à presidência da administração da empresa de celulose Soporcel, que ajudou a fundar. Vozes, decerto malévolas, dizem que o ex-ministro da Agricultura foi o grande responsável pelo alargamento do plantio do eucalipto em Portugal. A invasão da espécie australiana tem-se mostrado imparável, de tal modo que não irá faltar matéria-prima para alimentar a sua empresa. Depois do plantio vem a colheita...

Cinemateca Portuguesa, pela excelente programação que vai apresentar este ano. Não é que seja a primeira vez. Mas, talvez por isso, mereça um realce especial. Há 32 anos que é a fiel depositária da nossa memória cinematográfica e a tela privilegiada de retrospectivas e antestreias. Primeiro pela mão de Félix Ribeiro, agora com Luís de Pina e Bénard da Costa, a Cinemateca não tem parado. Para este ano anuncia ciclos de Rivette, Schroetter, Wharol e Fellini e o *Audiodisual 90*. Só falta descentralizar esta divulgação.



CINEMATECA
PORTUGUESA

& PATEADAS A...



Cavaco Silva, pela dificuldade em marcar a distinção entre a sua qualidade de primeiro-ministro e a de presidente do PSD durante a visita a Portugal de Jonas Savimbi. É conhecida a posição do Governo português de se relacionar apenas com o Governo de Luanda, não reconhecendo a Unita como interlocutor. A atitude é compreensível quando se diz que o relacionamento Estado a Estado se faz através dos respectivos executivos. Já não é compreensível quando Cavaco Silva se recusa, na sua qualidade de primeiro-ministro, a receber Savimbi, mas depois é o assessor diplomático de S. Bento que aguarda o líder da Unita na sede do PSD...



Macário Correia, pela minimização dos efeitos da maré negra que assolou a Madeira e pelo atraso na implementação de medidas eficazes de prevenção e combate à poluição. Ainda está por saber o que (não) foi feito após o acidente ocorrido o ano passado na costa de Sines. Desta vez, parece que a maré negra apanhou todos de surpresa, pois foi precisa uma semana para se dar conta do derrame de crude. Algo vai mal, pois até o responsável pelo Departamento de Resíduos Tóxicos da CEE se manifestou preocupado, esta semana, pelo deficiente combate à poluição em Portugal...

A QUALIDADE INDUSTRIAL:
UMA FILOSOFIA
PARA OS ANOS 90



O DL conta-lhe tudo
amanhã no

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA

TERÇA-FEIRA



Porque hoje é segunda

Enganamo-nos sempre sobre Kafka. Cheguei a esta conclusão ao ler duas novas biografias e um ensaio sobre o autor de O Processo. Enganamo-nos sobre Kafka, mas enganamo-nos com interesse. Nessa matéria os enganos sucessivos descobrem uma teia contraditória, a matriz da ambiguidade, o Kafka em nós próprios, em doses diferentes.

Kafka ou a patologia da angústia? Sim, diz um dos autores da biografia, Claude David, mas completa que durante longos períodos o escritor compensou os seus abismos com um comportamento absolutamente normal, com uma actividade banal e rotineira. Lembrei-me disto quando, há pouco tempo, na sua cidade natal, Praga, um grande «kafkiano», o professor Eduardo Goldstucker, me desvendou que tinham sido encontradas uma dúzia de cartas que o autor, já muito doente, escrevera à sua mãe. Nelas falava frequentemente dos alimentos que ela lhe enviava de Praga a Berlim. Segundo o meu interlocutor, não são raras as frases como «mãezinha, a manteiga era excelente».

Metafísica da manteiga, como a metafísica do chocolate de Pessoa? Ou apenas um modo de comunicação possível em que «a manteiga excelente» funcionava como uma metáfora de ternura, tendo ele dificuldades em exprimi-la de outra maneira? Talvez ainda outra coisa: a simples delicadeza de se mostrar reconhecido, agradecido.

Kafka era um homem bom? Encontro, como eventual resposta, uma frase terrível sua, do romance menos apreciado, mas não menos interessante, *América*: «A bondade pura tem origem na ausência de análise.»

A literatura de Kafka, tão subjectiva, decalcada da vida pessoal, autobiográfica no sentido lato, deixa-nos, no fim de contas, mal informados, produzindo o efeito de anonimização, de distanciamento: porém, cada leitor nela pode encontrar o espaço da sua própria interioridade.

Falas hoje de K., porquê? Por nada. Por ser uma segunda-feira, o dia pelo qual nunca devia começar a semana, como afirmou um dia ao seu colega de escritório, o funcionário modelo, Franz Kafka.

Jorge Listopad

PENSAR LISBOA

J. P. Martins Barata



Pedidos
No seu livro ou directamente a
Livros Horizonte, Lda - Rua das Chagas, 17 - 1.º Dt.º 1200 LISBOA

queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal

Preço de capa: 800\$00

Nome
Morada
Código Postal

Telef.:

Edição
Livros Horizonte
Tel.: 36 69 17/36 85 05

Distribuição
DIGILIVRO - Lisboa tel.: 99 22 00/01/02
MOVILIVRO - Porto tel.: 57 89 37/57 85 94

A.M.A.

Auto Monumental do Arquivo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75